

NO III N.º 149

23

MARÇO

1944

PREÇO AVULSO

SC. 1\$50

O cinema português perdeu uma vedeta

GRAÇA MARIA

É AGORA UMA SENHORA CASADA!



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O nosso sensacional concurso: MARIA SIDÓNIO à frente da classificação geral!

RUA ESQUECIDA

V

O «Batatinhas» tem mau génio. As vezes, chega a casa, irritado, nem se sabe porquê e desanca a mulher, ferozmente, até a pobre-zinha cair para um canto, sem forças...

E o «Batatinhas» com os olhos rajados de sangue, vai sentar-se no seu banco tóxico e resmunga: — Ora, a malvada...

Para ele, nesses momentos, tudo é malvado. A mulher, os dois filhos, o cão magrizona afastam-se, temerosos já das suas raivas.

Porque conhecem o «Batatinhas» — sabem que ele não está bêbado. E isso é o pior. No seu estado normal, o «Batatinhas» tem, de facto, mau génio.

A gente da rua ainda se lembra das velhas rixas que o «Batatinhas» organizava à porta de casa, nas horas de maior concorrência.

De repente, dava-lhe uma fúria e ele atirava-se ao primeiro, de navalha em punho, chamando-lhe malvado.

A polícia do sítio nem lhe ligava. Quasi todos os dias, o «Batatinhas» passava pela esquadra. Mas como tinha uns modos especiais de chorar e de se lastimar, vinha sempre em liberdade. Excepto na noite de Natal. Dizia-se até que o «Batatinhas» dera navalhadas num homem. Todavia, pouca gente acreditava nisso. «Tudo qu'ele grita é fumo sem pólvora!» — dizia o Santinho da taberna — «Ele tem um coração mesmo bom»...

E o Santinho quando repete essas palavras a respeito do «Batatinhas», lá sabe as suas razões. São amigos de há muitos anos, desde os tempos em que aquela rua era a melhor dos sítios. E o «Batatinhas» continua a ser o mais assíduo frequentado da Taberna do Santinho.

Quasi todas as noites vai lá embesbedar-se. Sim, porque de noite ele anda bêbado, geralmente.

E, de qualquer maneira, é a alegria da rua. Canta quadras de sabôr popular, recita monólogos, muito antigos, muito antigos, faz bailados esquisitos. Numa noite, até quis cantar uma serenata à menina Fernanda.

Sobretudo, sempre que está assim, bêbado a cair, o «Batatinhas» não se mete com pessoa alguma. Trata todos os homens por «cavaleiro» e todas as mulheres por «madama». Tem apenas um estribilho: perguntar que horas são, logo que vê alguém perto de si.

E, em casa, enche-se de verdadeira ternura. Brinca com os filhos, dá dinheiro à mulher, chama-lhe «minha Santa» e ele próprio vai preparar a comida para o cão magrizona.

Por isso mesmo, o Santinho tem as suas razões ao falar no bom coração do «Batatinhas». O pior é depois — quando a bêbedeira começa a passar. A mulher, os filhos e o cão fogem logo... Já sabem que, daí a pouco, vai haver zaragata.

No seu estado normal, o «Batatinhas» tem sempre mau génio. E para ele tudo é malvado. A vida é canhotal!

GENTIL MARQUES

(Cinco apontamentos do romance «RUA ESQUECIDA»)



LONGE vai já o tempo dos Torneios feudais, em que se dermia na liça a verdade e a razão sustentadas pela força das armas e pela superioridade da valentia.

Longe vai já, de facto. Mas, nem sabemos bem porquê, aqui estamos hoje a recordar essas épocas passadas em que os homens discutiam os seus pontos de honra, os seus orgulhos feridos e até as suas ambições desenfreadas, não, em campo aberto, com canhões e bombas, mandando impiedosamente mulheres, velhos e crianças indefesas mas, sim, dentro duma arena fechada, onde, corpo a corpo, mostravam à multidão ávida de luta qual era o mais forte e, portanto, qual tinha a justiça por seu lado. Sim, porque ontem, como hoje, como amanhã, como sempre — a justiça está do lado da força!

Usava-se, então, o chamado «Combate Judiciário». Em que consistia ele?

Apenas nisto: um fidalgo acusava outro fidalgo dum crime qualquer. Mas este não se conseguia esclarecer definitivamente.

Como provar, assim, a quem pertencia a verdade e a razão?

Nada mais fácil: acusador e acusado desciam à liça, vestidos de ferro, com pesadas armaduras e de lança em punho.

Batiam-se, com quanta força e quanta ousadia possuíam. E, aí do vencido. Logo que tombava no solo, sem poder resistir mais, subjugado sob o jarrête brônzeo do adversário triunfante — ele estava imediatamente condenado à morte.

Os homens desse tempo chamavam a isso a Justiça de Deus e, sem mais demoras, penduravam o vencido no alto duma fôrca.

As vezes, pela categoria dos contendores, a disputa transformava-se num espectáculo de imponente solenidade.

O rei e a Corte vinham assistir, ocupando os lugares de honra. A toda a volta, na estacada, suspendiam-se tapeçarias preciosas e riquíssimas.

Pouco depois do rei chegar, iniciava-se o espectáculo e o entusiasmo da multidão subia de intensidade.

Um arauto, envergando sumptuosa dalmática de ouro, dirigia o combate, em nome da autoridade.

E, ao tópo do campo, numa tribuna guarnecida por guadamecias e estofos historiados, os juizes assistiam, impassíveis, mudos, solenes e aguardavam o julgamento supremo, a justiça de Deus.

Depois, era o combate — o choque brutal de duas massas de ferro, uma contra a outra, numa fúria selvagem, sobre-humana, para a vida ou para a morte.

Recordam-se os "doze" de Inglaterra...

É certo, agora perguntará, talvez, o leitor: e quem defendia a honra das crianças, das mulheres dos velhos?

A resposta a essa pergunta é precisamente este nosso pequeno artigo de evocação.

Paladinos de nobreza, cavaleiros andantes andavam de terra em terra desafiando as almas maquiadas criminosas e injustamente.

D. Quixote não foi um mito. Foi uma imagem do seu tempo. E a história está cheia de lances de sacrifício e de fidalguia, de bondade e de idealismo.

Podíamos apontar os nomes de Palmeirim de Inglaterra, do Arnatis de Gaula, do enamorado «Cavaleiro da Ponte» e de muitas outras figuras, meio lendárias, meio históricas que ofereceram à posteridade exemplos grandes de bravura e de galanteria.

Mas de entre todos, achamos justo destacar o nome e a fama desses extraordinários «doze de Inglaterra» — dos mais ilustres cavaleiros portugueses que comandados por Álvaro Gonçalves Coutinho, o «Magriço» que partiram de Lisboa para Londres afim de desafrontar doze damas inglesas, ultrajadas pelos seus compatriotas.

E lá longe, nessa Inglaterra distante, os doze portugueses, galhardos e triunfantes, varreram o campo de luta, estendendo na arena os seus adversários e erguendo um poema de bravura heróica que Camões immortalizou nos «Lusiadas»...

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

HOJE, passados três meses do que vou expôr, encontro a suficiente calma para tratar este meu assunto com a devida imparcialidade. Não faço comentários. Apenas uma pergunta: haverá por aí alguém que esteja de acordo com o que passo a descrever?

Sou sócia n.º 6.435 da Associação de Socorros Aliança Mutualista e, usando dos direitos que me conferem os estatutos, como me encontrasse doente, chamei a parteira da respectiva Associação. Pois bem: a parteira respondeu-me que não podia ir a minha casa porque a Associação não lhe pagava o suficiente. Em vista disto, dei parte de doente ao médico da mesma Associação, o qual compareceu apenas 24 horas depois. Eu estava tolhida de dores. O médico, então, receitou-me salicafaina... e não mais voltou a minha casa. Isto — pasmai senhores! — foi precisamente há 3 meses.

ROSA DE LIMA

Há na rua Maria Andrade um prédio onde instalaram uma «estação» de correios. É um compartimento apenas — pelo menos parece — dividido por um envidraçado e onde trabalham mais de meia dúzia de empregados. Tudo aquilo, porém, é vergonhoso, pela pequenês das instalações e pelo abandono em

que se encontra. Para cúmulo, o pessoal que ali trabalha em tão más condições é desatento e implacativo para com o público. Ainda há tempos, para me aceitarem uma carta registada, tive de fazer três envelopes. Primeiro, porque o envelope estava enrugado — falso! — depois porque estava mal colado e, finalmente, porque a tinta estava mal seca e o nome não se compreendia... Os empregados passam o tempo a conversar e a discutir com o público ou uns com os outros — numa sala que terá metro e meio de largo por três de comprimento — e todo o serviço corre o mais lento e desmoralizadamente possível. Eu não estou de acordo com isto e só achava bem que a Administração dos C. T. T., instalasse aquêles serviços devidamente. Talvez depois os funcionários ficassem mais bem dispostos...

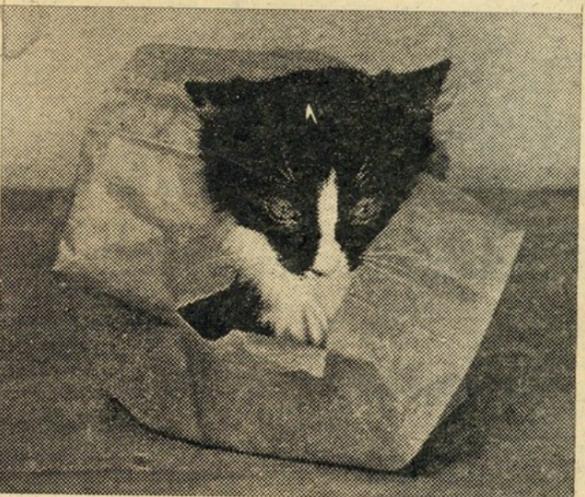
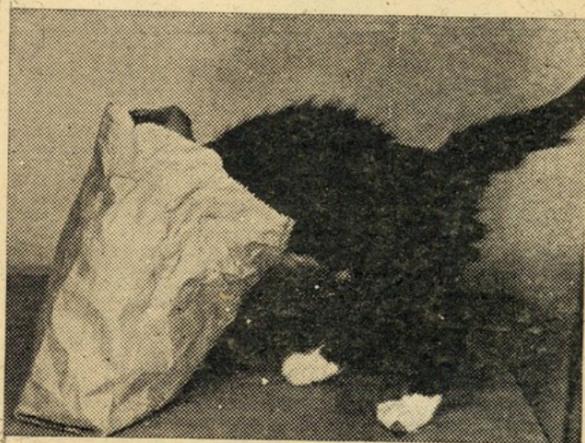
M. S. A. — Bairro das Colónias.

Não se trata, agora, e uma vez mais, de desancar nos contratadores, que bem merecem ser desancados. Mas quem pode pagar o preço de uma platéia de cinema? Sou um modesto funcionário público, casado e com um filho. É justo que, uma vez por semana, ao menos, eu que levo os dias a trabalhar, tenha e dê uma compensação aos meus, levando-os ao cinema. Mas sinceramente, os preços actuais são proibitivos.

Ou apenas os «senhores» podem beneficiar da regalia de ver um filme sentados numa cadeira?

R. S. A.

UMA AVENTURA DE "TARECO"



O que significa esta série de fotos obtidas por um fotógrafo exímio? Atendem bem, vejam só o que havia de acontecer ao «Tareco»!... Chegou diante do cartucho e pensou que podia passar para o lado de lá... Enfiou pelo cartucho dentro... enfiou, enfiou e foi sair do outro lado!... — Afinal, fiquei no mesmo sítio — diz «Tareco». Mas, enfim, o que vale é que ganhei um colar!

REPORTAGENS LISBOAS

NOITE DE ESTREIA

NÓS não somos frequentadores de estreias. Preferimos esperar, pacientemente, que os espectáculos se repitam em salões de segunda categoria ou a preços mais populares.

Mas, desta vez, deixámo-nos ir na onda. Tais coisas nos disseram que não soubemos resistir.

Ao almoço, a mulher, mal punha a sopa no prato, dizia-nos logo:

— Então, sempre vamos à estreia?

Nós fingíamos que nos escaldávamos com a sopa, e não davamos resposta. Mas a filha aproveitava a oportunidade:

— Cautela com os bilhetes... Vai a Zizi, a Mimi, a Nini, a Lólo, a Macá, a Xaré, a Tojé, a Lilu...

Quando o almoço acabava, ainda a lista ia em meio...

Enfim, tantas vezes falaram no assunto, que nos resolvemos. Muito bem, iríamos à estreia. Para mais, dizia-se que o filme fora feito por trezeitos realizadores, escrito por duzentos e dois escritores e era desempenhado por oitocentos e vinte e quatro artistas e meio. Nada mau para estes tempos de racionamento.

Portanto, na segunda de manhã, aí pelo meio-dia, saímos sorrateiramente

do escritório e encaminhámo-nos para a porta do cinema. Iamos descansados, porque aquela hora não havia mais concorrentes, com certeza, pois que a bilheteria só abria à uma hora da tarde.

Todavia, qual não é o nosso espanto quando, de repente, encontramos em frente de nós uma bicha que dava a alta à esquerda.

Santo Salomé! Lá estavam o pai da Zizi, o pai da Miné, o pai da Nini, o pai da Loló, o pai da Macá, os pais de todas as meninas cinéfilas de Lisboa.

Não havia outro remédio. Metemo-nos a bicha. Fomos atendidos às cinco da tarde, depois de sofrermos insultos e empurrões da pior espécie.

Simplemente, quando chegávamos à bilheteria, disseram-nos apenas: «Está agotada a lotação».

Aqui foi o pior. Pensámos desistir, mas lembrámo-nos das fúrias... que nos esperavam em casa, se aparecéssemos sem bilhetes. Não! Custasse o que custasse, tudo era preferível a essas senhoras donas fúrias: a mamã Zizinha e a tia Nanicha.

Então, voltámo-nos para os contratadores. Começamos por não ver nenhum.

Mas, depois, descobrimos uns amontoados de pessoas, aqui e além — e constatámos que os contratadores deviam estar no meio desses amontoados.

Enfim, às oito e meia da noite conseguimos falar com um deles. Disse-nos que não havia já bilhetes mas, compassivo, diante da nossa aflição, informou-nos que tinha uns, guardados para o senhor engenheiro qualquer coisa. Se nós lhe pagássemos bem, ele far-se-ia esquecido.

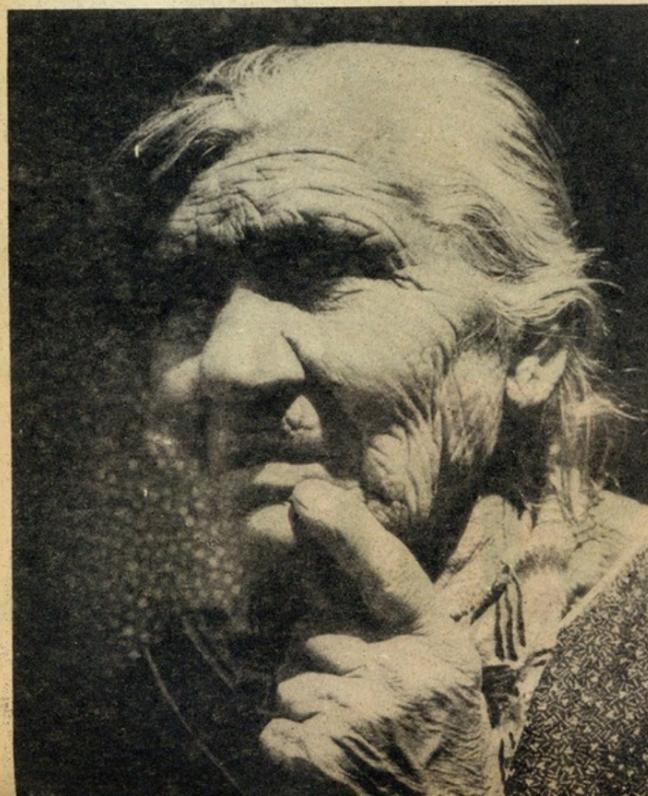
Fechámos logo o negócio. Os bilhetes saíram-nos pelo dôbro do preço habitual. Mas... era noite de estreia!

Como já não havia tempo para demoras, metemo-nos num «táxi», fomos buscar a mulher e a filha e, sem chegarmos a jantar, voltámos para o cinema, que começava às nove em ponto.

Apesar dessas pressas, só conseguimos entrar meia hora depois por causa da bicha. Lá dentro, vimos que o filme já começara. A mulher beliscou-nos todo e a filha disse-nos ao ouvido palavras elegantes.

Apenas podémós acrescentar que a saída nos encontraram, no chão, ao pé da cadeira: tínhamos desmaiado, de fome e de cansaço...

CEM ANOS!...



A frente X e a reserva da Crimeia

ENQUANTO toda a gente continua a pensar, a ver se descobre algum indício que lhe permita adivinhar onde é que será lançada a 2.ª frente — ou se poderá surgir a frente n.º 4 ou a frente n.º 5 — é na frente X que se dão os episódios de vulto mais imprevisíveis. A frente X é a frente diplomática. Turcos, irlandeses, finlandeses, búlgaros e romenos fornecem a matéria-prima para estes sucessivos lances a que não falta carácter de imprevisível. O episódio turco — que se exteriorizou com a interrupção da conferência militar anglo-turca e a suspensão do fornecimento de material de guerra dos Aliados à Turquia — tem que se relacionar com as possibilidades do bloco anglo-russo-americano para uma acção militar de envergadura na península balcânica: oportunidade adiada, possibilidade reduzida. O caso irlandês apareceu já, por seu turno, relacionado com um possível adiamento da tentativa de desembarque dos Aliados no ocidente europeu, por se ter dito que a espionagem do Eixo, fixada ainda no Eire, pudera obter informes preciosos referentes aos planos dessa operação. O caso finlandês é de outra estirpe — um belgarante «sui generis» que pretende libertar-se do peso de continuar uma campanha inválida e não sabe como há-de conciliar esse compreensível objectivo. Ao anotar-se, aqui, esse episódio da luta e as suas consequências diplomáticas, disse-se aqui também que o caso será de singular importância na evolução da atitude de outros países ligados ao Reich para a sorte da guerra, portanto de influência fundamental nos povos do sudeste europeu. Não tardou, com efeito, que se desse conta da existência de uma iniciativa búlgara, tentada na Turquia, no sentido de tatear o conhecimento das condições em que eventualmente poderia o governo de Sofia libertar-se, ele também, do jugo de responsabilidades para que só ilusoriamente se sentira apetrechado — a convicção que se formara, aliás fundamentada no curso que tinham tido até então os acontecimentos militares, da invencibilidade dos exércitos alemães. A sondagem pode ter tido o seu seguimento: dela, porém, nada veio a público que tivesse características de definitivo. Mas rompe, finalmente, o episódio da missão com que surgiu a viajar, fora da Roménia, o príncipe Barbu Stirbey, missão que, aliás, foi apontada como do conhecimento do gabinete de Bucareste. É difícil, na realidade, asseverar essa concordância. A verdade é que Bucareste, pelo menos à data de se anotar este apontamento, não desautorizou a iniciativa. O caso tem singular importância para os romenos que, tendo perdido, em 1940, as províncias da Bessarábia e da Bukovina às mãos dos russos, perderam também a província da Transilvânia — isto sem guerra — das mãos dos húngaros. As compensações seriam oferecidas à custa da Yugo-Eslávia. A invasão da Rússia pelos alemães e a comparticipação militar, nessa acção, dos países aderentes do Eixo proporcionaram à Roménia a oportunidade de fazer avançar de novo a sua fronteira oriental desde o curso do Prut até ao curso do Dniester; por outras palavras: a reconquistar a Bessarábia. Mas a questão da Transilvânia é um nó na garganta dos romenos. A província, onde a maioria da população é de romenos, foi restituída à Roménia, após a guerra de 1914-18, pelo Tratado de Trianon. Os húngaros nunca se calaram com a sua preocupação revisionista — e nisso fizeram cópula com os alemães, ao tempo em que a Roménia, integrada na Petite Entente, de que Bénés era o cérebro e a figura central, fazia cópula com os que preconizavam o «estaque quo» de Versalhes, a orgânica da S. D. N. e a segurança colectiva. As relações entre os dois países foram sempre de uma frieza desconfiada e por mais de uma vez se consideram iminentes as fricções fronteiriças. Quando a Roménia, vendo as coisas mal paradas para as potências ocidentais — amigos da vespera — se decidiu a operar em si a transformação interna que a pós a reboque do Eixo, o arbitragem de Viena, selada ainda pelo «duo» Ribbentrop-Ciano, ofereceu aos novos dirigentes de Bucareste a oportunidade de tentar o avanço a leste — quem perde paga... — mas ordenou que se transferisse para a Hungria a província da Transilvânia. Em plena guerra, feita em comum na coligação dirigida de Berlim, húngaros e romenos por mais de uma vez ergueram uns contra os outros os seus clamores. Agora, a missão do príncipe Stirbey dá novo rumo à questão. O velho e conhecido político romeno tentou contacto com os Aliados, na capital turca. Parece que ingleses e americanos evitaram a sondagem, mas o embaixador russo em Ankara teria tido outra opinião e outra atitude. Os russos, transposta já a linha do Bug e aproximando-se da do Dniester, fazem saber aos romenos que se não desinteressam das províncias anexadas em 1940, mas que, em troca, poderia a Roménia contar, de novo, com a Transilvânia. A notícia de tal atitude foi tida como de tamanha importância que a emissora oficial de Moscovo a transmitiu, na mesma noite, em dez línguas. Isto é, na altura em que as suas tropas se aproximam da Roménia, os russos procuram, na medida do possível, ganhar para a sua causa os romenos, ao mesmo tempo que espertam as tradicionais e constantes desinteligências destes com os seus vizinhos magiares. Na origem das intenções destes maneios de ordem diplomática deve filiar-se um acontecimento de ordem militar que a muitos terá parecido estranho: que os russos, no seu avanço, tivessem passado da costa do mar Azov à costa do mar Negro, com o ar de quem se desinteressava da sorte da Crimeia, que, aliás, passou a ser esquecida nos comunicados oficiais. E a Crimeia nunca foi tomada. Que aconteceu às forças do Eixo fixadas naquela península? Mistério. Um pormenor, recentemente mencionado na Imprensa francesa de Paris, pode lançar alguma luz sobre a situação, pois dava conta de que a maior parte das tropas da Crimeia era formada por divisões romenas, avaliadas de seis a dez. O conhecimento desse facto pode esclarecer as intenções de se terem os exércitos russos, aparentemente, desinteressado da batalha na Crimeia. Essas divisões, isoladas, cortadas do grosso dos exércitos alemães e cada vez mais afastadas da frente de combate, tanto podem permanecer abandonadas à sua sorte como constituir, de certo modo, uma reserva estratégica que na primeira altura pode ser lançada na batalha — pelo menos na batalha que manifestemente se trava, cada vez mais intensamente, na frente diplomática.

J. R. S.

O MAIS BELO REI...

O rei Miguel da Roménia é um dos mais belos reis da Europa. Quando há quatro anos seu pai — outro rei que pela sua beleza estava naturalmente fadado para os graves problemas do amor — abdicou, parece que definitivamente, em favor do filho, da cadeira reinante, Miguel que perdeu o amor do pai, a caminho de outros destinos, recuperou a ternura da mãe, a princesa Helena, separada do ex-rei Carol pelos mesmos motivos de amor que o levaram a casar com a senhora Lupescu.

Diz-se que Miguel sentiu muito a separação do pai — um companheiro bom do desporto e das belas digressões do espírito. Ele, porém, partiu vencido pela força do destino porque não quis pactuar com a política do Eixo, a caminho do México onde se encontra. Miguel ficou no seu pósto difícil de reinar e fazer guerra. A princesa Helena, logo regressada de Itália, cerca hoje seu filho de carinhos e faz por lhe tornar menos pesada a responsabilidade e a fadiga que sobre o seu filho quasi «enfant» caiu prematuramente. Na foto, vemos o rei Miguel e a princesa nos jardins do palácio real de Bucareste.

ROMÉNIA



BUTANTAN AO SERVIÇO DA GUERRA

O Brasil e, nomeadamente, o seu estado de São Paulo, está a prestar assinaláveis serviços à causa das Nações Unidas. A indústria, a riqueza da terra e, finalmente, a inteligência dos homens aplicada aos casos da ciência, representam, de facto, um alto expoente contributivo.

Sem o Brasil — pode hoje dizer-se — a luta no Pacífico teria sido mais mortífera e penosa, porque é com os sóros preparados nos seus institutos científicos — principalmente no Butantan, em São Paulo — que os exércitos das Nações Unidas fizeram face aos ataques terríveis das serpentes. O serpentário de Butantan é uma instituição nobre, relevante, modelar e antiga do fecundo Estado paulista. Os americanos chamam-lhe «Butantan snake farm» — e ele é bem, realmente, a quinta das serpentes. Foi fundado em 1899, cobre uma superfície de 435 hectares e é constituído por 56 edifícios onde mais de 500 especialistas trabalham.

Os serviços americanos pensaram ao princípio que, quando os exércitos tivessem transposto as perigosas florestas das regiões espalhadas no Pacífico, o perigo das serpentes teria desaparecido. Puro engano, porém. As serpentes emigram também para os terrenos cultivados. Fogem das florestas onde a vida é dura e perseguida, e vão para os campos onde perseguem os ratos daninhos. O estudo científico do problema assim pósto foi entregue pelas Nações Unidas ao Instituto do Butantan que resolveu armar os homens contra as espécies perigosas, ensinando-os a respeitar as serpentes não venenosas, que afinal tão úteis se mostravam à agricultura, devorando indesejáveis roedores.

O Instituto prepara, assim, médicos especialistas de modo que, quando os exércitos aliados avançam nas florestas, vão já devidamente instruídos e imunizados, sem excluir os cavalos.

O Butantan está a abrigar 10.000 animais — répteis e cobaias — fabricando, presentemente, todos os soros anti-serpentários. Pessoal bem adestrado recolhe o veneno das serpentes que será depois injectado como remédio preventivo ou depois da mordedura. As serpentes vivem em grandes recintos, espécie de tanques onde o empregado desse munido de uma espécie de forquilha que crava no pescoço da «vítima». Pega-lhe, então, abre-lhe a boca, com uma pinça, puxa-lhe a «gengiva» para trás e, do dente enorme e aguçado capilar, corre o veneno que é recolhido em taças de vidro e depois preparado em ampolas. A serpente fica estonteada e como que adormecida. Durante 8 dias torna-se indiferente ao meio e inofensiva,

BRASIL



para regressar ao seu «estado perigoso» logo que reúniu na boca nova dose de veneno.

Compreende-se o imenso serviço prestado pelo Brasil às Nações Unidas, se nos lembrarmos que o Butantan — foi lá que Vital Brasil preparou, em 1909 os primeiros soros anti-ófidios — conseguiu dominar o perigo das serpentes nas regiões do Pacífico, onde se assinalava a existência de serpentes, cuja mordedura é mortal.

INGLATERRA

Uma mulher em conselho de guerra

Os jornais suíços vêm com a novidade: a primeira vez, nos annos da história da Inglaterra, uma mulher compareceu diante de um tribunal de guerra.

Trata-se, ao que se diz, de uma mulher de 27 anos, de nome Frances Mc Conochie, cabo num corpo motorizado. Pelos modos, Frances ausentou-se do seu regimento, durante um mês, porque «não podia suportar a separação do noivo».

O tribunal de guerra condenou-a, como desertora, a degradação e expulsão do exército...



Uma profecia audaciosa ESTADOS UNIDOS

Henri Wallace diz o que será o mundo daqui a quarenta anos

O que será o mundo daqui a quarenta anos? Se há quarenta anos, alguém se aventurasse a fazer uma profecia deste gênero, é quase certo que se arriscaria a sofrer o desmentido cabal dos acontecimentos. Nesse prazo — de tempo, relativamente curto, a humanidade suportou os horrores de duas conflagrações que ceifaram milhões de vidas e se liquidaram por um quadro de estragos materiais incontáveis. Os homens atravessaram uma crise de que ainda não saíram, e de que só muito dificilmente sairão. As instituições foram sacudidas pelo vendaval das revoluções impiedosas. Os regimes alternaram-se no poder e as reputações, que pareciam seguras e inabaláveis, não suportaram a prova decisiva dos fatos.

Há quarenta anos a Europa vivia uma época de tranqüilidade e de paz. Não que escasseassem as ameaças de guerra. Mas ninguém acreditava que elas viessem a traduzir-se em realidades dramáticas com uma frequência tão alucinante. O resto do mundo vivia à volta da Europa, beneficiando do calor do seu espírito e da irradiação do seu progresso material.

O MUNDO DE 1914

Que resta, presentemente, do mundo que existia em 1914? Pouco mais do que recordações saudosas, devaneios sentimentais, feridas incuráveis e ruínas acumuladas. Ruíram impérios e desapareceram imperantes. Havia na Europa três dinastias soberanas: os Romanov, na Rússia; os Habsburgo, na Áustria; os Hohenzollern, na Alemanha. Essas dinastias são hoje simples páginas de história que, lidas, parecem referir-se a factos que datam de séculos. As repúblicas e os regimes democráticos, que colheram a herança desses impérios, não tiveram melhor sorte. A república de Weimar deu o seu lugar ao nacional-socialismo. Os estados sucessores do Império austro-húngaro vivem em regime de ocupação. A república socialista de Kerenski foi substituída pelo comunismo.

Os costumes afundaram-se, as idéias perverteram-se, as modas distanciarão-se, tudo se alterou numa cadência equivalente à velocidade do progresso material que fez, duma das mais belas criações do espírito do homem, o avião, a mais perigosa e destruidora das armas de guerra que alguma vez foram postas ao serviço da idéia de destruição sistemática.

UMA PROFECIA AUDACIOSA

Num artigo, que teve grande repercussão nos Estados Unidos, publicado no magazine «Survey Graphic», o vice-presidente daquele país faz uma audaciosa profecia sobre o que será o mundo daqui a quarenta anos, em 1984. O sr. Henri Wallace representa, na vida política do seu país, uma inovação curiosa. É o pri-

meiro vice-presidente que não entende o desempenho das suas funções pelo aspecto puramente decorativo. O vice-presidente dos Estados Unidos, que é simultaneamente o presidente do Senado, é tradicionalmente eleito para em caso de necessidade, necessidade que freqüentemente se tem feito sentir, assegurar a sucessão legal do presidente eleito ao mesmo tempo que ele.

O sr. Wallace não entende assim a sua missão. Por isso tem tido uma intervenção pessoal muito activa nos assuntos da vida interna e da política externa do país. O seu conflito com o ministro Jesse Jones, do qual resultou a demissão de ambos, e a sua invenção do «homem comum» são entre outros, alguns dos aspectos salientes e conhecidos da sua acção recente e dinâmica.

OS ESLAVOS E OS AMARELOS

Para o vice-presidente dos Estados Unidos o crescimento demográfico vai tornar-se um factor preponderante nos destinos do mundo. «Dentro de quarenta anos, escreve ele, a Rússia terá 250 milhões de habitantes e a Rússia com a Ásia (China, Japão, Índia) representarão metade da população do globo». Esta circunstância, que não parece inteiramente tranqüilizadora, vem compensada, no relato do sr. Wallace, por uma garantia que espera a confirmação dos factos. «Os Estados Unidos, diz ele, pode garantir-se desde já que colaborarão com a Grã-Bretanha e com os países da Europa Ocidental numa forma activa. «Mas isso não impedirá que as grandes massas populacionais em pleno crescimento na Rússia, na Ásia e na América Latina, venham a ser o factor mais considerável para a construção do mundo daqui a quatro décadas, segundo o seu parecer. Esta concepção entra apenas em linha de conta com o factor demográfico atribuindo-lhe um papel preponderante que os doutrinários do espaço vital tinham pôsto em circulação e que, como se vê, não foi inteiramente pôsto de parte.

CHECOSLOVÁQUIA

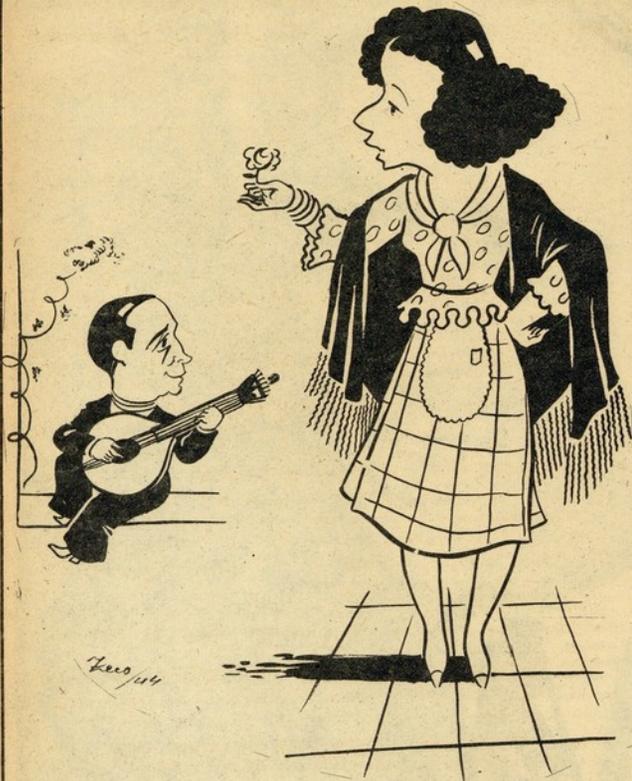
Contra a fôrça, resistência!...

SEGUNDO se pode deduzir da leitura de alguns jornais franceses, na Checoslováquia as coisas não caminham muito bem — pelo menos no campo da disciplina e obediência às ordens das forças ocupantes. Ou talvez caminhem bem, veja-mos só...

De vez quando, os aviões ingleses fazem por lá as suas incursões pacíficas: nada mais do que lançar aos quatro ventos verdadeiras ondas de impressos informando os checoslovacos sobre o que se passa na Boémia ou na Morávia, instigando, naturalmente, à revolta e à sabotagem. Então, as autoridades nazis ordenam a destruição desses impressos, sob pena de serem aplicadas graves sanções. Rápidamente, dentro da melhor ordem, os

checos apanham do chão quantos papelinhos encontram. Mas, em lugar de os destruir, distribuem-nos pelas caixas de correspondência dos prédios, com uma nota à margem, recomendando ao destinatário — desconhecido, aliás — que destrua todos os exemplares que lhe cheguem às mãos...

Esta forma engenhosa a que não falta espírito, de obedecer e desobedecer ao mesmo tempo, às autoridades, tem feito o desespero dos ocupantes que se propõem mandar arrancar as caixas de correio, privativas de cada inquilino. Mas os cheros esfregam as mãos de contentes: podem ler à vontade as mensagens de Londres — e não há melhor espírito de disciplina e cumprimento de deveres...



A maneira de Fialho de Almeida

MARÇO — Abertura da Primavera

EU estou a vê-la! eu estou a vê-la, apesar do céu tão carrancudo, e do vento que me açoita, soprando mal humorado. P'las alamedas, a natureza enche de palpações novas as espessuras; e os dias de azul lúcido vão pondo imprevisitas tonalidades nos cambiantes cinzentos da paisagem. Os ninhos festejam núpcias; e há árvores velhas que remoçam, e os seus braços, palpitantes de seiva alegre, já anseiam por outros braços. Apetece agarrar nas tintas e ir pintar, sob uma umbrela es-

carlate de paisagista, essa bacanal-de-côr, revolvendo tudo.

Eu estou a vê-la! eu estou a vê-la! Duma ocasião, num jardim de maravilha, colhi uma grande rosa branca, que me sorriu. Pareceu-me que as suas pétalas eram lábios, que me falavam. Perguntei-lhe: quem és? Ela ergueu-se na haste e disse-me: Leva-me contigo, mas não queiras saber quem sou! Era a minha primavera... Mas — ai de mim — mal a colhi, logo secou. Eu estou a vê-la! eu estou a vê-la...

A ROSA... DO VALE!

Da opereta «Rosa Cantadeira», de Amadeu do Vale, música de Frederico Valério, a subir à cena no Apolo, damos hoje em primeira mão, isto é, em primeira audição, esta linda canção:

I

Hermínia Rosa,
Silva viçosa,
Sou, pois, então...
Rosa singela,
Estrêla amarela,
Génio em boião

III

Rosa fagueira,
E cantadeira,
Qual Severa!
Eu sou a Rosa
Mais licorosa
Da Primavera...

II

Gosto do fado,
Aveludado,
De mãos de anéis,
Frases doiradas,
Histórias de fadas,
Contos de réis!

IV

Junto à guitarra
Musa bizarra
Não tenho igual...
Cantei, com graça,
Não tinha «massa»?
Meti... um «Vale»!

O governo japonês determinou, há pouco, que as «geishas» renunciassem à sua tradicional actividade de dançar e entreter hóspedes e fossem integradas nos serviços das indústrias de guerra. No oriente, como no ocidente, a guerra compraz-se em dominar tudo e todos. A esta hora, nas 4.300 casas de «geishas» existentes no império nipónico, devem-se ter apagado as últimas lanternas características — e as últimas «flores de lotus» terão trocado já os seus «kimonos» coloridos pelas fardas cinzentas do serviço militar. Esta determinação do governo japonês, melhor talvez do que nenhuma outra, mostra até que ponto o actual conflito armado está exigindo os esforços do Japão. — «Para mobilizar as «geishas», o que não irá por lá!» — diria o comandante Pinkerton da *Madame Butterfly*. De facto, a «geisha», recrutada entre as raparigas mais belas do país, educada no culto de tôdas as graciosidades, ao mesmo tempo sêda e perfume, espuma e flor, tocando, cantando, sorrindo, — tinha sido considerada até agora a antítese das realidades, tantas vezes dolorosas da existência. Não era a matéria: era o espírito; não era a vida: era o sonho. Tudo isso, neste momento, parece desfeito, sob o vendaval de guerra. Pobres bonecas em cuja boca resplandecerá porventura a palavra *Pátria* — mas em cujos olhos de porcelana, pelo primeira vez, estremecerá o orvalho duma lágrima! Mas se os homens persistem em destruir, por tôda a parte e por tôdas as formas, o que ainda há de poesia na vida — o que nos restará amanhã? Os livros de versos? Por muita poesia que eles tenham — não chega...



FATOS



Os grandes e bons exemplos devem vir do alto. Noticiam os jornais que o ministro da Guerra Económica do Governo Britânico, sr. Dalton, não

comprou ainda nenhum fado desde a «batalha da Grã-Bretanha». Não se pode exigir mais sobriedade ou, antes, melhor lição de sobriedade dada aos seus concidadãos. Faremos votos (pelo caminho que as coisas levam) por que o sr. Dalton não tenha de aparecer na rua em camisa. O tempo vai passando — e o fado vai-se gastando...

GENEROSIDADE



Há dias, numa povoação da nossa Beira, alguns sujeitos mascarados e armados de pistolas assaltaram, de noite, certa residência e obrigaram o pro-

prietário a abrir um cofre e a entregar-lhes o dinheiro e as joias que êle continha. O roubado, que estava na cama, não teve sequer tempo de se vestir para atender os seus «hóspedes». Mas como, ao levantar-se, tiritasse de frio, um dos salteadores enfiou-lhe um casaco — e ofereceu-lhe um cigarro. A saída, o chefe da quadrilha — um autêntico Zé do Telhado 1944 — notando que o assaltado ficava sem cinco reis, atirou-lhe, generosamente, algumas moedas para as primeiras despesas...

Ainda há gente séria e generosa por êsse mundo!

FORMAS POLITICAS



Num velho almanach — os velhos almanachs são, com frequência, repositório de vivas reflexões — encontramos esta história pitoresca, e a que

não falta filosofia e porventura conhecimento das realidades.

Um velho abade minhoto — contan-os almanach — dizia, um dia, numa prática aos seus fiéis:

— A única diferença, caríssimos irmãos, entre o governo do senhor D. Miguel e o governo do senhor D. Pedro, é que o sr. D. Miguel proclama ao povo: «Paga e não busfes!» — e o senhor D. Pedro: «Paga, e busca à tua vontade!»

DOIS HOMENS

E O MESMO HOMEM



O dr. João Valério — um dos nossos bons narizes humoristas — realizou na «Tábua Rasa» (a mais intelectual das nossas instituições digestivas) uma conferência «A Margem do feminismo». Creio que as disse boas e bonitas. Entre a assistência, houve mesmo algumas feministas que, atingidas pelas palavras do orador, fizeram uma manifestação de força — desmaiando. Os homens mostravam-se, porém, radiantes, segundo me disseram. Quere dizê: para os anti-feministas o dr. João Valério passou a ser o dr. João Vale Oiro; e para as feministas — o dr. João Vá... lérias!



Isto é uma estação de telefones!

É, de facto, assim mesmo. A gravura reproduz a estação telefónica de Tchouow, construída no verdadeiro estilo da velha China.

Raramente, o passado e o presente se fundiram com tamanha utilidade. E o que é mais curioso é o facto da China possuir actualmente para cima de 250.000 telefones. Isto prova, apenas, que os costumes occidentais se vão infiltrando, aos poucos, nos lendárias terras do Oriente.

UM MILHÃO DE FRANCOS...



É licito afirmar que a senhora Henriette Folken, de Dunquerque, dona dum talho, provou ter mais sorte do que juízo. Nos críticos dias de Maio de 1940 fugira de casa, na sua bicicleta, levando consigo apenas uma pequena malinha. No entanto, essa malinha valia mais do que o seu péso em ouro: continha toda a riqueza da boa senhora, ou seja, em cifras redondas, um milhão de francos. Nas vizinhanças da vila de Saint-Valéry-en-Caux, a meio caminho, entre as embocaduras do Somme e do Sena, parecia a sr. Folken que não poderia continuar a pedalar mais. Contudo, importava-se mais de salvar o dinheiro do que a própria vida, e, por isso, quando passou um outro ciclista, que era refugiado belga, e se ofereceu para ajudá-la, solicitou-lhe apenas que tomasse conta da malinha e a entregasse no município de Ruão; ela própria, dizia, esperava seguir, depois de recobrar forças. O ciclista prontificou-se a cumprir o pedido e

a sr. Folken sentou-se à beira da estrada, viu desaparecer o seu milhão, e lembrou-se depois que se esquecera de perguntar pelo nome do atencioso refugiado belga...

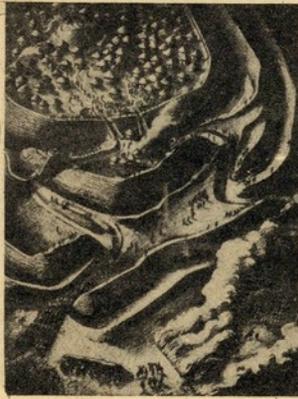
Decorridos alguns dias, a inteligente senhora chegou a Ruão e verificou — não se pode dizer com espanto — que a malinha não se encontrava na «malrie». Durante a investigação a que imediatamente se procedeu apurou-se que uma certa Madame Leroy, que vivia perto, tirara a malinha ao belga, que a entregara fielmente, sob o pretexto de a guardar. Cheia de indignação, a sr. Folken dirigiu-se à casa da sr. Leroy que, naturalmente, dizia não saber de nenhuma malinha que lhe teria sido entregue. O milhão parecia, de facto, ter sido engolido por um fantasma. Contudo, a polícia de Ruão não perdeu o caso de vista. O casal dos Leroy, sentindo-se seguro, começou a tornar-se suspeito devido aos seus gastos excessivos.

A suspeita foi suficiente para a polícia efectuar uma busca. Resultado: a malinha é encontrada dentro dum cofre de ferro, enterrado no jardim, e faltam «apenas» 77.000 francos que o desonesto casal chegou a gastar.

COCKTAIL

CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma linha Maginot... há 1.900 anos!



TINHA Maginot passou a definir sistema de fortificações defensivas. E já não dizemos inexpugnáveis... porque a Linha Maginot — a autêntica — foi vencida e ultrapassada de longe.

Mas vamos à nossa história.

Segundo investigações feitas pelo eminente arqueólogo inglês, o professor De Mortimer Wheeler, descobriram-se, nos arredores de Maiteu, em Dorchester, umas ruínas de grande valor.

Nessas ruínas encontraram-se placas de argila, com desenhos que parecem datar dos primórdios da era cristã. Representavam êsses desenhos o assalto duma cidade fortificada — e os assaltantes, pela indumentária, pareciam legionários romanos.

Então, o professor Dr. Wheeler continuou com as suas aturadas investigações, no local e em velhos arquivos e acabou por identificar a região e os desenhos na argila.

Conforme as suas sábias afirmações, tratava-se nem mais nem menos da cidade de Maiteu, cercada e atacada, no ano 43 da era de Cristo, pelos exércitos do futuro imperador vespasiano.

Mais tarde ainda, descobriram-se túmulos, esqueletos, restos de máquinas de guerra, muralhas e fossos — com os quais foi possível reconstituir as fortificações da velha cidade britânica, como se vê pela gravura que damos junto.

Ficámos assim a saber que já há 1.900 anos existiam Linhas Maginot — de grande poder e de grande fama. De facto, os celtas tinham uma confiança ilimitada no seu complicado sistema de fortificações defensivas.

Afinal, apesar da luta árdua e difícil, os soldados de Vespasiano conseguiram apoderar-se da cidade. Assim, começou, desde muito cedo, a ser desfeita a lenda das fortificações invencíveis.

Contudo, há um certo interesse em recordar que são raras as novidades do mundo e da vida. Nos princípios dos séculos, já os homens se preocupavam com a melhor maneira de realizar as suas ambições. O pior, é que, muitas vezes, essas ambições falhavam e não passavam de tristes desenganos.

Foi êsse o caso das fortificações de Mateu. E êsse o caso de muitas linhas Maginot do mundo de hoje...

OS CEGOS TAMBÉM SÃO ESCULTORES!

UMA das últimas provas feitas à sensibilidade artística dos cegos, refere-se à escultura.

Entre os alunos de algumas escolas, foram propostos temas que, na maior parte dos casos, fracassaram por completo.

Porém, dentre todos os trabalhos, surgiram algumas revelações que não podem deixar de nos maravilhar.

Aqui vos oferecemos a reprodução de três desses trabalhos:



1) *O Mártir* — Execução dum cego de 14 anos.

2) *Menino Outo* — interpretação feita por um cego-nho aleijado, com 12 anos.

3) *Rosto de Jesus Cristo* — Modelado por um cego de 16 anos.

Diante dos nossos olhos abertos, há um outro mundo que se desvendava: o mundo dos olhos fechados. Olhos sem luz — mas almas cheias de luz!

UM POMBO VENCEU UM HOMEM

FELIZMENTE, para gáudio dos amadores de curiosidades, ainda há destas notícias: não há muito tempo, efectuou-se em Londres uma grande corrida aérea entre um homem e um pombo.

Eis como o caso se passou: o senhor Robert Perkins, aviador de nomeada, ouviu falar nas extraordinárias proezas aviatórias dos pombos correlos, e resolveu competir com êles.

Assim, estabeleceu-se uma corrida entre o aviador e um dos melhores pombos correlos do país.

O trajecto havia de ser de Londres a Strond, terra natal do senhor Perkins, e media 112 quilómetros de distância.

A hora aprazada, o avião e o pombo ergueram vôo.

O senhor Robert Perkins não hesitou: deu a maior velocidade ao seu aparelho, certo como estava da vitória.

E, de facto, quando chegou a Strond foi ovacionado triunfalmente. Tinha conseguido bater um autêntico record de velocidade. Contudo, disseram-lhe que o pombo corredo havia chegado dez minutos antes dele...

PETROLEO COM IODO CLIPER'S

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao Iodo que o produto contém.



Nem um só cabelo!

Remete-se a cobrança

CLIPER'S
FRASCO 20 ESCUDOS

Pedidos aos distribuidores

LOURENÇO FERREIRA DIAS, R. Flores, PORTO — COSTA, PINTO & SANTOS, R. S. NICOLAU, 56, LISBOA

PELES

A primeira casa especializada do país.

APRESENTA:

Preciosos modelos e peles para a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha exclusivamente em peles, são dirigidos por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende a preços acessíveis.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160
Telefone 40961



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

TELEF. — 2 0244
TELEG.—PAPELCAR

Papelaria
Carlos

SECCOES DE VALORES/VELADOS E TABACARIA

de Carlos Ferreira, 4.ª

ESPECIALIDADE EM MATERIAIS PARA ESCOLARIZACAO COMERCIAL

RUA DO OURO, LISBOA

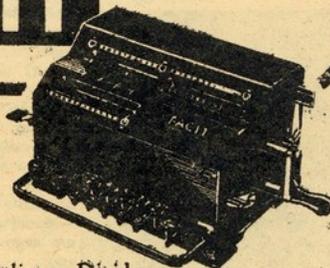
GRANDE SORTIDO DE ARTIGOS PARA ESTENOGRAFIA E ESCRITORIO



NÃO CANSE O CÉREBRO!

FACIT

PORQUE NÃO COMPRA UMA FACIT?



Somá — Subtrai — Multiplica — Divide

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, L.D.A

RUA DA PRATA, 145 LISBOA
Telef. { 2 5281
 { 2 2102

R. SÁ DA BANDEIRA, 339 PORTO
Telef. 1 248

TÃO CERTO COMO 1 E 2 SEREM 3

Torná-lo-emos rápida e economicamente. *Attes*
Guarda-livros se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis á:

INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE COMÉRCIO
Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12, 1.ª PORTO

N. B.—Não nos remeta dinheiro para sêlos



Rainha DA Hungria

3 produtos indispensáveis á pureza e frescura da epiderme. SÃO PRODUTOS



Nome Campos

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELLEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA
TEL. 21866

Viagem de outróra, que é jornalismo moderno

O duque de Chatelet em Pombal, visita o marquês

JÁ caíra em plena desgraça tremenda desvalia. o ministro famoso de D. José I. Nas expressões pitorescas d'este francês, ressurgem o homem vigoroso, o nonagenário que se havia de impor, lá de longe, até o último sópro de vida, fazendo-se valer ao extremo de lhe não tocarem na vida e nos bens — último preito da rainha «Piedosa» à memória de seu pai, d'esse D. José sem antecessor no nome e sem continuador nas obras, boas e más, pois de tudo é feito o seu longo reinado.

A entrevista do Duque de Chatelet, por este é contada com a vivacidade a que se presta a sua língua. Ouçamos, nesta página, esse documento sagaz do passado:

— Numa das viagens que fiz a Portugal, afim de ver o interior d'este País, fui visitar o Marquês de Pombal. Havia sido particularmente recomendado, recebendo-me elle com extrema urbanidade. Conhecia d'este ministro a sua grande reputação e é indiscutível o desejo que sentia de o conhecer pessoalmente.

Chegado à vila de Pombal, escrevi-lhe para saber a hora a que poderia procurá-lo. E, pelas dez horas da manhã fui introduzido na casa d'este grande homem. O Marquês era de agradável e fácil accessão. Afectava cortésmente ignorar o que se passava na Europa; e pediu-me que o informasse do que eu soubesse.

Algumas perguntas me fez sobre Portugal e, particularmente, acerca de Lisboa. Desejava saber o motivo ou acaso que me conduzia àquella canto da terra.

— Acostumado — disse-lhe eu — a viajar desde a minha mocidade, visito sempre o interior dos países, não me limitando às principais cidades ou portos de mar, onde nada se encontra de novo. Além de que — acrescentei com sentimento — desejava conhecer uma pessoa que tanto bem tem feito ao seu país!...

PROJECTOS E REALIZAÇÕES

Entrámos, pouco a pouco, em conversa franca. Convidou-me a passar com elle oito dias, obrigando-me nesse mesmo tempo a jantar e a ceiar à sua mesa. Descrevi-lhe a minha admiração acerca do estado em que encontrarei Lisboa, tendo decorrido tão pouco tempo sobre a sua catástrofe.

Respondeu-me que, então, em nada disso pensava. Sentia-se velho, só cuidava em descansar. Mas, se a Providência lhe houvesse conservado o seu real Amo, elle teria sido obrigado a prosseguir com o mesmo zêlo os empreendimentos que apenas pôde começar.

Indubitavelmente, teria lançado os alicerces de um palácio para o Rei. Descreveu-me o magnifico plano, já por elle adoptado, para

este edificio. Colocado numa eminência, junto a Belém, devia dominar o mar e a cidade. Teria sido construído no centro de um grande parque, fechado com altas muralhas, às quais se encostariam os palácios dos principais fidalgos do Paço e os aposentos das pessoas a elle chamadas por seus cargos.

O marquês de Pombal tem uma bela livraria francesa, que constantemente o entretém. Lê ou ouve ler.

O duque accentua, sem reverência:

— Fala a nossa língua como qualquer de nós. Fala igualmente bem o inglês, o alemão e o italiano.

Sempre se enternecia ao pronunciar o nome de «seu respeitável Amo».

— Elle honrava-me — dizia elle — com a sua confiança. Perdi o meu rei e o meu Amigo!

Não se vingava o marquês das ingratidões dos seus compatriotas. Contentava-se com os louvores da posteridade viva. O Marquês morreu no ano de 1782 e teve o desgosto de ver interrompida ou desfeita a melhor parte das suas obras.

AS LÁGRIMAS DE POMBAL

— É um desgosto extraordinário, a que não posso resistir. O sol já perdeu, para mim, todo o brilho dos seus raios. Nada pode indemnizar-me da sua falta.

E algumas lágrimas lhe reberentaram dos olhos. Debalde procurava eu desviar a conversa d'este tema, pois elle se renovava incessantemente:

— Aqui, ao menos — prosseguiu o meu interlocutor — eu serei feliz! Vêdes esta pobre casa? Não é minha. E este homem, acusado de só ter cuidado em si, nem uma cabana edificou para elle na sua terra.

Mostrando-me, então, um grande edificio novo, explicou:

— É um armazém, pertencente à vila. Eu fiz construí-lo, afim de guardar os grãos de que está cheio. Enfim, como Sully, viverei mais feliz no meu retiro que no meio dos

grandes e da côrte. Concederam-me que trouxesse os meus livros; e pouco me resta a desejar.

Neste momento, chegava a marquês de Pombal, a quem elle me apresentou. Ela conservava, ainda, em grande parte, os seus encantos, e vestia-se com muitíssimo gôsto.

Mas, apesar do seu talento e graça, carecia da força e coragem do seu espôso para suportar a desgraça. No tempo da prosperidade do Marquês, ella tinha a seus pés os grandes e o povo. A sua casa era uma côrte.

Na sua vaidade, não podia, agora, acostumar-se à solidão a que a desgraça de seu marido a condemnara. Abandonada de todos, sózina naquelle pequena vila, o seu consôlo estava em seus filhos.

«O JANTAR FRUGAL DE UM EREMITA...»

Nascida na Alemanha, ella possuía todo o grande orgulho das grandes famílias germânicas. A custo dissimulava a dôr da sua expatriação. Procurou esconder-me os seus pezares; mas, passados alguns minutos de conversa, os seus olhos arrazaram-se de lágrimas.

— É natural no seu sexo — atenuou o Marquês — consôla-la é, para mim, uma occupação mais; porém, seguindo o meu exemplo, em breve aprenderá a sofrer o infortúnio.

Pouco depois participavam-nos que o jantar estava servido.

— Vinde — explicava o Marquês — quinhoar o jantar frugal de um eremita.

Em lugar, porém, da refeição frugal que me annunciara, encontrei uma mesa bem servida; e, vistas as coisas, nada se me deparou que se ressentisse dos revezes da sua fortuna nem que infundisse tristeza.

O jantar foi breve; o calor era excessivo; ao sair da mesa, todos se recolheram aos quartos. E eu aproveitei o tempo para examinar o sitio que o illustre Pombal habitava. Não me pareceu tão desagradável como em Lisboa se me pintara. Tem sobre uma altura as ruínas de um velho castello: dali se descobre uma paisagem variada e pitoresca.

Saía de casa do Marquês e encontrei, à sua porta, mais de duzentas pessoas a quem se distribuía pão e sôpa. Por este modo, elle conserva grande número de amigos que o exaltavam mesmo na desgraça. Os habitantes do lugar, de um modo geral, respeitam-no ou estimam-no. Demorei neste passeio umas duas horas, as mais quentes do dia.

«O POVO DETESTAR-ME? ISSO É IMPOSSIVEL!»

Encontrei o Marquês rodeado de livros. Reatámos o fio da nossa conversa. Perguntou-me se vira a cerimonia da coroação da Rainha. Respondi-lhe que sim e que me pare-

cera feita com muita pompa e majestade.

Quis saber se eu prestara atenção aos esforços então feitos pelos seus inimigos para o perder.

Disse-lhe o que sabia; acrescentei que essa circumstancia era mais um triunfo para elle. E que as manifestações do Terreiro do Paço, provando a animosidade dos seus inimigos não menos provava a sua impotencia.

Elle ouviu-me atentamente e respondeu, com uma extrema vivacidade, que muito bem lhe assentava:

— Os falsos intérpretes do povo só dizem paradoxos! O povo português detestar-me? Isso é impossivel! As minhas açções e a minha conduta garantem-me o contrario.

E, gradualmente animado, assim prosseguiu o seu discurso que o duque de Chatelet recolheu animadamente:

— O povo português não pode aborrecer-me. E eu vos digo a razão: O que é hoje o português? O que era elle há quarenta anos? Não o habilita a jamais precisar dos seus vizinhos? Não reedifiquei uma terça-parte da cidade de Lisboa? Não se me deve a actividade e a prosperidade das classes industriais? Não. Eu considero o povo muito justo para que me possa persuadir de que elle me quisesse assassinar. Eu vos digo, no entanto, quais são os autores do, que tendes visto e ouvido no acto da coroação: os fidalgos. Aquelles que se obstinavam nas insolentes pretensões, que eu quis acabar, empregaram todos os meios para me perder. E, não podendo decentemente apresentar-se à frente do partido perseguidor, que fizeram?

— Escolheram algumas das suas criaturas e, estas, disfarçadas, corriam as praças publicas, os cafés, descrevendo-me e pintando-me com as mais horribes cores. O povo, que facilmente ilude, apoiou um ressentimento em que elle impunham o dever de tomar parte. Elle odiou-me só por lhe dizerem, que era dever seu abominar-me. E muitas pessoas, que vos conheceis, andaram entre a população, disfarçando-se, como já disse, para inventar abomináveis calúnias, as quais astuciosamente revestiam de aparências de verdade.

— Tudo o que fiz, foi por ordem de meu Amo. Nada tenho que reprecender-me. Acusam-me, em particular, de ter sido cruel. Mas é que me obrigaram a preferir os meios rigorosos. Ao anunciar as ordens do Rei, negavam-se a cumpri-las. Era mister recorrer à força. As prisões e os cadafalsos foram os únicos meios que puderam domar essa gente cega e ignorante. Os únicos que eu pude encontrar!

Assim passei cinco dias — conclue o duque de Chatelet — com este Ministro, ouvindo-lhe as mais interessantes conversações.

CONSIGLIERI SA PEREIRA



À MARGEM DA GUERRA

O ESTRANHO CASO DA ARGENTINA

EM Julho de 1942, certa individualidade de grande prestígio internacional, ao confiar a um jornal inglês as suas impressões de viagem sobre a Argentina, escrevia: «Oitenta por cento da população é anti-totalitária. Os maiores contingentes pró-nazis encontram-se, principalmente, dentro das fileiras do exército, nas classes de profissões liberais e entre a juventude académica».

Desde então para cá, os acontecimentos, até certo ponto, justificaram esta opinião e demonstraram que a situação não evoluiu de maneira considerável. Antes pelo contrário, apesar de tantas mutações nos postos de maior responsabilidade, retrogrado e estagnou...

Senão, vejamos: quando o ponto de vista acima transcrito foi exposto, terminara o seu mandato, poucos dias antes, o governo do Dr. Roberto Ortiz, considerado até hoje o último gabinete argentino de coligação, sinceramente favorável às Nações Unidas. Sucederam ao Dr. Ortiz na presidência da República, o Dr. Ramon Castillo que, embuído de idéias «semi-totalitárias», fez uma rápida depuração em todos os organismos governamentais.

O GOLPE DE ESTADO RANSON-RAMIREZ

Mas o Dr. Castillo não foi feliz no seu mandato governamental. Poucos meses depois de ter subido ao poder, um golpe de estado militar derrubava-o irremediavelmente, obrigando-o a refugiar-se a bordo da velha canhoneira *Drummond*, depois de ter assinado os termos de demissão no quartel-general do 7.º Regimento de Infantaria.

Esta revolução teve, na sua simplicidade, aspectos sério-cômicos que merecem ser relatados. Para este efeito servimo-nos de informações de fonte norte e sul-americana.

Numa bela manhã de junho de



O General Rawson, cuja demissão não chegou a ser justificada.

1943, 7.000 soldados, acampados no Campo de Maio, marcharam ao som de hinos de guerra para os arredores de Buenos Aires. Chefiados pelos generais Artur Rawson e Pedro Ramirez, este último ex-ministro da Guerra do gabinete de Castillo, os revoltosos dispararam meia dúzia de tiros nos arrabaldes da capital. Mas, quando chegaram à Calle Bladengues para se dirigirem ao campo de corridas de Palermo, já os vendedores dos jornais apregoavam a edição especial do *Noticias Gráficas* que, em grandes parangonas anunciava o êxito do golpe de Estado... E, assim, quando chegaram à Plaza de Mayo, onde está instalada a Casa Rosada, residência oficial dos Chefes de Estado argentinos, os chefes revoltosos verificaram que a polícia tinha preparado barricadas e ninhos de metralhadoras à volta do edifício, em virtude do general Domingo Martinez, chefe da Polícia de Buenos Aires, ter recebido ordem de Castillo para defender a cidade. Porém, à chegada das forças do exército, a polícia informou os dois generais de que estava ali apenas para «manter a ordem».

O general Ranson discursou, do alto duma das janelas da Casa Rosada, e explicou que o seu golpe de estado era simplesmente uma «revolução preventiva». Provavelmente, ela própria um tanto afastada do significado de uma «revolução preventiva», a multidão deu largas a uma excitação e entusiasmos prematuros e exagerados. As redações dos jornais pró-nazis foram apedrejadas e oradores improvisados preferiram discursos entusiásticos de cima dos bancos dos jardins públicos e empoleurados nas mesas dos cafés. Pouco depois, começaram a ouvir-se os primeiros gritos de «Viva la Democracia!». Porém, em breve se manifestavam também sintomas concretos de que a revolução não era democrática...

O general Rawson proclamou-se presidente e nomeou um governo composto por oito entidades militares e navais, e duas civis. Todavia, no dia seguinte, Ranson demitia-se inexplicavelmente, depois de ter libertado o chefe fascista Manuel Fresco, suprimido o jornal comunista *La Hora* e dissolvido o Congresso. Como era de esperar, o general Ramirez substituiu-o no poder e a situação política manteve-se sem alteração. Ramirez era considerado reaccionário, não tinha qualquer programa político nem dispunha do apoio de qualquer partido preponderante.

UMA REVOLTA PALACIANA

Por este motivo, limitou-se a tomar medidas internas de carácter insignificante e oportunista. Quando procurou ser mais radical em assuntos de política externa, ao

cortar as relações diplomáticas com as patências do Eixo, uma nova revolta palaciana forçou-o a afastar-se, provisoriamente, da chefia do governo, com a alegação de que o seu estado de saúde não permitia que continuasse no desempenho das funções de primeiro magistrado da nação.

Substituído pelo vice-presidente, general Edelmir Farrell, no dia 26 de Fevereiro, a formação do novo governo marcou uma vitória absoluta do G. O. U. — organismo militar profundamente reaccionário — cujo chefe, o coronel Juan Domingo Perou, foi nomeado ministro da Guerra, ao mesmo tempo que três dos seus mais íntimos amigos ocupavam cargos de grande importância como chefes da secretaria da presidência, dos telégrafos e da polícia.

Perou obteve, assim, o contróle de três postos que lhe dão força suficiente para na primeira ocasião ascender à chefia do Estado. Ambicioso e hábil político como é, o jovem coronel, que conta pouco mais de quarenta anos, não deve ter pósto de parte as suas ambições.

OS PARTIDÁRIOS DE RAMIREZ EXIGEM O SEU REGRESSO...

No entanto, como algumas forças armadas continuassem a favorecer a administração de Ramirez, no dia 1 de Fevereiro, estalou outro movimento revolucionário que, por prematuro abortou. Desta vez, foi o tenente-coronel Tomás A. Duco que, à frente do seu regimento, dirigiu a rebelião, na esperança de que os seus camaradas das restantes unidades do exército, marinha e aviação fizessem causa comum com ele.

Afinal, as coisas passaram-se de outro modo e Duco, que concentrara o 3.º Regimento de Infantaria nos subúrbios de Buenos Aires, cometeu a imprudência de entrar sózinho na capital, a convite do governo, para conferenciar com o general Farrell e Perou. A entrevista teve lugar no ministério da Guerra; mas, uma vez terminada, ninguém mais o tornou a ver.

Segundos os correspondentes dos jornais britânicos, um partidário de Duco, ao comentar esta entrevista, observou: «O nosso comandante foi ao ministério da Guerra a pedido do general Farrell que deu a sua palavra de honra que o libertaria depois das negociações. Como reféns, ficaram os dois coronéis que fizeram o convite em nome do general Farrell. E nada mais sabemos...».

Aparentemente, esta última revolta não teve a amplitude que se esperava, se bem que a marinha



O general Farrell, ministro da Marinha, Instrução Pública e depois Indigitado Chefe do Estado.

de guerra argentina tivesse exigido que os poderes presidenciais tornassem a ser entregues ao general Ramirez ou ao Supremo Tribunal.

A ATITUDE DOS ESTADOS UNIDOS

Em face de todos estes acontecimentos e das suas repercussões, os círculos militares de Washington são de opinião de que a unidade pan-americana, construída com tanto cuidado pelos Estados Unidos desde que foi formulada a política de «boa-vizinhança», encontra-se, presentemente, em crise.

A surpreendente atitude do Chile em reconhecer o governo de Farrell — e o facto do Paraguai e do Uruguai estarem na disposição de lhe seguirem o exemplo — é considerada nos países anglo-saxónicos como um desafio deliberado à política das Nações Unidas, as quais declararam formalmente que as relações com a Argentina ficariam suspensas até que o novo regime cortasse definitivamente as relações com o Eixo.

Certos observadores anglo-americanos parecem estar convencidos de que num futuro próximo os Estados Unidos e a Grã-Bretanha tomarão energias decisões no sentido de restaurar o prestígio aliado. Para este efeito, fala-se já na aplicação de rigorosas sanções económicas, e até dum severo bloqueio aéreo e naval à Argentina.



O general Ramirez será de novo chamado a ocupar a Casa Rosada?

O VERDADEIRO REI DOS ANIMAIS

É com apaixonante interesse, que investigadores eruditos têm estudado, em longos e minuciosos trabalhos, as origens deste bellissimo animal rronnante, filósofo, gracioso, indolente e voluptuoso que é o gato. Uns asseveram que foi considerado na terra dos faraós como a imagem viva da deusa Bast, filha de Osíris e irmã de Ham (emblemata do calor intemperado doce e vivificante) e, porque no tempo de Adriano se colocava um gato no reverso das moedas, atribue-se-lhe o derivar do gato egípcio *felix aegyptiaca*.

Outros asseguram que é originário da Etiópia e ter-se-ia propagado, só depois da conquista deste país por Ursetesen I, pelo vale do Nilo. Mas é bem dispensável, crêmos, esta paciente e aturada pesquisa, pois tanto importa que viesse da Etiópia ou do Egipto: isso não nos esclarece sobre as razões misteriosas da visíssima atracção que o gato exerce entre os intelectuais, nem explica a simpatia e a preferência dos mais eminentes pensadores pelo altivo bichano... Garante o famoso escritor Pio Baroja na sua obra «*Divinización del Gato*» que o gato se aproximou do homem quando este conheceu o fogo e foi o lar, e não o homem, que atraiu aquêl pequeno membro da raça felina. Seja como for, o homem de letras encontrou no favorito, o companheiro dilecto, o confidente silencioso, o amigo discreto, inseparável e insubstituível. Júlio César Machado, o infatigado romancista que, como Marcelino Mesquita, Ramalho Ortigão, Gomes Leal, Antero, o solitário Hercúlio, e tantos outros, adorava os gatos, escreveu: «Conheço um homem que estima verdadeiramente o gato, mas é um homem que vale por um cento, para tudo o que significa opinião: Camilo Castelo Branco».

Chateaubriand tinha numerosos gatos, entre eles o célebre «Mico» oferecido por Leão XII. Michelet es-

crevia rodeado duma côrte de bichanos, e foram amicíssimos dos gatos, entre outros grandes espíritos, Vitor Hugo, que não escrevia sem que o seu «Chamoine» estivesse a seu lado, Musset, Ruskin, Mauk Twain, Blasco Ibañez, Tolstói, Edmond Rostand, Lemaître, que abominava o cão pela sua «fidelité esotte», Paul Adam, Dichens, Goethe, Littré, Carlyle, Alfonse Daudet, que confessava ter escrito as páginas admiráveis das *Cartas do meu Moínho* na companhia do seu gato, Fialho de Almeida, Perez Galdós, o notável poeta brasileiro Olavo Bilac... François Coppée, o grande poeta da escola parnasiana, cantou o gato, Zola dedicou-lhe um dos seus mais saborosos trechos, e Pierre Loti revela-nos a amizade profunda que o prendia ao seu negro e veludoso «Pamock» — nome evocador dêsse Oriente que o estilista das «Desencantadas» percorreu e descreveu. Rollinat considera a gracilidade inimitável do gato a qualquer coisa de subtilmente feminino:

«*Femme, seyent, colombe et singe*
(par la grace
il ondule, se cambre et regimbe
aux doigts lourds».

Curiosa definição que nos traz à memória a imagem de Teófilo Gauthier: «La femme est une chatte et sa griffe nous tient...». Moncrif, poeta e erudito, na sua «*História dos Gatos*» considera o gato o verdadeiro rei dos animais, e Félix Pacheco, no livro «*Beaudelaire e os gatos*» afirma que o aristocrático felino possui uma activa independência e um orgulho de fidalgo. Para Alexandre Dumas, o «gato é um nobre de tipo e de origem, que se conserva impassível e neutral, desinteressado em tudo quanto se passa à volta d'ele, tanto que lhe não façam uma provocação directa pois, em tal caso, retira-se lenta e



Edmond Pilon, filósofo, escritor e crítico de arte, autor de «*Portraits français*» e de outros estudos notáveis, trabalha tendo ao lado do seu gato.

altivamente se fôr um ataque, não sem ameaçar com as garras, ou espera e observa se fôr uma carícia».

Fontenelle, o filósofo, e o romancista Paulo de Kock choraram dolorosamente, pungentemente, a morte dêsse dedicado companheiro, e Torquato Tasso, num soneto célebre pediu emprestado ao seu gato a luz dos olhos para escrever os seus versos à falta de candeieiro... («...non avendo candelle scrivere e miei versi»). Du Bellay, poeta francês do século dezasséis dedicou um poema ao seu gato *Belaud* e a duquesa de Maine escreveu interessantes redondilhas cantando a indolência aristocrática do seu «*Mariamain*». Recordemos ainda o «*Polémon*», gato querido de Saint-Beuve «*Fanfani*» de Teodoro Barrière, e aquela gata exaltada pelo nosso João de Deus na curiosa poesia que termina nestas quadras:

*Tudo no mundo sente: o ódio é prêmio
dos condenados só que esconde o inferno;
tudo no mundo sente: a mão do Eterno
a tudo deu irmão, deu par, deu gémeo.
A mim deu-me esta gata, a mim deu-me isto...
Esta fera que as unhas encolhem...*

pelos ombros me trepa e vem correndo
beijar-me... Só, não vivo! Amado existo!

Os gatos serviam de tema predilecto à musa boémia e romanesca dum Beaudelaire, à fantasia luminosa dum Flaubert, à inspiração chamante dum Ruben Dario ou dum Gabriel d'Annunzio. Taine dedicou-lhe uma maravilhosa série de sonetos e quasi o divinizou:

Dans votre coeur tranquille et dans
votre vénérable chat! la sagesse est
Innée!

Votre ronnet sans fin près de la cheminée
est l'écho bourdonnant d'un rêve harmonieux...

O gato marroquino de Merimée era o íntimo companheiro do escritor, e ao lado de Balzac ronrou «*Flavénus*» vendo cobri-se de inestricáveis garatujas as folhas de papel. Felizes dos que vivem no inferno das idéias se encontram, ao debruchar-se no tumulto da sua imaginação, a imagem sereníssima dum gato...

Assim parece bichanar-me aos ouvidos do espírito a indolência hierática do meu «*Cardial*» e a malícia eminente do meu «*Satanaz*»...

JORGE RAMOS

CINCO séculos depois de os portugueses terem varado a praia açoreana, a terra continua portuguesa — nove pérolas pequeninas e lindas, um colar vulcânico enconchado no Oceano, a 1.300 quilómetros da capital do país. Terra rica, terra boa que só chora quando os olhos azues do céu se lhe secam, os Açores não deverão tud'o o que precisam à mãe-pátria. Mas a mãe-pátria dá aos filhos o exemplo da sua modéstia — e aonde não há mirra nem incenso, que faça brilhar a brasa da esperança.

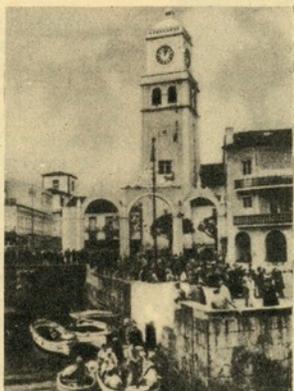


As mulheres nos Açores continuam a sua vida casta de devotas e trabalhadoras. Quando saíam à rua — naturalmente, as velhas... — embrulham-se em biocos...

AQUI, AÇORES!...

Os Açores, terra portuguesa envolvida na guerra sem contudo lhe sofrer os prejuízos, visto estar longe da acção dos aviões inimigos dos ocupantes ocasionais — dão agora inhame, ananaz, bananas, vinhos apreciáveis, frutas e licores generosos, para nós e para anglo-americanos, em troca de outros produtos cedidos pelas Nações Unidas.

A terra dos «açores» — essas aves inquietas que deram o nome ao ar-



Ponta Delgada, capital do arquipélago e gozando, como tal, de privilégios largos, tem um pórtio movimentado e pitoresco.

quipélago, começado a descobrir por Gonçalo Velho Cabral — é hoje mais buliçosa mas não menos feliz e pitoresca. A gente, boa mas rude, conserva os hábitos de sempre. Desconfia primeiro e dá-se depois confiadamente; cala-se como se fosse muda e fala depois pelos cotovêllos...

Muitos dos nossos que por lá andam a cumprir deveres de homens briosos ao serviço da pátria, queixaram-se ao princípio da solidão, porque o açoreano é de apa-



Agora que os Açores estão em contacto estreito com o mundo, por intermédio dos aviões aliados, os belo sananazes voltaram a pesar na balança da exportação açoreana...

rência insociável: trabalha e reza, não anda à luz do dia de nariz no ar, porque há nêle reminiscências castas de biocos.

No entanto, as mulheres são lindas, valem pela graça do andar e pelas formas do corpo...

Trezentos mil portugueses-açoreanos, que tantos são os habitantes das ilhas do arquipélago, esperam calmamente a hora da paz nos campos e nas águas dos seus portos. Até lá, a vida vai correndo mansamente e dentro dos costumes seculares, como as fotos representam...



Não admira que em Lisboa hajam tantos e tão bons ananazes. Nos Açores, é assim. O comércio até se faz ao ar livre...

MEIO SÉCULO DE HISTÓRIA DA VIDA DO VELHO VITAL
UMA REPORTAGEM DE MANUEL MARTINHO



FUI CRIADO DE REIS E PRÍNCIPES e servi todos os Presidentes da República!

MORA numa modesta casinha, no alto da Ajuda, e tem quasi noventa anos. Rijo, ainda muito apuramado, o sr. Vital tem o aspecto polido dum homem que pautou a sua vida pela mesura, entre damascos e alcátiças de palácio. Há perto de meio século que é criado dos palácios — desde o de Suas Majestades, na Ajuda e nas Necessidades, ao dos Presidentes, no de Belém. Aposentou-se — quando a lei lhe veio marcar o limite, mas como o seu amor ao trabalho está arraigado no espirito, ainda hoje, às quartas-feiras, quando S. Ex.^a o Presidente da República vai ao palácio, o velho Vital — figura estimadíssima por todos os superiores — ali está presente, impecavelmente fardado, com o seu ar distinto de leal servidor. Os outros dias guarda-os para a pacatez do seu lar, junto da companheira, que as alegrias que tinha — um filho e uma filha — a morte levou-os de roldão, trágicamente.

Entrou para a Casa Real depois de ter servido a tropa, com zelo e dedicação, numa altura em que, por estar prestes o casamento do príncipe D. Carlos, havia necessidade de contratar criados.

Admitido, começou a trabalhar no Palácio da Ajuda — junto da rainha Dona Maria Pia, e aí teve ensejo de assistir a grandiosas festas. Gostava imenso daquele vistoso ambiente, das condecorações, das fardas, do ouro das dragonas e das grandes faixas de seda de marqueses e duques. Chegou muitas cadeiras a gentis «damas de honra», apanhou muitos leques de condessas distraídas, ajudou a subir a carruagem velhos fidalgos que a gôta tolhia.

Sempre presente, sempre curvado, bastava um acenar ligeiro para entender o que desejavam — e que logo prontamente satisfazia. Grandes banquetes de corpo diplomático, visitas de príncipes estrangeiros, audiências severas de ministérios tremidos, tudo quanto podia ter aparato nesta órbita da política, tinha em Vital um servidor, atento a um toque de campainha, a um chamamento apressado.

Os anos rolaram. As fases políticas mudaram de direcção. Apeou-se a coroa e veio o escudo republicano; substituíram-se as côres da bandeira; a família real exilou; fechou-se o palácio da Ajuda — Vital, porém, era um empregado da nação e manteve-se no seu posto: ontem era o rei — hoje seria o presidente. E assim esteve; conheceu-os a todos — desde Teófilo Braga ao General Carmona. Assistiu a muitos episódios e tem, para todos, uma admiração profunda, um respeito inviolável que chega a comover.

* * *

Fomos encontrar o sr. Vital no amanho da sua hortazita, que a casa tem nas trazeiras. Apesar de ter aquela idade, ainda trabalha, faz compras no mercado, orienta e, como já dissemos, tódas as quartas-feiras vai ao Palácio de Belém para trabalhar. Ainda há pouco tempo, tódas as manhãs dava corda aos relógios com uma satisfação intensa que só ele, em verdadeira grandeza, poderá entender. A sala das Bicas, na entrega de credenciais, com todo o rumor lúcido de condecorações tinha, para ele, um significado especial: não era só, propriamente, o aparato dos trajos de gala, a guarda de honra — era a sua sala, tão silenciosa nos outros dias, e que o tilintar de espadas, as grandes vénias, o negro dos fraques, realçava de pompa e grandeza.

O sr. Vital é conhecido de toda a gente da Ajuda. Faz as suas compras no mercado, trata toda a gente com lisura e um sorriso nos lábios. Mas não se abre em confidências. Foi por isso que houve necessidade de — por intermédio de um grande amigo, o sr. Francisco Duarte Resina, homem muito respeitado nos sitios da Ajuda — trazer o sr. Vital até junto do repórter

e, em tom de conversa despreocupada, foram colhidas algumas impressões, perfis ligeiros de reis e chefes de Estado que o exemplar servidor dedicadamente acompanhou em viagens e mandatos.

— Entrei para a Casa Real — começa por nos dizer — num dia feliz da minha vida. O rei D. Carlos casava-se brevemente, e entre o pessoal escolhido pela rainha D. Maria Pia eu fui um deles.

O sr. Vital medita um pouco. Olha para tódas aquelas recordações que tem pelas paredes da sua salinha. Desde D. Pedro V ao último Bragança; depois, na mesma galeria — que ali não há credos políticos que separem, mas simplesmente admiração pelas pessoas que serviu — retratos de todos os presidentes — alguns com dedicatórias ao «Sr. Vital Vítor Fontes», exemplar empregado... — escreveu Bernardino Machado.

— Olhe — prossegue com entusiasmo, apontando o rei D. Carlos — quando foi o 31 de Janeiro, no Pôrto, houve angústia em Lisboa. Era a primeira tentativa forte para derrubar o regime. O rei era muito franco e bondoso — perdoava tudo, mesmo os que o atacavam; imediatamente mandou preparar tudo para partir, numa viagem ao Norte; os ministros, reuniões em conselho, fizeram pressão para que D. Carlos não partisse...

«Pois Dona Maria Pia, rainha corajosa e resoluto, foi para a Quinta da Granja, e aí esteve dando festas e grandes «pic-niques» às forças vivas do Pôrto. Foi um trabalhão, não calcula. Todos os dias se tinham de fazer grandes jantares; depois, as dependências não tinham comodidades... A rainha Dona Maria Pia sabia de tudo. Calcule o senhor que, quando havia recepções no palácio, era ela própria quem arranjava as salas. A criadagem andava numa roda-viva, tudo a postos.

O sr. Vital faz um parêntesis. Relembra episódios do Infante D. Afonso com o seu automóvel, dos primeiros que apareceram em Lisboa, o rei D. Carlos, que passava muito tempo nessa vida saudável do campo, e depois continua:

— Veio a República e o meu posto passou da Ajuda para Belém. Parece que ainda estou a ver o dr. Teófilo Braga, muito modesto e apagado, de guarda-chuva a subir as escadas compassadamente. Falava a toda a gente — e nunca deixava o seu chapéu.

— Lembra-se do dr. Manuel de Arriaga?

— Perfeitamente. A República, regime democrático, veio tirar o luzimento a certas recepções. Todavia, eu era um empregado que tinha uma missão: servir o Estado. Quando o dr. António José de Almeida veio substituir o almirante Canto e Castro, que era a delicadeza e a bondade personificadas, eu fui acompanhar o senhor Presidente ao Brasil.

— Gostou?

— Radiante. Uma viagem triunfal.

O sr. Vital fica um pouco triste. Via-se que lhe custava evocar aquêlê passo.

— Como sabe — prossegue — em tudo se metia a política. O senhor Presidente já estava a bordo do «Pôrto», um barco que era estrangeiro e ficara em nosso poder quando da guerra de 1914, e por qualquer acto de sabotagem o navio não podia levantar ferro...

«Estivemos a bordo três dias. Ouvi dizer que tinha sido a má qualidade dos carvões fornecidos. Os inimigos do senhor Presidente não queriam, à viva força, que ele fizesse aquela viagem. Pois António José de Almeida não arredou pé do barco, e uma vez, em desabafo, disse-me:

— Confiança! O que é preciso é que a República não perigue!

«Fiquei encantado com a viagem. Os brasileiros souberam receber, numa verdadeira apoteose, o chefe da Pátria-mãe!

— E, pelos seus serviços, tem elogios?

— Elogios e condecorações! — responde prontamente com o olhar brilhante de entusiasmo. Sou cavaleiro de Cristo e fui condecorado pelo Presidente da República Francesa, Emílio Loubet. Guilherme II também me deu uma condecoração. Quando o Príncipe do Mónaco esteve em Lisboa deu-me uma medalha — e a mesma dádiva me atribuiu o rei do Sião. Tenho, além das medalhas de exemplar comportamento militar e civil, oito condecorações, uma delas recente, recebida da Alemanha! O dr. Teixeira Gomes foi quem me entregou a Cruz de Cristo. Eu era o criado que lhe fazia as compras. O sr. Presidente trouxe pessoal particular — um cozinheiro estrangeiro — e desejou conhecer uma pessoa que lhe tratasse das despesas particulares, isto é: da sua casa, fora do orçamento do Estado. Fui eu o escolhido! Atrapalhei-me, claro, porque não tinha a ilustração suficiente para todos os dias falar com espirito tão elevado como era o do grande escritor e diplomata. Uma vez, de manhã, depois de ter feito certas compras e de apresentar as facturas e a demasia, retirei-me porque o senhor Presidente, nos seus aposentos, estava escrevendo e nem sequer deu por mim. Sai. Nisto toca a campainha, manda-me entrar e diz assim:

— Ó Vital! A conta não está certa!

«Pode calcular como fiquei. Tremi. Era a primeira vez na minha vida que me chamavam a atenção para um assunto de que tinha sido encarregado e merecia reparos.

«O senhor Presidente, reparando na minha atrapalhão esclareceu. É que eu tinha-me

enganado nuns escudos, mas em meu prejuízo. Respirei fundo — e o senhor Presidente não me deixou retirar sem que eu aceitasse uma lembrança. Era um homem muito estudioso, gostava de se isolar e passear sozinho. De manhã dava sempre uma volta pelo jardim. Amava as flores como artista que era e conversava com os jardineiros e com a gente humilde.

— E as revoluções?

O sr. Vital hesita. Não quer dizer nada.

— Sabe, eu estava sempre no palácio. Era o meu posto. O período de Sidónio Pais, tão agitado, fazia-me nervoso. O senhor Presidente trabalhava imenso. Duas e três horas da manhã ainda se conservava no seu gabinete, dando ordens. Sentava-se a uma secretária, com uma manta sobre os joelhos e, com os telefones junto de si, estava sempre em comunicação com os ministros.

— E Gomes da Costa? Como...

O sr. Vital não nos deixa acabar a frase:

— Estive pouco tempo no palácio. Mesmo assim, lembro-me muito bem do seu aspecto austero e da sua voz forte de comando.

O velho funcionário recorda depois a viagem que fez às Colónias, já com o actual presidente.

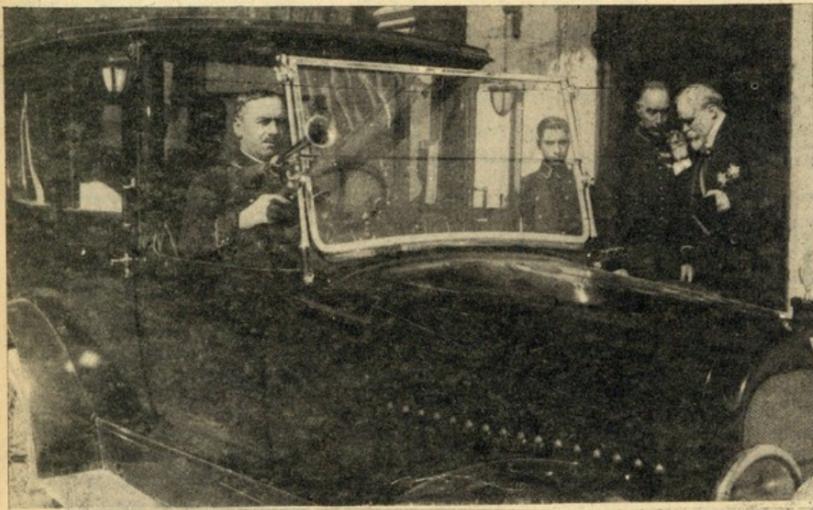
— Ainda hoje vou ao palácio! É um hábito que me dá alegria.

Traça o elogio dos seus superiores e curva-se todo diante do nome do sr. comandante Jaime Atias, secretário geral da Presidência. Vê-se, pela maneira como fala, que há nele, no enternecimento do olhar, um servilismo fiel que não conhece limites.

E não quis dizer mais nada o sr. Vital Fontes, um homem que humildemente poderia traçar os perfis de reis e presidentes, nestas coisas íntimas que o protocolo desfigura...

No alto da Ajuda, naquela casinha modesta, êle e a sua companheira — quasi noventa anos de existência alheados do mundo — vivem o seu mundo de recordações.

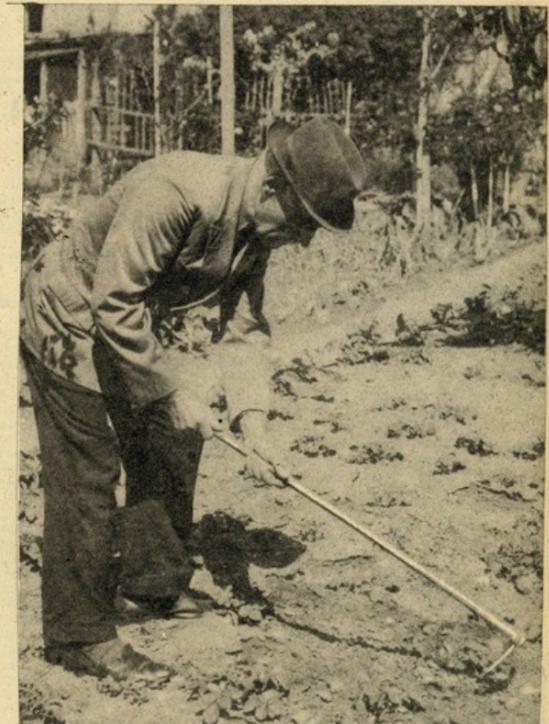
E a saúde é uma lareira que aquece e anima dois corações que sempre se entenderam uma vida inteira.



Rijo, apuramado, o sr. Vital tem o aspecto polido dum homem que pautou a sua vida pela mesura, entre damascos e alcátiças de palácio. Aqui o vemos, hirto no seu posto, à porta do Palácio de Belém, quando o Dr. António José de Almeida era Presidente da República



Outra foto do sr. Vital Fontes. Sempre o mesmo perfil de homem acostumado a servir com bons modos. O perfil de um homem que humildemente poderia traçar os perfis de reis e presidentes nas coisas íntimas que o protocolo desfigura...



Apesar de ter quasi 90 anos, este leal servidor de reis e presidentes entrega-se, nos seus vagares, a cuidar da terra da sua hortazita com uma energia que faz inveja a muitos homens mais novos do que êle...

O CINEMA E O ENSINO

ASSISTIMOS, há dias, num cinema de Lisboa, à exibição de um filme cultural, verdadeiramente surpreendente, onde o microscópio e a cinematografia se associavam para nos revelar, em todos os pormenores, a evolução dos peixes, desde o ovo até à formação do animal completo. Posteriormente, vimos, na tela de outra sala, as metamorfoses da rã, numa sucessão de imagens, verdadeiramente assombrosas. Os mistérios da Natureza, os segredos da vida, deixaram de pertencer ao mundo ignorado das coisas e são desvendados pela câmara cinematográfica com uma riqueza de pormenores, graças ao labor de sábios que viram nos recursos da Sétima Arte um novo e precioso campo da Ciência.

No entanto, o público não se interessou por estes filmes. Uma Veronika Lake, que se encontrava na plateia, confessou-me até, que fôra forçada a fechar os olhos — ela que os arregala para ver os galãs... — só para não se enjorar com os fantasmagóricos bailados das células e embriões, na luta travada para a perpetuação da espécie.

Por mim, compreendo que o grande público se desinteresse da evolução fisiológica da fauna do golfo de Nápoles, e que as Ginger Rogers das Avenidas Novas mostrem sublime desdém pelas transformações por que passa a rã, antes de atingir a fase canora e saltadora, que Disney tão bem caricaturou no «Velho Moínho». Porque, em boa verdade, estes filmes não se destinam à plateia frívola e vã de uma sala bairro, que prefere a orquestra de Harry James ao poema da vida e morte de uma rosa, e que troca um Jornal de Guerra, pelos aspectos sociais da vida das formigas... Essas plateias, por via de regra, na sua maioria, não têm cultura e formação espiritual para se apaixonar por tais assuntos. Entre a «Science et la vie» e a «Vie Parisienne» não hesitam! Vão pela última.

O que na realidade nos parece digno de lástima, é que tais filmes não façam parte dos programas obrigatórios dos nossos liceus, e que a lição prodigiosa que constituem não possa ser aproveitada pelos estudantes, forçados a recorrer apenas aos áridos tratados, onde aquilo que a imagem reproduz com flagrante evidência, constitui descritivo indigesto, tantas vezes de difícil compreensão.

O cinema educativo, com efeito, continua a ser letra morta, nos nossos estabelecimentos escolares. Dois ou três diplomas publicados, no sentido de lhe dar condições de vida, resultaram inexecutáveis, como então, previmos. Nas escolas oficiais, nos liceus, nos institutos industriais, nas Universidades — se o cinema existe, é apenas com função reduzida, e sem obedecer a um plano, que teria que assentar sobre um repertório de filmes.

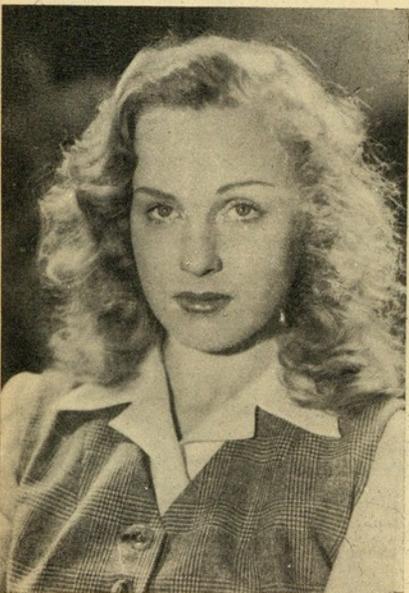
Lá fora, a tela tornou-se, há muito, em preciosa auxiliar do ensino. A América, a Itália, a Alemanha, realizaram milhares de filmes sobre todos os assuntos. A Geografia, a História, a Zoologia a Botânica, nos graus elementar e secundário, podem hoje ser ensinadas quasi exclusivamente por intermédio do «écran», com um professor a funcionar como mero explicador. Noutros campos da ciência, em grau mais elevado — no estudo da Medicina — por exemplo, o cinema é insubstituível e precioso elemento de estudo.

E, no entanto, repetimos, entre nós, tudo, em tal matéria, se encontra por fazer. Em 1901, Charles Pathé — pioneiro de cinema — ao assistir às primeiras imagens do cinema cultural, realizadas pelo Dr. Comandon, exclamava maravilhado: «O Cinema será a escola de amanhã!». A quarenta e três anos de distância, se tivesse que rectificar a profecia, deveria acrescentar — «excepto em Portugal!»

FERNANDO FRAGOSO

IRACEMA DILLIAN, uma nova estrela de cinema, vem a Portugal!

Aqui há tempos, os jornais e revistas estrangeiros falavam de Iracema Dillian, uma vedeta de categoria internacional que passara pelas malhas da rede dos jornalistas portugueses, estivera no Estoril.



Afinal, ela que já fôra estrela do cinema italiano e se encontra, presentemente, em Espanha, onde está a fazer versões espanholas de filmes que veremos em Portugal — virá, dentro de pouco tempo, ao nosso país. A estrelinha de «As 8, lição de química» e de «Aventura musical» que fez a protagonista de «Madalena zero», em comportamento, virá repousar da sua larga actividade. Entretanto, para que os nossos leitores possam compreender melhor o interesse criado à volta da gentil vedeta, eis uma nota simpática que a tornará particularmente querida dos cinéfilos portugueses: Iracema Dillian, filha de pais polacos, nasceu no Brasil e fala português!

Para recebê-la, os artistas portugueses — entre os quais Virgílio Teixeira e Óscar de Lemos que trabalha a seu lado no filme «Madalena zero» em comportamento — estão a preparar-lhe afectuosa recepção.

Esperamos que, em breve, possamos registar aqui as declarações da Iracema Dillian — a última grande revelação do cinema europeu!

CUPIDO CONTRA O CINEMA PORTUGUÊS

GRAÇA MARIA CASOU-SE e não voltará a filmar



DECIDIDAMENTE, Cupido está contra o cinema português. Depois de Maria Paula e de Milú, que abandonaram a vida artística pela tranquilidade dum lar feliz, segue-se Graça Maria! A insinuante vedeta de «Pal Tirano» e de «Fátima» casou-se no sábado passado — e abandonou definitivamente o cinema.

Quisemos ouvir Graça Maria, ao despedir-se, oficialmente, da sua carreira. Uma artista que trabalhou em tantos filmes, classificada em primeiro lugar no concurso de popularidade levada a cabo pela «Filmagem», contralou deveres para com o público. «Vida Mundial Ilustrada» tentou a entrevista, mas a intérprete de «Fôrto de Abrigo» entinchelrou-se por detrás de uma recusa cortês, mas formal — que significa um corte absoluto com o seu passado de artista cinematográfica.

A notícia, portanto, é esta: na reduzida nesga de céu do cinema nacional, apagou-se mais uma estrela, por artes de Cupido. Assistimos, assim, ao empobrecimento dos nossos já pobríssimos quadros artísticos, situação que é de molde a criar ao cinema português, os mais sérios embaraços.

Com efeito, se evocarmos as raparigas que o cinema descobriu e que chegaram a evidenciar-se, pela sua gentileza ou pelo mérito próprio, verificamos que, em regra, ao fim de pouco tempo, elas abandonaram os estúdios para constituir família, renunciando à glória caseira do cinema nacional. Assim, aconteceu com Maria Castelar, Maria Clara, Elsa Rumina, Maria Paula, Milú e agora com Graça Maria.

A política da estrela (estar power) tem sido adoptada por to-

dos os países que tomaram a sério a produção de filmes. A América, sob esse aspecto, levou a propagação das suas vedetas a tal extremo, que o mundo hoje não val ver o filme X, com as vedetas Y e Z, mas as vedetas Y e Z, no filme X. Entre nós, Milú e Graça Maria chegaram a ter um público «seus» e a constituir, portanto, para os produtores — e cumulativamente para o cinema português — um valor incontestável.

Dum dia para o outro, esses valores perdem-se — em nítido prejuízo da cinematografia nacional!

Com preêndemos, perfeitamente, que tal aconteça. O incipiente desenvolvimento do nosso cinema não contribui, de facto, para dar às nossas vedetas a certeza de que poderão fazer da sua condição de estrelas um modo de vida. E, depois, o amor, apesar do positivismo dos tempos que correm, não é uma palavra vã. Mas embora reconhecendo tudo isto, não podemos deixar de lamentar o que se passa. Que, em três meses, Cupido nos haja roubado Milú e Graça Maria parece-nos, mais que uma das suas habituais travessuras — uma autêntica partida!

Já está concluído o argumento do filme que GREGÓRIO GARCIA e NAZARÉ FELÍCIO vão interpretar

«Vida Mundial Ilustrada» deu, recentemente, em primeira mão, a notícia de que se estava preparando um filme, para ser interpretado por Gregório Garcia e Nazaré Felício.

Houve então quem pusesse em dúvida os informes dados, atribuindo-os a uma febre de sensacionalismo, que não está aliás nos processos e tradições desta revista.

Confirmamos tudo o que dissemos, podemos hoje acrescentar que o poeta Silva Tavares já concluiu o argumento — e que tudo indica que esse filme, que Artur Duarte vai realizar, entrará em produção por todo o mês de Junho.

As conversas preliminares tidas com os representantes de Gregório Garcia parecem levar à convicção de que o popular «diestro» mexicano será de facto intérprete daquela película. No caso de qualquer incompatibilidade, o filme não deixaria de fazer-se, tanto mais que vêm este ano ao nosso País alguns dos mais jovens e notáveis «matadores» sul-americanos.

A equipa técnica de «A Menina da Rádio» participará na nova película, que terá como intérpretes, além de Gregório Garcia e de Nazaré Felício, os artistas António Silva, Teresa Casal, Fernando Ribeiro, Óscar de Lemos.

O poeta Silva Tavares, ribatejano da gêmea, já registou o argumento do novo filme, que tem o título provisório de «A Vãra Larga».



A menina SHIRLEY já está uma senhora!

DENTRO de breves dias, Shirley Temple completa quinze anos. Como poderão ver pela foto, Shirley está uma senhora — e como tal nos aparece no seu último filme, realizado sob a responsabilidade do célebre produtor David O'Selznick.

Se o leitor atentar bem, descobrirá sob os traços desta adolescente, as feições da que foi, durante muitos anos, a vedeta n.º 1 do cinema americano, primazia que se reportava evidentemente ao «box-office», que é como quem diz à bilheteira. Hoje, Shirley Temple, que começa agora a despertar para a vida, encontra-se, aos quinze anos, no declínio de uma carreira que foi maravilhosa.

Mas a ex-menina Shirley não desanimou. E dispôs-se a reconquistar o lugar que perdeu. Simplesmente, ela que foi o sonho de todos os casais sem filhos, ela que foi a neta querida de todos os avós sem netos — passe o paradoxo — pretende agora ser a noiva ideal dos rapazes da sua idade, para ser mais tarde — quem sabe? — a encarnação viva daquelas mulheres por quem os homens vivem, morrem — e se perdem!...



AS IRMAS REMARTINEZ VÃO ABANDONAR A RÁDIO?

SÃO duas, como toda a gente sabe: a Fernanda e a Nini. Para o público, elas são conhecidas, apenas, pelas irmãs Remartinez. E são portuguesas, portuguesas autênticas, se bem que aquêl-a tenha ar espanholado, que cheira a verbenas e a castanholas.

E feio perguntar a idade a uma senhora. A Fernanda, a mais velha, respondeu logo:

— Tenho vinte e dois. Agora a Nini ficou a olhar o repórter, um bocadinho medrosa, um bocadinho indecisa.

— É preciso responder? — pergunta a médo. — Se não respondes, éiz diz que não quiseste dizer, e ainda é pior — insinua a irmã.

O argumento demove-a. — Tenho 19... — e, baixinho, confessa: — Tenho tanta pena de já ter 19 anos... É muito, não é?... Os olhos brilham, melgos, gaiatos. A Fernanda sorri. É tão criança, a irmã!

Fala-se de outras coisas. E, como não podia deixar de ser, faz-se a pergunta do estílo:

— Como pensaram entrar para a Rádio?

— Não pensamos — diz a Fernanda — Meteram-nos!

E a Nini conta-nos como aquilo foi: um dia, Pais Salvação, que as conhecia, pediu para que a Fernanda cantasse na «Voz de Lisboa». Isto foi há quatro anos. A Nini acompanhava-a ao piano.

— E agradeceu.

A Fernanda encolhe os ombros, e responde:

— Não sei... Provavelmente, não. Cantei tão mal! Nervos, mégo, eu sei lá!

— Mas foi no «Rádio Acordéon» que as irmãs Remartinez se estrearam, cantando em conjunto.

— Não imagina a vergonha que eu tive quando me vi diante de tanta gente! — exclama a Nini, sorrindo. — Parecia que nem podia abrir a boca! Mas, depois, sempre safu... E não foi muito mal, não é verdade Fernanda?

A Fernanda faz um jeito aos lábios:

— Eu sei lá! Estava tão nervosa que nem ouvia a minha própria voz!

— Do «Rádio Acordéon» para a Emissora foi um pulinho... mas bastante doloroso.

— Na véspera da nossa primeira emissão nem eu nem a minha irmã dormimos nada.

— Nós dormíamos no mesmo quarto — explica a Fernanda. — Nunca na minha vida tive uma insónia como aquela. Estávamos caladas, que nem ousávamos falar. Às vezes, a Nini perguntava-me: «dormes?». E eu dizia-lhe que não. Depois novamente ficávamos caladas. Pois isto durou até de manhã.

— No dia seguinte não almoçámos nem jantámos — diz a Nini. — Nós somos incrivelmente medrosas. Mas que podemos fazer contra isto?

Era o dia 4 de Abril — uma data histórica para as irmãs Remartinez e para todos os seus admiradores. Mas elas cantaram e agradaram em cheio. Choveram cartas, telefonemas. De toda a parte vinham felicitações. E foi assim...

As irmãs Remartinez já tiveram vários convites para ingressar no teatro, mas ainda não se decidiram.

— Porquê? — É uma grande barafunda — diz a Fernanda — vestir vestidos, despir vestidos, muita gente a passar para cá, para lá, os camarins, a campal nha... oh, é de enlouquecer! É uma vida muito agitada.

— E nós sómos muito pacatas — concluiu a Nini. — Todavia...

— Todavia... — ataca o repórter. — ...é possível que um dia ainda a gente se venha a decidir.

— Mas a Rádio é a nossa verdadeira paixão! — exclama a Fernanda.

Salta-se de assunto para assunto até que se chega a falar de amor.

— Isso é um caso muito sério! — murmura a Fernanda.

Já o leitor sabia que a Fernanda é casada, casada de fresco? Foi um idílio radiotelefónico, pode dizer-se. O marido da Fernanda Remartinez trabalha na Emissora, na gravação. Conheceram-se numa emissão, trocaram um sorriso, um olhar... Agora estão casados. Casados e felicíssimos — o que ainda é melhor.

A Nini explica o casamento da irmã de uma forma pitoresca:

— Não vê que lhe fumava cachimbo, coisa que minha irmã adora... — E você? — pergunta o repórter. — Quando se casa?

— Sei lá! Ainda não tenho noivo! Aqui fica a notícia para os seus admiradores.

— Mas quando eu casar abandono a Rádio. Acho que uma mulher casada tem outras coisas em que pensar...

O repórter fica a hesitar, sem saber se lhe há-de desejar um casamento breve ou se, ao contrário, a prefere ver tia e solteirona toda a vida, só para não deixar de ouvir a sua voz. Mas, enfim... é o amor. E o amor, como disse a Fernanda, é um caso muito sério... Será?... — Outros projectos? — pergunta o repórter.

Falam as duas ao mesmo tempo como se estivessem a cantar um dos seus «swings»:

— Não temos projectos... Sómos raparigas simples e sem grandes sonhos. Mas não pensamos ficar na Rádio durante muito tempo.

O repórter dá um salto.

— Por quê?

— Porque queremos acabar a tempo. Antes deixar saídas do que aborrecimentos...

E não disseram mais nada as irmãs Remartinez. Disseram aquela tremenda heresia, e foram-se. Agora o público que proteste...

REPORTER UM

O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO

Maria Sidónio derrotou Maria da Graça

Passando para o 1.º lugar da classificação geral!

MARIA Sidónio, nesta *Jornada*, ganhou por duas vezes: a etapa e o primeiro lugar na classificação geral. Será ela a vedeta portuguesa mais popular da Rádio? Apenas 86 votos a distancias da sua mais próxima concorrente, Maria da Graça, que foi bastante desfavorecida nesta etapa, a terceira. Em contrapartida, Luís Piçarra continua a trepar, colocando-se em 2.º lugar na etapa, e aproximando-se cada vez mais do «leader» na classificação geral. Está a uma distancia de 152 pontos de Maria Sidónio, e unicamente a 66 de Maria da Graça.

Maria Gabriela continua a descer. Será caso que os seus admiradores a tenham abandonado? A diferença entre ela e a 1.ª classificada, se bem que grande, não é de forma nenhuma decisiva.

Outro pormenor bastante curioso: Graciete de Melo, que entrou com tanto entusiasmo, guiando-se a uma esplêndida posição, teve, na etapa de hoje, um único voto. Que fazem os seus admiradores impassíveis?

Curado Ribeiro beneficiou imenso desta apatia. Mais uns votos e será ele a ocupar o 5.º lugar da classificação. Isto se não aparecerem outras surpresas... Talvez Fernando de Oliveira, talvez a Maria Domingas, o Oscar de Lemos, a Ciddia Meireles... Quem sabe?...

CLASSIFICAÇÃO DA 3.ª ETAPA

1 — Maria Sidónio.....	203 votos
2 — Luís Piçarra.....	182 »
3 — Maria da Graça.....	94 »
4 — Maria Gabriela.....	71 »
5 — Curado Ribeiro.....	34 »
6 — Fernando de Oliveira.....	29 »
7 — Orlando Setealhos.....	10 »
8 — Maria Domingas.....	8 »
9 — Ciddia Meireles.....	7 »
10 — Oscar de Lemos.....	6 »

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1 — Maria Sidónio.....	1.049 votos
2 — Maria da Graça.....	963 »
3 — Luís Piçarra.....	897 »
4 — Maria Gabriela.....	589 »
5 — Graciete de Melo.....	460 »

PRÉMIOS

No último número já revelámos no que constavam os nossos prémios, e que serão sorteados entre os concorrentes que enviaram os seus votos para os cinco primeiros classificados. Além destes prémios, qual deles o mais valioso, ainda oferecemos fotos autografadas dos vencedores e a oportunidade de os trem aplaudir na festa, a realizar numa das nossas melhores salas de espectáculos — festa essa que será a consagração triunfal da vedeta portuguesa mais popular da Rádio.

Mas quem será ele? Ainda faltam 6 etapas, com a desta semana! Concorra! Envie-nos o cupão! E tenha muita sorte!...

N. B. — Cada cupão vale um só voto. Pode enviar-nos tantos cupões quantos quiser para a mesma etapa. Mas não tem necessidade de estampilhar a carta com um selo de \$50. Manda-a aberta, com um selo de \$25, ou, então, cole o cupão num postal. Devemos esclarecer mais uma vez que não são contados os votos que não sejam do cupão que publicamos. E não se esqueça: A sua vedeta favorita está à sua espera. Vote por ela!... E pense nos 5 prémios!...

CONCURSO DE RÁDIO «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

5.ª etapa

Voto em

Pósto em que trabalha

Nome

Morada

Toscanini vai voltar à Itália?

DA mesma forma que o conde Sforza voltou à Itália depois de longo exílio, pode esperar-se que, num futuro mais ou menos breve, o grande chefe de orquestra Toscanini regressará ao seu país.

Toscanini exilou-se voluntariamente, mas mais tarde, que Sforza, os motivos que o levaram a abandonar a Itália, trocando-a pela América, não são tão conhecidos que não valha a pena recordá-los.

Foi antes do começo da guerra. Toscanini dirigia um concerto numa cidade do Norte da Itália, quando, a certa altura, lhe pediram que executasse a «Giovaza». O maestro, que jamais admitira que alguém se imiscuisse no seu trabalho, recusou, como anti-fascista que é, a executar o hino de Mussolini. Então, um «camisa negra» aproximou-se de Toscanini e, furioso, esbofetou o grande musicista.

Diante desta afronta, Toscanini permaneceu impassível. Apenas os seus olhos, muito abertos, não deixavam de fitar os olhos do «camisa negra». Depois, sem uma palavra, pôs o chapéu na cabeça, abandonando a sala, músicos e público.

Um pouco mais tarde, a promulgação de leis anti-semitas veio de novo suscituar a indignação do maestro. O seu espírito livre, a sua concepção de vida e de solidariedade humana não podiam tolerar tamanhas inibições à liberdade. E partiu. A América, a liberdade, a democracia, chamavam-no. Toscanini partiu e triunfou. Hoje é um dos maestros mais disputados da América, tão disputado como o grande director da Orquestra Filarmónica de Filadélfia.



Exija lâmpadas

PHILIPS

TERÁ LUZ PERFEITA E ECONÓMICA

APONTAMENTOS E RECORDAÇÕES

Há doze anos

No dia 6 de Maio de 1932, numa Feira do Livro da Associação dos Escritores Antigos Combatentes, que se realizava em Paris, Hotel Salomão, de Rotschild, Rua Berryer, 11...

Um homem alto e robusto, de fortes maxilas, com óculos fumados, aproxima-se do «stand» n.º 1. Compra um livro a Claude Farrère, que logo se apressa a fazer-lhe a dedicatória, então usual nestas vendas «Paul Brèdes» — diz o cartão do desconhecido...

Paul Doumer, o Presidente da República Francesa, chega; e Farrère pede-lhe que aceite um exemplar do seu livro — «Batailles».

— A Batalha!

Este velho Presidente, de 74 anos, perdera na Grande Guerra todos os seus filhos — cinco filhos — e, enquanto o escritor traça a segunda dedicatória do seu dia, uma sombra desce no seu olhar entristecido.

De súbito, Paul Brèdes «abate» Paul Doumer! Cinco balas são disparadas em cinco segundos: Farrère e um inspector da policia são feridos, e o Presidente agoniza.

Quem é o assassino? É um médico russo, antigo combatente contra a Alemanha e a Austria, que tomara um nome suposto. Chamava-se Gorguloff. Na Crimeia, durante a guerra civil que seguiu o golpe de Lenine, pertenceu a formações que se acocitavam nas florestas, e massacravam sistematicamente, com a mais perfeita isenção, todos os seus compatriotas, quer «vermelhos», quer «brancos».

Gorguloff, o chefe dos «vermelhos», projecta uma ditadura que libertará o Mundo!

Terminada a luta na Rússia, passa à Checo-Eslováquia; e daí leva consigo o seu sonho de grandeza imperial através da Europa, formando grupos revolucionários sempre efémeros, mas não desistindo nunca de levar a cabo a sua empresa épica.

É-lhe necessário, primeiro que tudo, não só abolir na sua pátria o comunismo, mas impedir a restauração da monarquia ou o estabelecimento de qualquer outro governo que não seja o seu. Depois, intentará, a ferro e fogo, a extensão a todo o globo do novo Paraizo russo, fundará a Nova Ordem nos Tempos Novos — a Ordem dos Verdy. E as coisas marcham celeremente — no seu cérebro. Mas eis que em Paris, observa um movimento de opinião que vai permitir a Laval renovar a aliança da França com a Rússia — salvaguardar a Rússia «vermelha». E sente que toda a sua química combinação internacional, que há-de emancipar a Humanidade, se perderá...

É então que ele resolve assassinar Doumer.

Porquê? Para quê? Perguntas de raciocínio, que em vão pretendem encontrar a lógica da demência!

E é folheando um n.º de «L'Illustration» de há doze anos que eu medito: Quantos destes «iluminados» produziram a guerra de 1914-18? Do rescaldo desse grande incêndio quantas faúlhas de loucura se ergueram, ameaçando devastar a Terra com torrentes de fogo, lama e sangue?

Que bárbaras ideologias os horríveis morticínios às guerras desencadeiam! E que apocalipses de nihilismo se caldearão hoje de novo nas mentes encandecidas dos desvairados, ao estrondar dos canhões!

LOPES DE OLIVEIRA



FALA-SE ESTA SEMANA

NORTON DE MATOS



Pode considerar-se um grande acontecimento, o aparecimento das «Memórias e Trabalhos da minha vida», assinadas pelo general Norton de Matos. E, de tanto maior vulto, quanto é certo que este trabalho, de valioso recorte literário, não circunscreve o seu interesse aos domínios da literatura — mas da própria politica e, portanto, da vida e da história da nação portuguesa. Por isso este primeiro volume de uma obra que promete ser vasta e sensacional está a merecer o mais amplo interesse público.

FERNANDO CAMPOS



É um trabalho apologetico, este que o sr. Fernando Campos, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, escreveu sobre o visconde de Santarém e em que a história miguelista é evocada devidamente documentada. O trabalho intitula-se «O visconde de Santarém, mestre do nacionalismo português».

Certamente, ao livro de Fernando de Campos não faltarão leitores interessados, espectadores da sua actividade literária, intimamente ligada à actividade politica.

JOÃO AMARAL JUNIOR



Toda a gente disse e é verdade: João Amaral Junior acaba de escrever o seu melhor romance — «O livro Negro da Virgem Branca».

As suas qualidades de imaginação invulgar são neste novo livro postas à prova e reflectem, desta vez, uma orientação nova: a profundidade de observação, dote que muitos dos escritores novos, que escrevem para determinadas camadas de leitores, quasi sempre se esquecem de aplicar nas suas obras.

Inaugurou-se o Centro de Medicina Desportiva da Federação Portuguesa de Futebol. De futuro, entra em novas linhas de orientação a assistência médica aos nossos jogadores. De certo, já anteriormente o futebol contava com a atenção dos médicos. Todavia, era necessário coordenar actividades e directrizes, de modo que o desporto seja efectivamente um elemento fortificador do povo. Os srs. sub-secretário da Educação Nacional e tenente-coronel Salvação Barrêto, como presidente da Câmara Municipal de Lisboa, estiveram presentes e o sr. dr. Bento Coelho da Rocha, em nome da Federação saudou os visitantes.

AS ARANHAS...

LISBOA não é uma grande cidade, Lisboa não é uma capital ultra-moderna, Lisboa, enfim, não é como foi Paris, como foi Berlim, Londres ou Nova-York. O cidadão lisboeta mal se habituou ainda a tomar o banho diário. Em regra, até, se não lava apenas os pés ao domingo, para vestir camisa lavada, fica-se pelo banho de sábado à tarde ou de domingo de manhã... A Companhia do Gás que o diga!

Pois bem, Lisboa burguesa, de mulheres muito pintadas, muito enfeitadas, penteadas de pópa à «verónica», muito carregadas de laços, véus, peles e rendas, enquanto elles se gíngam pela rua de casacos largos de menino «swing» e chapéu não se sabe de que actor — Lisboa pretenciosa como uma nova rica que os quer e pode mas não sabe, tem os seus «basfonds» como verdadeira senhora de cidade cosmopolita!

Os jornais todos os dias nos falam desses senhores burgueses, impecáveis chefes de família, comerciantes ou negociantes correctíssimos que têm os seus escritórios bem montados e pedem dactilógrafos... elegantes, bonitas, atraentes e novinhas!

Nos anúncios dos jornais enxameiam esses exemplos indecorosos em que muitas vezes caem refinadíssimas e industriosas desgraçadas — mas em que também caem imprevidentemente rapariguinhas ingénuas atraiadas para a procura de trabalho pelas necessidades caseiras.

Quere dizer: não se trata de um comércio, de um negócio ou de uma indústria à margem da lei. Tudo se faz por processos honestos de boa galanteria... depravada. E, contra isso, só a policia podia agir individualmente, porque todos têm o direito de pedir secretária, calxeira ou dactilógrafa bonita e elegante, uma vez que, de facto, há lugares que requerem graça, juventude e beleza. O caso é moral, vem da nossa deformação mental e merecer-nos-á outros artigos, porque num só nem sequer pode caber uma referência ao magno problema que foi tratado com altíssimo critério e desassombro na Assembleia Nacional.

E comò contra o caso que acabamos de apontar não há possibilidades de aplicar a acção da policia, cremos ser missão da Imprensa abrir os olhos das raparigas ingénuas que procuram trabalho através de anúncios de jornais. Que elas saibam fugir por sistema ou por inteligente destrinhamento da verdade, das telas que certas aranhas tecem à roda da ingenuidade e da necessidade de quem trabalha. Há por aí cavalheiros industriais com batúcas rotuladas de todas as formas e dizeres que não procuram senão enredar na sua teia de romancesas imoralidades, tanta rapariguinha que precisa de trabalhar. Os processos por que actuaem são diferentes: umas vezes são directos, outras vezes vão por insinuação lenta, para estender os tentáculos, quando a presa já não pode fugir.

Cremos que este aspecto da assistência social não deve ser desprezado ao ser estudado o problema nas suas mais amplas linhas. Porque a assistência à inexperiência e à ingenuidade das raparigas que têm de sair de casa para ganhar uns modestos 400 escudos por mês — para que chega isso hoje, santo Deus! — também é um aspecto que interessa à organização da família e da sociedade portuguesa.

Contra o burguesismo elvado de impurezas morais — que venha um banho de água limpa em cada dia. E nós veremos se haverá aranhas que resistam à sorte de morrer afogadas!

Edgar Duarte de Almeida

o arquitecto-cantor

fala de problemas de Arte



Os jornais falaram há pouco de um novo arquitecto: Edgar Duarte de Almeida, dupla personalidade de artista porque é também cantor conhecido e apreciado. Dezassete valores lhe concedeu o júri, depois de ter defendido a sua tese — o projecto de uma capela, que impressionou quantos o viram, pois nela apareciam pela primeira vez elementos novos, embora já criados.

Achamos que uma conversa com este arquitecto-cantor há-de trazer-nos momentos de interesse. Mas como fazer uma entrevista? Como começá-la e de que falar, afinal?

Duarte de Almeida, irmão de artistas, foi um dos contratados quando o ano passado se fez uma tentativa de criação de ópera em Portugal. O projecto há-de ter succumbido — mas Duarte de Almeida nada adianta a respeito das razões dessa irreabilidade:

— Limito-me a lamentar que não exista uma companhia portuguesa de ópera. Mas penso que, se Tomaz Alcáide, com uma experiência de primeiro plano nos palcos estrangeiros e uma organização pensada, fôsse ouvido sobre esse problema, alguma coisa de concreto e interessante poderia fazer-se. Elementos cantores não nos faltam e outros viriam, porque existem.

— Mas, agora que é arquitecto, ainda o preocupam esses assuntos de canto?

— Evidentemente, como sempre. Mesmo porque, como sempre, continuarei a cantar... pelo menos para a família! De resto, nunca pensei que poderia fazer da arte de cantar uma profissão, na nossa terra. Tive possibilidades de sair para o estrangeiro, mas perdidas. E, agora, é tarde para pensar que as coisas se modificarão fundamentalmente, ou que poderei ter a sorte de obter essas facilidades...

— Em que estava o valor especial do seu projecto, apresentado há pouco?

— O autor não deve fazer incidir a luz para valorização da obra... Entretanto, sempre direi que talvez tivesse concorrido a harmonia conseguida entre as três artes, ou seja a pintura, arquitectura e a escultura.

— O artista-pintor...

— Hoje, como sempre, o arquitecto tem de ser decorador. Como tal, tem de saber de pintura e escultura, embora não prescindindo da colaboração de pintores e escultores...

— Que diz da arquitectura moderna?

— Que é a do nosso tempo, a que é feita com os novos elementos de que dispomos. Ou acha que dispondo

nós, por exemplo, do cimento armado e do ferro, devíamos continuar a fazer casas como se dispuséssemos apenas de granito?

— Quere dizer...

— O que está à vista: cada época tem as suas tendências, realidades e necessidades. A sua fisionomia. Como seria possível que os aeródromos, as gares marítimas, os postos de rádio, tantas construções para hábitos criados no nosso tempo, obedecessem aos princípios da arquitectura passada? Repare como a arquitectura italiana é grandiosa e séria, dentro dos princípios artísticos do nosso tempo e servida pelos elementos ao seu alcance...

Duarte de Almeida trabalha em Belém, na Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra — donde saem os projectos de construção de edifícios que ampliarão, dentro de critério harmonizante, a velha Universidade coimbrã. Trabalha sob a orientação de Cottinelli Telmo.

— E trabalhe com Cristiano da Silva, meu amigo e meu mestre no «atelier» e na escola de Belas Artes.

— Tem algumas idéias sobre urbanismo, conforto, aplicado à moderna arquitectura...

— Um recém-diplomado tem sempre muitas idéias e projectos... de que é melhor não falar.

— Mas sobre as casas de Lisboa...

— O arquitecto tem o dever de adaptar as casas ao conforto sem esquecer o nosso nível de vida, que não é dos mais altos.

— Então, por pouco dinheiro, Lisboa tem de desistir de ter todos os quartos com janela?

— Não estou de acôrdo. No caso não há incompatibilidade. Tem de haver inteligência.

— Todos os projectos devem ser assinados por arquitectos?

— A Câmara já não admite «curiosos». Hoje só os arquitectos e os engenheiros podem «riscar» casas...

— Mas os engenheiros...

— Bem sei, são principalmente para assinar cálculos de cimento armado. Mas a lei não proíbe a concorrência.

— Como acha que deve ser a casa futura?

— De acôrdo com a vida que se viver. O inglês, nesse ponto de conforto, dá-nos boas lições, e o americano, com as possibilidades de uma vida diferente já nos dá sugestões, a começar pela cozinha pequena, mais parecida com um laboratório do que com os velhos casarões. Pois já hoje a alimentação não é de algum modo sintética e fabricada?

— Acusam-se os nossos arquitectos de estar a fazer... «divisões» muito pequenas...

— Na vida moderna, o homem é sociável, mas nos espectáculos públicos. A casa é para ele e não para as assembléias. Estas «funcionam»... nos cinemas, nos campos desportivos, etc. De resto, se estivesse mal, lá estaria a repartição camarária competente para corrigir a deficiência... das divisões!

Quando nos despedimos, perguntamos a Edgar Duarte de Almeida se tem alguma aspiração:

— Pelo menos... a de ter muitas encomendas de projectos!

NOTAS RÁPIDAS



O Instituto Britânico, de colaboração com o Grémio dos Editores e Livreiros, tomou a simpática iniciativa de apresentar toda a vasta e valiosa obra inglesa traduzida para português. O sr. ministro inglês, o sr. António Maria Pereira, presidente do Grémio dos Livreiros, assim como os demais oradores, no acto inaugural da exposição, deram a explicação da iniciativa e enalteceram o interesse comum do intercâmbio cultural anglo-português.



O sr. subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social deu há dias posse às direcções das Caixas de Abono de Família das Companhias Shell e Vacuum. A foto dá-nos a assinatura do auto de posse.



O sr. Ministro da América, Henry Norweb, entregou ao sr. almirante Ivens Ferraz, presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, um donativo importante com que os Estados Unidos quiseram homenagear aquê benemérito organismo, a propósito do tratamento prestado aos prisioneiros americanos que passaram por Lisboa. Os dois ilustres homens públicos vêem-se na foto a conversar, durante a singela cerimónia da entrega do dinheiro.



Júlio Santos, artista da nova geração, que o público artista já conhecia de alguns certames de conjunto, aparece-nos agora na sua primeira exposição individual, no estúdio de S. Pedro de Alcântara. A cerimónia inaugural teve a presença de António Ferro e de muitos amigos e admiradores do artista que surpreendeu com a prova que acaba de nos dar.

UM PINTOR QUE RENASCE



Falaremos mais de longada desta exposição de Armando de Lucena. Professor, conferencista, um estudioso e um sabedor, ele tinha esquecido que o público exigia dele mais esta prova do seu valor. Por isso respondeu ao interesse de todos — a moderna geração não conhecia Armando de Lucena pintor! — e apresentou uma larga galeria de quadros que

estão expostos na S. N. B. A., e que teve a presença do sr. Presidente da República no acto inaugural.



AO SERVIÇO DA CIÊNCIA
A CÉLEBRE PENICILINA

ESTE é um dos últimos actos do drama vivido por um pai madrileno, ansioso por salvar a sua filha, de 9 anos, dos horrores de uma septicémia causada pelos *streptococcus viridans*.

A foto mostra a senhora Peinado recebendo, por intermédio da Embaixada do Brasil em Madrid, o único remédio eficaz—a tão celebrada penicilina.

O caso veio já relatado nos jornais mas nem por isso deixa de merecer registo. E a pequenina madrilena, agora sã e salva da morte porque os laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, lhe enviaram o milagroso preparado—é quem a esta hora melhor que nós sabe quanto vale o remédio mais quem lho mandou dar.

Em Portugal—todos talvez o ignorem!—há um médico distinto, filho de outro médico e escritor, ocupado nos trabalhos de aplicação da Penicilina. E é de todo o interesse que os resultados sejam tão úteis e de tão nobres efeitos, ao serviço da humanidade, como esse que acaba de ser obtido, mais uma vez, agora que foram empregadas quatro linhas aéreas e um embarcador para transportar o remédio do Rio de Janeiro à capital espanhola.

A penicilina é o mais poderoso dos preparados sulfamídicos, extraído de um fungo que é, agora, cultivado nos laboratórios. A descoberta de penicilina foi o que se chama um acaso, e resultou de um «descuido»: uns fungos microscópicos caíram numa cultura de agentes infecciosos. Ao analisar de novo a cultura, o investigador observou, com espanto, que todos os agentes haviam morrido. Reparou, então, nos vestígios de fungos. Qualquer coisa, fosse o que fosse, havia nos fungos, que poder bactericida se revelara enorme. Esse «qualquer coisa» era a penicilina...

Por enquanto, a preparação desta sulfamida é muito onerosa, e só a sua produção sintética permitirá acudir, sem os esforços dramáticos de hoje, a todos os que dele necessitem. As últimas informações chegadas da América informam-nos que já quasi se conseguiu este alvo. Esperamos que, em breve, a penicilina caia na alçada da indústria química-farmacéutica.

Semipamis
* Creme de dia *

TODOS OS SEGREDO DA BELLEZA SÃO CONHECIDOS POR SEMIPAMIS

BANHO E DUCHE SÃO COISAS DIFERENTES

EM geral, confundem-se banhos e duches. No entanto, eles têm apenas de comum o utilizar água.

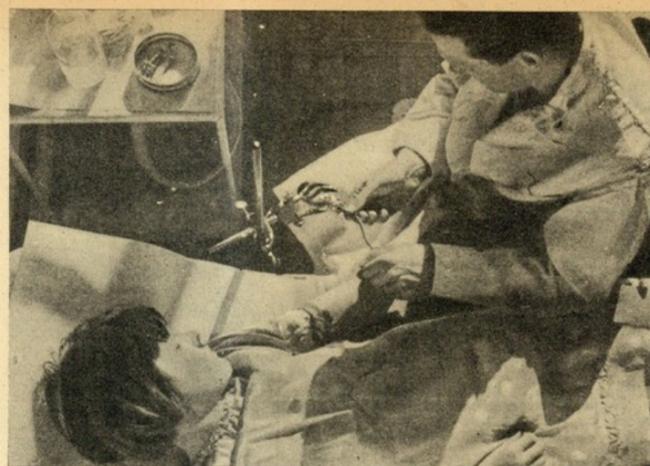
O banho consiste em mergulhar o corpo num meio diferente do habitual. Dentro de água, a quasi totalidade de superfície do corpo está subtraída à acção da atmosfera, ou seja, à acção complexa da pressão atmosférica, do estado eléctrico, etc., etc.

A água apresenta uma densidade aproximada da do corpo, e este fica momentaneamente fora da acção da gravidade. Tal facto, explica certos efeitos do banho: libertos de pressão, as terminações nervosas da pele entram em repouso, e daí a sensação de alívio que um banho prolongado produz a quem tem os nervos agitados.

O factor calor também influe nos efeitos do banho. Como a água é melhor condutora do calor do que o ar, o corpo perde rapidamente calorías a temperaturas inferiores à sua, ou ganha-as, no caso inverso. Neste princípio se baseia a balneoterapia contra as febres.

O duche actua de outra maneira. No duche, o corpo continua sofrendo as acções da atmosfera; age apenas como um excitante mecânico. É o choque do líquido na pele e nas terminações nervosas, o principal elemento da acção do duche. O efeito varia, naturalmente, com o valor da pressão. Por outro lado, age, também, como excitante térmico.

Há, pois, um ensinamento a tirar daqui: não é a água que por si própria é um remédio, mas sim a maneira da sua utilização.



A PARALISIA INFANTIL

Desde que se descobriu que o soro do sangue dos antigos convalescentes da «poliomyelite», também chamada erradamente «paralisia infantil», era uma eficaz vacina contra a terrível doença, procurou-se por todos os meios obter reservas de soro para utilizar logo nos indivíduos ameaçados. Um dador pode fornecer em média 250 grs. de sangue por mês, e são precisos dois dadores para salvar um doente. A foto mostra a extracção do sangue a uma antiga vítima.

O FUTURO DA ESPECIE HUMANA E A EUGÉNICA

NA nossa época, as relações entre os indivíduos assentam, sobretudo, nas qualidades psíquicas, na convergência de tendências, gostos e culturas, em interesses meramente sociais ou financeiros, com desconhecimento, propositado ou não, da ascendência familiar e de perigosos defeitos individuais. Daqui resulta, muitas vezes, no caso de matrimónio, a geração de filhos que irão sofrer as consequências da ignorância e erros paternos.

Faça-se uma ideia do número de falhados, de loucos e psicopatas, de seres fisicamente arruinados e socialmente nocivos, com origem em uniões desaprováveis num mundo de quasi dois bilhões de almas. Se o futuro da espécie humana não está, por causa disso, em perigo immediato, o caso é que poderia melhorar imenso se fossem atendidos os ensinamentos da hereditologia e da medicina preventiva.

O problema é ainda agravado com a frequência e extensão inaudita das guerras. Só na Europa, nos últimos 300 anos, houve 286 anos de guerra. A selecção produzida por estas hecatombes é uma selecção negativa, originando a sobrevivência dos indivíduos mais idosos e de valor fisico reduzido. Na primeira Grande Guerra, dez milhões de seres saudáveis foram aniquilados; nesta, esse número foi já bastante ultrapassado.

A selecção positiva da espécie humana constitui uma nova ciência, fundada em 1883 pelo inglês Francis Galton, e cujo desígnio, assentando na ciência da hereditariedade, está na procura dos meios próprios para facultar a reprodução dos indivíduos saudáveis e impedir, por sua vez, a dos tarados.

Esta nova ciência, a Eugénica, procurando a melhoria da espécie humana, obstando que se manifestem em novas gerações as potencialidades mórbidas maternas ou paternas, completa a acção da higiene e da profilaxia.

De facto, nenhuma higiene ou profilaxia, por mais perfeitas que fossem, poderiam anular por completo as doenças e perturbações do corpo e do espirito que parecem apenas relacionadas com a estrutura íntima, física e psíquica das pessoas.

Os eugenistas procuram lutar contra os flagelos sociais, isolar e esterilizar os alienados e criminosos, restringir os nascimentos indesejáveis. O alcoolismo, a sífilis e a tuberculose fazem, em cada ano, ceifas gigantes. Estes males têm uma nefasta repercussão na maior parte dos órgãos do corpo humano e, sobretudo, nas células sexuais.

Daí o pensar-se no perigo de um alcoolico inveterado, de um antigo sífilítico ou tuberculoso produzir descendência. Será realmente justo e moral gerar seres ameaçados de taras?

No caso de alienados e criminosos, o problema a pôr-se é precisamente o mesmo. Para todos eles o eugenista propõe a esterilização, já que muitas vezes seria desumano utilizar o isolamento como meio preventivo.

Alguns países adoptaram na prática as ideias dos eugenistas. Nos Estados Unidos a esterilização é considerada como uma utilidade pública, sendo aplicada nos casos de alienação mental, de doenças hereditárias ou crónicas. No Canadá, na provincia de Alberta, a esterilização é um facto; na Suíça é facultativa em certos cantões; na Dinamarca é admitida, como também o era na Inglaterra até que a Federação Católica de Westminster a isso se opôs. Finalmente, na Alemanha, a lei de 1933, sobre a esterilização, estipula que toda a pessoa atingida por doença hereditária pode ser esterilizada por meio de operação cirúrgica, se depois de experiências da ciência médica se concluir que é grande o número de probabilidades dos descendentes da dada pessoa serem atingidos por males que afectem a constituição mental e corporal.

O 11.º Congresso de Eugénica, realizado em Zurique em 1934, foi inteiramente favorável à ideia do estabelecimento de consultas eugénicas pré-matrimoniaes. Considerou-se que seria uma bela attitude de lealdade, os dois cônjuges apresentarem mutuamente, por intermédio de um médico, os seus asteados reveladores de que nada há a temer quanto à vitalidade e perfeição dos seus possíveis descendentes.

Sempre lutando contra a obstinada opposição de tradições morais antiquadas, contra o levantamento de tremendas dificuldades jurídicas, a Eugénica tem e terá um papel de relevo na conquista e realização do derradeiro e mais alto valor humano: a Felicidade.

UM ESTUDO CURIOSO
A ALMA, ESSA DESCONHECIDA
FORÇA E RAZÃO DA NOSSA PERSONALIDADE

A guerra nem sempre embarga o progresso humano, para lá da ciência mortífera. Em Berlim, por exemplo, os serviços de laboratório e de estudo, no domínio pacífico da ciência psicológica e psicoterápica mantêm-se em actividade. E aliada recentemente os serviços de imprensa do Governo convidaram os jornalistas e elementos interessados, para uma demonstração de progresso, no estudo da alma.

Há em Berlim—talvez nem todos saibam—um Instituto de Investigação Psicológica e Psicoterápica, dirigido pelo prof. dr. Heinrich Göring e fundado em 1936 por iniciativa do dr. Wagner, antigo chefe dos médicos do Reich. Hoje, esse Instituto, cuja actividade intensa cada vez mais justifica a sua existência, tem sucursais em Munique, Stuttgart, Viena, Frankfurt e Dusseldorf.

Funciona em bases de policlinica e ocupa-se dos mais complexos estudos médico-psicológicos, tratamentos de neuroses e estudos sobre a educação das crianças, sem esquecer os trabalhos de psicologia criminal, feitos em secção anexa.

DESENHO LIVRE COMO OBJECTO GRAFOLOGICO

O papel do Instituto é particularmente interessante e valioso, no que respeita a orientação profissional. Para tanto, os processos e métodos que desvendem o íntimo, a consciência de cada um, são vários e diferentes. Mas, em geral, tenta-se abarcar a personalidade, para formar opinião, partindo da fantasia natural para a alma humana. E, aqui, o desenho livre, sem indicação de motivo, é um dos

melhores elementos de análise. Melhor, mesmo, do que a escrita—e tão bom como as fotos que acompanham este artigo e que nos indicam a formação da alma humana, perante as reacções da vida. «Aprendamos a sonhar—e talvez encontremos a verdade!». Embora pareça estranho, há nesta frase profunda sabedoria, pois, muitas vezes, uma ideia surgida durante um sonho pode ter realização prática e no próprio sonho, podemos decifrar os problemas do nosso sub-consciente.

É um facto que, na concentração mais intensa, só chegamos aos limites da nossa compreensão máxima, quando queremos esgotar uma ideia até à última profundidade. Com isso, aproximamo-nos do limite da alma, da verdadeira fonte perene dos pensamentos. As forças sonhadoras actuam, de dia e de noite, nessas regiões distantes do Eu. No selo do sub-consciente existe o saber illimitado, ainda desconhecido e oculto, o saber inconsciente, ignorado do consciente. Nessas regiões profundas, está a plataforma em que se movimenta o acto da criação.

O sonho, assim como é o auxiliar da ideia genial, do acto cria-

dor e do reconhecimento profundo, é também o sinal inconsciente—o quadro do sub-consciente. C. G. Jung, o grande psicólogo, foi o primeiro a chamar a atenção para este importante caminho em direcção ao sub-consciente. Gustav Richard Heyer desenvolveu e alargou esta ideia: foi o primeiro a coleccionar e a explicar grande número de imagens da vida espiritual inconsciente, chamando a atenção para a significação terapéutica—ainda mais importante—do sinal sub-consciente.

OS PENSAMENTOS VOGAM IMPENSADAMENTE

Todos nós conhecemos aquêle momento entre dormir e sonhar, ponto intermédio da existência, que não passou ainda a raia do consciente, mas que já não pertence ao inconsciente. É aquêle momento em que o nosso pensamento voga impensadamente, em que a mão, num momento desatento, pega no lápis e traça no papel riscos que formam figuras, sem esperar e sem necessitar de ordens metódicas do cérebro. Surge por este processo as figuras mais extravagantes, que geral-

mente não se adaptam aos hábitos da personalidade acordada, conduzida pela energia do intellecto e da vontade. O mesmo succede com certos desenhos que nascem a brincar, do bico da pena ou da ponta do lápis, desenhos que, certamente, todos nós fazemos, durante uma conversa telefónica, na margem branca da lista telefónica ou sobre qualquer pedacinho de papel, sem darmos bem por isso. Estes desenhos não são, de facto, obras de arte, mas constituem a confissão da verdadeira essência da pessoa, são a chave da porta do sub-consciente, daquelas profundidades onde se oculta o verdadeiro ser, geralmente desconhecido de si próprio. Muitas perturbações do consciente, e mesmo doenças físicas ou paralisões do desenvolvimento, são originadas pelo sub-consciente; e só partindo dali, podem ser diagnosticadas e curadas. O quadro do sub-consciente dá uma visão segura destas camadas profundas e decisivas.

TODA A GENTE PODE DESENHAR INCONSCIENTEMENTE

Quando vemos quadros do sub-consciente, da colecção de

Heyer, duvidamos de que sejamos capazes de fazer coisa semelhante; mas só o homem consciente terá essa dúvida, pois—segundo afirma o dr. Heyer—todos nós desenhamos assim. Da mesma maneira que toda a gente tem dotes musicais, quando a ocasião se proporciona, também possui a possibilidade de se exprimir por desenhos. E não é preciso que o homem tenha uma paralisia do consciente para chegar ao sinal do sub-consciente; qualquer pessoa sã pode fazê-lo. O que é surpreendente é que estes desenhos são geralmente muito bons, parecendo revelar grande perícia. Tais quadros são bons, porque contrariam a consciência. Assim como uma pessoa sonâmbula pode fazer coisas que nunca seria capaz de realizar acordada, ou como um pianista improvisa lindamente ao piano, quando sonha (só deixando deslizar inconscientemente as mãos sobre as teclas) também os desenhos do sub-consciente são bons. A genialidade do primitivo é comparável a este estado. Se uma pessoa que não aprendeu a desenhar ou que não tem jeito, tentar, acordada, fazer um bom quadro, este ficará tanto pior quanto mais o autor

se esforçar por aperfeiçoá-lo. No estado inconsciente, no entanto, o sentimento criador da alma acorda, toma forma. Fundamentalmente, o sinal inconsciente é mais dom divino do homem, dele partindo tudo. Este sinal inconsciente é mais difícil no intellectual e no artista, porque estes têm a vencer maiores obstáculos para chegar ao dom puro e ingénuo.

O quadro do sub-consciente não tem importância apenas para o observador psicológico, mas também para o próprio desenhador. Heyer e a psicologia actual chamam a atenção, especialmente, para a importância terapéutica, para a acção de cura ou alívio do sinal inconsciente. Este abandono da vontade—pois o sinal inconsciente não é outra coisa—tem acção libertadora, é um acto que solta a pressão interna, que desprende o que está oprimido. Dar forma aquilo que existe no nosso sub-consciente é um acto que nos alivia e nos traz felicidade. Como frequentes vezes tem sido verificado, pessoas que por afecções psíquicas, sofrem de insónias, passam a dormir bem, depois de terem encontrado alívio e repouso no desenho inconsciente.

UM CANON DE SIMBOLO E DE SIGNO

A par da significação terapéutica do desenho inconsciente, surge a indicação psicológica, não menos importante. O quadro inconsciente indica ao psicólogo o caminho para o fundo do sub-consciente: no doente, mostra-lhe as causas das afecções psíquicas e, no homem sã, mostra um reflexo exacto do

(Continua na pág. 24)



Est numa série de desenhos «in-conscientes» o desvendar da consciência: aqui, vê-se que o homem conseguiu um isolamento libertador que em todo o caso faz sofrer. A tartaruga é simbólica.



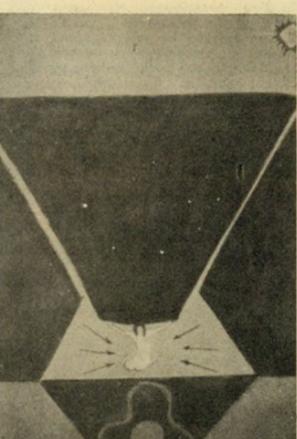
A depressão moral está expressa no peso que caiu sobre esta cabeça. Tudo o que é mau lhe cai em cima e o negro dos olhos e da boca são bem a expressão da sua palavra e da sua vista.



Um casal sente o domínio demoníaco e tem medo. Com as suas garras, o gigante pretende dominar os homens e os homens não podem fugir-lhe.



Este, porém, resistiu à luta com o dragão. O vencedor ergue-se a toda a altura, segurando a pedra luminosa do mundo, a sabedoria que eleva o homem acima das trevas.



Que terrível depressão sufoca o homem, entalado numa prisão donde não pode fugir! A luz do mundo existe—mas lá fora, e a prisão está cheia de lanças ameaçadoras...



Foi a natureza que gerou esta consciência humana, metida na terra, donde nasceu como as raízes que veem da terra. O desejo e a realidade não se debaterão aqui?

COMENDADOR DA ORDEM DE INSTRUÇÃO PÚBLICA

Uma mercê justíssima, conferida ao Lisboa Ginásio Clube

TODOS o sabem, mas não é de mais repeti-lo: o Lisboa Ginásio Clube não é uma colectividade eclética; a sua razão de ser, os fundamentos da sua vida, assentam na especialização ginástica, no ponto de partida para a prática de todos os desportos.

Em 25 anos de existência, já completados em Novembro último, mas que só agora, na próxima semana, vão ser condignamente comemorados, a obra do Lisboa Ginásio tem de merecer-nos os mais francos e largos aplausos, pela noção de responsabilidade mantida em cinco lustros de trajectória, num ambiente inicialmente hostil e permanentemente céptico e desconfiado; pela honestidade do trabalho global de dirigentes e professores, que tem permitido atingir profundidade de aperfeiçoamento técnico; e, por fim, porque o Lisboa Ginásio tem vivido amparado exclusivamente à dedicação dos seus sócios, que nunca renegam presença e acção, quando solicitados. Sem auxílio externo, sem qualquer protecção, por mínima que fosse, o Lisboa Ginásio soube guindar-se a uma posição sem malquistar ninguém, sem interferir no caminho dos outros, antes dando a todos consecutivas demonstrações de lealdade, camaradagem, perfeito e olímpico espírito desportivo!...

No próximo dia 1 de Abril, depois da amanhã a uma semana, o Lisboa Ginásio festeja oficialmente as suas «Bodas de Prata». No decorrer de uma sessão solene, a agremiação da Rua dos Anjos vai receber importante estímulo moral.

O Governo da nação, reconhecendo quanto de patriótico tem o seu labor, concedera-a com a mercê de Comendador da Ordem de Instrução Pública, insignia que será conferida ao Lisboa Ginásio pelo sr. Presidente da República.

Justíssima coroação de vinte e cinco anos de luta indómita. Recompensa confortante que nunca vem tarde. Significado moral transcendente, que sómente poderá ser excedido, no dia em que o auxílio material se concretizar, como as colectividades de desporto com capacidade de vida confiadamente esperam!...

Nessa festa do dia 1, o Lisboa Ginásio oferecerá a quem o visite um espectáculo novo no que diz respeito a melhoramentos internos. O salão de ginástica foi notavelmente ampliado, ficando com as dimensões de 14 x 9 metros. A secretária, as salas de estar, de jogos de vasa, de bilhar e bujete, passaram por transformações radicais. Rasparam-se portas e ergueram-se escadas. Renovou-se uma parte do material didáctico. E para a metamorfose ser completa, falta concluir a construção dos balneários subterrâneos para homens e senhoras, que abrangerão a área do salão ginástico.

O Lisboa Ginásio é grato. Não esquece o que têm sido participes valorosos na realização da obra de que se ufana.

Assim, será inaugurada uma lápida com os nomes dos sócios fundadores, que foram treze (um número que deu sorte, mau grado a impopularidade a que é votado...), ofertando medalhas de Gratidão aos que ainda hoje são sócios do clube.

Também ao dr. Alberto da Conceição Ferreira, médico da colectividade desde a primeira hora, duma dedicação sem limites, sempre pronto a servir desinteressadamente — pois como havia de ser? — o Lisboa Ginásio, oferecerá uma Medalha de Mérito Associativo.

O Lisboa Ginásio veste as suas melhores galas nessa noite. Estrugirão aplausos ao seu esforço. Falarão mais alto as vozes de admiração e simpatia. O muito que se lhe diga, será pouco para traduzir a convicção inalterável que produziu 25 anos de trabalho fecundo!...

O Lisboa Ginásio é um clube que tem sabido querer, que luta sem desfalecimentos, que vive para uma ideia. É uma alma bem portuguesa, em continuos anseios de progresso!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

DE MÉDIO-CENTRO A INTERIOR ESQUERDO?

GREGÓRIO

quere tentar a experiência!...

TODOS o tratam por Gregório. Mas, como todos os mortais, tem também apelido, aliás apelidos. Indique-se o seu nome todo: Gregório Gonçalves dos Santos. Sabe o leitor quantas camisolas de grémios o Gregório já vestiu? Estamos a ouvi-lo: «Bem sei. A do União, a do Sporting e, agora, a do Atlético».

Pois nós dir-lhe-emos: «Parece-lhe. Dobre a parada, e fica certo». Sorri-se? É assim mesmo. No tronco de Gregório já estiveram vestidas e suadas, as camisolas do Ginásio Clube do Sul, do Pedreirense e do União Piedense.

O Gregório deve ser dos jogadores portugueses que mais clubes tem conhecido. Aquil está um tema, ou uma ideia, para os fazedores de concursos!...

Seis clubes em oito anos de actividade oficial, é uma média bonita e difícil de igualar, agora mais do que nunca!

Porque foi que o Gregório começou a carreira futebolística na Outra Banda?

Porque nasceu em Caçilhas, terra que já tem dado muitos jogadores de futebol. Ali cresceu e ganhou, como toda a rapaziada, gosto pela bola.

Um dia, completada já a digressão pelos três clubes da margem esquerda, um dirigente unionista convidou-o a vir a Santa Amaro. Gregório veio, e em boa hora, porque ficou. É curioso agora, ouvir a revelação, contada por ele próprio:

— Eu nunca tinha jogado a médio-centro. Era avançado, conhecedor de todos os lugares da linha da frente. Adaptai-me com certa facilidade e, reconhecendo embora, a ingratitude do pósto, gosto dele.

— No entanto, tinha no ataque um lugar preferido...

— Sim, o de interior esquerdo. E quere saber uma coisa?

— Diga. Estamos aqui para saber...

— Gostava imenso de voltar à linha avançada e naquele pósto! Se no meu clube consentirem tentarei a experiência!...

— Mas porquê? V. disse que não está contrariado a médio-centro!...

— Pois não. Mas tenho a impressão de que, com o aprendizado na linha média, podia agora fazer muito mais à frente.

— É uma opinião...

— Pode ser também uma certeza. Com um sorriso:

— Eu não jogo só por ver jogar os outros...

Gregório faz uma pausa, e depois continua:

— O Atlético não tem, de facto, de momento, um jogador para o eixo da linha média. Mas terá de futuro,



porque há um rapaz na «Reserva» no qual se adivinha muito jeito. Será uma questão de tempo, para adaptação aos grandes momentos e responsabilidades. Talvez eu nessa altura possa «viajar», claro, se o Viriato e os dirigentes concordarem. O ataque seduz-me. Gosto de visar a rede, de rematar sempre que possa e, até, mesmo quando não possa...

— Por isso, consegue V., mesmo a médio-centro, marcar tentos com muito regularidade...

— Não deve haver outra razão, não. Neste campeonato já marquei cinco, fora três que os árbitros invalidaram, nos jogos com o Oihanense, Porto e Académica.

— Que diz da actuação do Atlético?

— Temos motivos para nos constar um pouco mais além. Mais do que arte e boa vontade, faltou-nos sorte, sempre precisa na bola. Mas, enfim, a esperança renasce para a Taça de Portugal!...

— Quais os resultados que mais o satisfizeram?

— As vitórias sobre o Benfica e o Belenenses. Nas Salésias fizemos um grande jôgo!

— A crítica afirma que o grupo está fatigado... Que lhe parece?

Gregório demorou a resposta. É um ponto delicado, compreensivelmente. Ele defendeu-se assim:

— Jogámos realmente menos no último jôgo com o Benfica. Questão de disposição, quando as coisas não começam a sair bem.

— Conta jogar ainda muito tempo?

— Ah! Sim. Tenho 27 anos. Gozo saúde, felizmente. Levo uma vida regrada, pois deito-me geralmente às 9 horas da noite. Posso «durar» bastante tempo!

— Tem, portanto, aspirações...

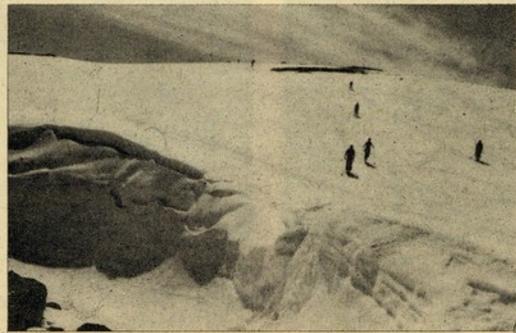
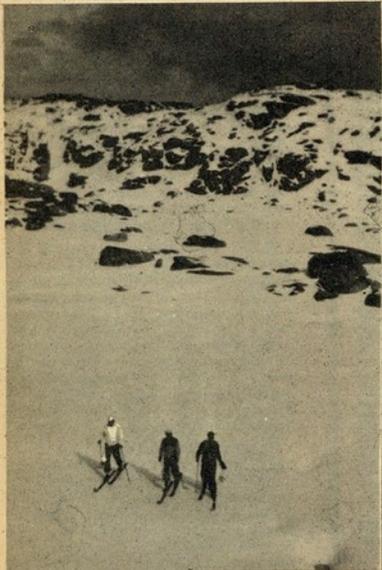
— Gostava de me «internacionalizar» e de ver o Atlético ganhar uma prova importante.

Se o primeiro desejo é por agora impossível, o segundo é muito fácil de conseguir. O Atlético pode ter a palavra na «Taça Portugal»...

...Mas como «fundo» da entrevista, o que importa fixar é isto: o Gregório pretende fazer uma experiência a interior esquerdo!... Que dirá o Viriato!...

SINFONIA DA NEVE

Extasiamo-nos, geralmente, na miragem dos panoramas nevados que nos vêm do estrangeiro. Soltamos exclamações de surpresa e de encanto. E, afinal, por quê?... Acaso somos desprovidos do favor da Natureza, em cobrir os cumes das nossas serras dêsse manto virginal? A Serra da Estrêla, bem portuguesa, não será também um paraíso da neve? E, sim, minhas senhoras e meus senhores. É tudo isso. É uma verdadeira maravilha, apenas com o defeito — que nos vai infelizmente muito a caráter — de estar mal aproveitada para os desportos da neve, como estes, por esta mesma razão: não têm também ainda a expansão e popularidade que têm noutros países. Ir ver a neve da Serra da Estrêla é, por ora, um luxo e, como tal, sai caro. Entretanto, os leitores transportem-se em pensamento àquelas paragens, através da viagem que lhes proporcionamos pela contemplação das fotografias desta página, viagem que custa a módica quantia de um escudo e cinquenta centavos...



As meninas fúteis...

HA nomes de pessoas que não têm mesmo nenhuma razão de existirem, porque só servem para causar vergonha ao pobre e desditoso do seu possuidor. Querem pior do que isto: Malaquias, Salustiano, Eubrício, e cem mil outros que seria fastidioso repetir.

Tudo isto, parecendo que não, vem a propósito do meu amigo Inocência. Pois encontrei-o ontem. O Inocência, como bom cidadão que se preza, é pai de três filhas já em idade de casar. Uma delas, a Aurora, está mesmo prestes a atingir o limite de idade. As outras duas têm 52 anos, as duas juntas, naturalmente, o que vem dar para uma 25 e para a outra 27 anos. Além destas três amáveis crianças, o Inocência tem ainda em casa, a seu cargo, duas sobrinhas, raparigas de 17 e 19 anos.

Encontrei o Inocência, ia eu dizendo. Foi mesmo no Chiado, na Rua Garrett, essa rua deliciosa onde não passam eléctricos.

O Inocência, como é seu costume, desatou a falar de si, da vida, da falta de dinheiro e de tudo o mais. Como se compreende — e nenhum honrado chefe de família o pode levar a mal! — o grande sonho do Inocência é casar as filhas e as sobrinhas, impingí-las a um marido que lhes dê de comer e de vestir. Os seiscientos escudos que ganha na repartição talvez chegassem para ele e para a mulher sózinhos. Agora com as três filhas e as duas sobrinhas!... Não há dinheiro que chegue. Só em meias de seda... (Elas bem põem cuspo nas malhas, coitadas)...

Os anos passam e nem as filhas nem as sobrinhas levam jeito de casar. O Inocência desespera, pobre dêle! «Elas nunca hão-de casar!», disse-me à laia de confidência. E lamenta-se, quasi chora. Atribue tôdas as culpas ao nosso tempo, a esta época de futilidades. «As raparigas de hoje são impossíveis! Vazias, completamente vazias. A sua cultura resume-se a leituras apressadas de livros «azues»; apenas se preocupam com chapéus e vestidos; nada pensam, nada sentem. São ócas, ócas de todo! É vê-las nesses bailes! É vê-las nas casas de chás!».

O meu amigo Inocência interrompe-se. As três filhas e as duas sobrinhas, que andavam a passear, vendo as montras, aproximam-se para o cumprimentar e para lhe pedir cinquenta escudos. Ele deu, naturalmente. Para que serve um pai senão para isso? As raparigas beijaram-no, muito comovidas, e mesmo ali começaram a discutir vestidos. O pobre do Inocência estava róxo só de as ouvir. Então, não se podendo conter mais, exclamou:

— Vocês só falam de vestidos! Não têm outros assuntos mais elevados?

E elas tôdas, em côro:

— Temos, sim, papá. Agora vamos falar de chapéus!

Escusado será dizer que o meu pobre e bom amigo Inocência teve uma síncope e morreu.



Já estou a ver o teu nome num grande anúncio luminoso! A propósito, como é que te chamas?



Sargento, quero felicitar-lo pelo magnífico espírito de cooperação de que os seus homens dão provas.

Três da guerra...

— Vamos, ponha-se em fila, como os outros!
 — Em que lugar?
 — No último!
 — Mas, meu sargento, já está um no último lugar!

* * *

O chefe da caravana: — Estamos perdidos, com este sol de rachar e sem uma gota de água.

Um recruta: — Bem, nesse caso, vou tomar um banho...

— O quê???

— ...Um banho de sol...

* * *

— Pelotão, marche!
 Todos os recrutas iniciam a marcha, excepto um deles, que fica poste.

— Peçaço de asno! Porque não marchas?

— É porque não me chamo Pelotão... Chamo-me Sebastião...

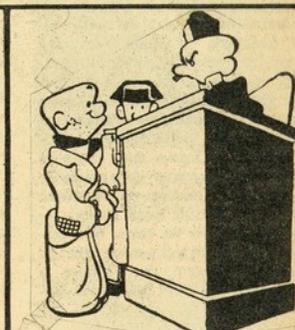
RESTRICÇÃO



— Dê-me um ovo estrelado.
 — O senhor deseja a clara ou a gema?



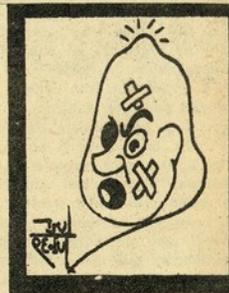
— O meu filho tem cinco anos e já levanta péso de dez quilos.
 — Isso não é nada. O meu ainda não fez cinco meses e, durante a noite, já nos põe a todos levantados.



— Surpreenderam-no a abrir a porta de uma casa comercial.
 — Sim, senhor Juiz. Mas fiz isso apenas para cumprir os desejos do meu pobre pai.
 — E quais foram êles?
 — Que abrisse uma loja.



— Não compreendo, meu caro pintor, como pudeste fazer um retrato do meu sogro sem o conhecer...
 — É que conheço a tua sogra...



“Voltaire na intimidade”

por Charles Oulmont

A crise humana da guerra fez incorporar na produção literária nacional, em simbiose nem sempre muito feliz, escritores estrangeiros que não compreenderam a índole particularista do nosso meio e que não nos deram, em compensação reparadora, a mensagem de universalidade que nos faz falta.

As obras de estrangeiros publicadas entre nós dão-nos, melhor ou pior, impressões de pitoresco, de viagens, de turismo, de circunstâncias efémeras — as formas superficiais e brilhantes da cultura europeia — mas não a essência profunda dessa cultura de que parece ter-nos separado para sempre o «reino cadaveroso» da decadência seiscentista.

Não vai muito além dessa visão superficial da vida e cultivo do pitoresco o estudo biográfico apresentado agora por Charles Oulmont, «Voltaire na intimidade». A obra foi coroada pela Academia Francesa com o Prémio Halphen e foi objecto de um curso numa Universidade americana; a crítica francesa contemporânea, ou o que resta dela nas difíceis circunstâncias em que o país se encontra, dedicou-lhe largos comentários. O mais justo, porém, deve ter sido o de E. Pons que em «La Vie Nouvelle» resumia nestes termos a sua apreciação:

«Este Voltaire, tão vibrante na vida íntima! E Charles Oulmont, seu evocador, é um homem espirosumo». Na verdade, a própria personalidade intelectual de um Voltaire animaria qualquer narrativa em que se historiassem simultaneamente a vida, a pessoa e a obra desse grande génio francês. As suas atitudes, tão humanas e tão complexas; as suas idéias em que a ironia — talvez a forma mais triste de se rir dos homens e das coisas — dá sempre o timbre da subtilidade crítica e moral; as suas frases, recortadas ao vivo na carne das pessoas e dos acontecimentos que as mereciam, fizeram de Voltaire a figura mais sedutora para um biógrafo.

Talvez isso mesmo, porém — a complexidade e a latitude de significação humana que contém — explique o resultado pouco feliz de tantas biografias que lhe têm sido consagradas. André Maurois, que apresentou de Byron e de Shelley, de Dickens e Disraeli, as mais animadas, vivas, frescas e coloridas ressurreições, falhou lamentavelmente e em toda a linha na biografia de Voltaire.

Sente-se nessa tentativa — que deve ter merecido também muitos prémios e apreciações laudatórias — a «détalage» enorme entre o biógrafo e o biógrafo, deminuindo não só este mas, o que é pior, também aquêle.

Acima de todos os seus indiscutíveis méritos — a erudição, o fiel amor à grande obra e à grande figura estudadas, o desejo de animar e enriquecer a narrativa — também este «Voltaire na intimidade» de Charles Oulmont aparece muito reduzido no seu intrínseco e original valor. A segura na apreciação da complexa personalidade voltaireana; a acumulação sem gosto de pormenores copiosos; o tom excessivo de familiaridade com o objecto da obra e com o leitor; o exagêro nas influências do fisiológico; o tom forçado e até caricatural (involuntariamente) de certas perspectivas em que o autor de «Candide» é julgado — concorrem para dar na leitura desta obra uma impressão nem sempre agradável.

Demais, a tradução é francamente péssima. Tôsca, áspera no estilo, algumas vezes nitidamente errada, constitui um dos capitais defeitos desta obra perante os leitores portugueses. Já o estilo de Charles Oulmont oscila demasiadamente entre o tom sacudido e directo e a forma exclamativa e pessoal. Na tradução, essa forma já defeituosa, range e desequilibra-se a todo o momento, cortando o ritmo de agrado que aflora perante as observações tantas vezes justas e eloquentes de Charles Oulmont.

Resta perguntar ainda, para con-

Ramon Sender e a cruciante Espanha

Tempo não curou a Espanha das suas feridas trágicas nem reduziu o sentido doloroso e inquieto da sua história recente. Os espíritos mais elevados que têm acompanhado essa trajetória espectacular e apaixonada reflectem, com mal escondida amargura, o drama íntimo que dilacera esta raça, predestinada pelo seu génio para uma grande obra na restauração da humanidade autêntica. Umamuno extinguindo-se em Salamanca com descontraídos gestos e atitudes; Ortega y Gasset passeando pelo mundo com melancolia o seu perspectivismo que se refugiou na retórica por falta de audácia e de sinceridade nas conclusões; Madariaga e Marañon desorbitados do sentido coerente das suas obras; o poeta António Machado, deixando a vida em circunstâncias dolorosíssimas; e muitos mais, como Rafael Alberti ou Ramón Sender, recolhidos no silêncio em que se apagaram as



suas claras vozes de espanhóis bem actualis...

Quando romper a vida e a luz das sombras de tempestade que hoje cobrem o mundo, o admirável narrador de «Contre-Attaque en Espagne» há-de trazer, decerto, mais trágico e emocionante sentido da vida; e o Ramon Sender de amanhã continuará o de ontem, mas com o vinco amargo e perturbador de uma existência que foi esmagada em todos os seus aspectos reais — menos no sonho, que é apenas a realidade melhor.

chuir, que direito literário autoriza um escritor a utilizar «documentos» de que não pode indicar-se a origem e de cuja veracidade nenhuma garantia se oferece. Em trabalho desta natureza a indicação dos factos não é um direito gratuito do autor: é um dever primacial cuja recusa pode bastar para excluir a obra do lugar que lhe competiria em condições normais.

Se não fracassou inteiramente no seu intuito, visto que nas páginas do livro se acumulam detalhes informativos e apreciações inteligentes da obra e da personalidade de Voltaire, não quer dizer que Charles Oulmont tivesse realizado efectivamente o estudo crítico e esclarecedor que se exigia. Se a crítica e a Academia francesas não o disseram, é mais uma razão para lamentar a situação intelectual em que esse país foi lançado pelo seu trágico destino.

ALVARO SALEMA

Os cafés de Emilio Carrere

Nessa espécie de «bairro latino» madrileno que é a Corte, entre as «cales» de Ceres e de S. Bernardo em que Bécquer passou as evocações dos seus amores românticos, reuniam-se os aventureiros do sonho em todos os domínios da vida. A boémia, a paixão pela vida nocturna, o hábito da «charra» interminável, alimentavam com o seu bulício até alta madrugada os pequenos cafés do bairro. O poeta Emilio Carrere, que se vestia e poetava à Verlaine, devia habitualmente 300 cafés ao dono do estabelecimento que frequentava e muitas vezes não o tomava, por vergonha de aumentar a dívida.

Certa noite appareceu-lhe um destes jovens líricos bem trajados, a quem as famílias pagam as excentricidades inofensivas da literatura, para que lhe apreciasse a última obra: um livro bonito, bem encadernado, novo em folha. Carrere olhou para a rua, onde se descobriam as montas de livrarias de compra e venda, na ânsia de ir vender depressa os versos do nóvel autor; olhou para o livro, onde se ostentava o título: «Sol de la tarde»; e murmurou com melancolia e reconhecimento:

— «Hombre, se lo agradezco mucho! Sol de la tarde... sol de la tarde... ¡Café de la noche!».

FAÇA DE PAPEL

— Na Colecção Cosmos publicou o Prof. Flausino Tôres um valioso volume sobre «As religiões primitivas» em que se estudam segundo os mais modernos métodos da crítica histórica as origens dos mitos e os fundamentos das religiões.

— O novo romance de João Amaral Júnior, «O livro negro da virgem branca» oferece o interesse que caracteriza os seus trabalhos anteriores na literatura de ficção, para o público a que habitualmente se dirige. Melhor estilo e boa composição do enredo marcam nítido progresso neste romance em relação aos anteriores que Amaral Júnior publicou.

10 Minutos com Manuel da Fonseca

MANUEL da Fonseca conquistou de súbito, com a brilhante revelação dos contos de «Aldeia Nova» um lugar de primeiro plano na literatura de hoje. Não só os seus temas de ficção como o estilo e a velada e fina emoção lírica que põe nos seus quadros de paisagem ou de humanidade, destacam a sua obra, breve mas já consagrada, entre as dos mais novos e melhores escritores portugueses. Anunciando-se muito próxima a publicação de um romance do autor de «Aldeia Nova», têm particular interesse as informações que sobre ele nos deu:

— De que trata o seu romance, Manuel da Fonseca?

— Sob certos aspectos pode encarar-se como uma continuação da «Aldeia Nova». Mas desta vez procurei fixar-me num «caso» que, creio, só em romance se poderia contar. E que vem a ser a gente de «Cerro-maior» na sua constante luta do

dia a dia e, já fora da vila, no arrabalde, os camponeses com os seus não menores problemas. Há um tal Adriano Serpa que, cheio de hesitações e ansiosos, anda no meio de toda aquela gente. Este sujeito pode tomar-se como o fio que une a «história».

— Agora outra pergunta: Que nos diz do debatido problema do social na arte?

— Penso que é um problema inútil. Toda a arte foi, e a há-de ser social. Não há obra de arte onde não transpareçam, mais ou menos claramente, os ansiosos e aquêle lado da sociedade a que o seu autor pertence. Mesmo aquella obra que nos dá os aspectos vagos do sonho e da apatia — a fuga às coisas da vida — até essa nos mostra certo lado da burguesia que já em nada acredita nem de nenhum valor humano faz pendão de combate.

— Então?...



— Quero dizer que toda a arte é social seja ou não de revolta e de luta. Claro que do lado dos que lutam a obra tende tanto mais a ser real quanto mais fundas forem as suas razões no povo que é a parte mais viva da sociedade do nosso tempo.

O PROBLEMA DA CULTURA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE

Visto pelo livreiro
João de Carvalho

ESTA não é a entrevista que João de Carvalho merece. O seu depoimento de colono — quasi 50 anos a trabalhar em Moçambique! — deveria ocupar páginas da Revista, porque ele é quasi meio século da história colonial portuguesa. Desde os tempos em que em Moçambique corriam todas as moedas menos as portuguesas — um foco saneado por Mousinho, seu amigo — João de Carvalho assistiu ao crescimento de Lourenço Marques, viu a cidade embelezar-se e tomar maneiras de senhorinha civilizada e educada pelas modernas cartilhas da civilidade inglesa e americana.

— Moçambique vale mais do que em geral se supõe na metrópole. O nível de vida é elevado, por isso se vive com conforto e comodidade que só por muito dinheiro se obtém na Europa. A União Sul-Africana, vasto empório de ouro, diamantes e carvão, tem-nos compelido a seguir a sua extraordinária marcha de progresso.

João de Carvalho, que foi tudo na colónia, desde juiz de paz a membro do Conselho Superior de Instrução Pública — era governador Freire de Andrade — recebeu o príncipe real D. Luís Filipe, e recebeu, na sua passagem para a Holanda, Paulo Kruger; ajudou a conceder a autonomia dos portos e caminhos de ferro; recebeu Carmona e fomentou muita obra de progresso moçambicano. É, pois, uma figura grada da colónia e um hábil organizador do nosso comércio livreiro em Moçambique. O amigo de João Belo montou um serviço de venda de livros — a «Minerva Central». Hoje, a sua livraria e, com ela, todos os serviços de informação e agência valem a bonita soma de 5 mil contos, dá trabalho a 98 empregados e tem uma despesa de 170 contos mensais.

— Antes de embarcar, fiz algumas disposições. A minha casa pertence hoje a minha família e aos meus empregados. Foram eles os meus colaboradores. Foram eles que sejam os meus herdeiros...

— E que nos diz sobre o mercado livreiro?

— Moçambique absorve uma grande percentagem das edições portuguesas. E, se não absorve mais, é porque os editores da metrópole ainda se não convenceram das realidades presentes e das que vierem depois da guerra. A produção brasileira está a tomar conta do mercado, não só porque as condições de venda são vantajosas, como também porque a produção melhora a olhos vistos.

— Onde estaria a solução?

— Os nossos editores — pelo menos alguns, claro — convenceram-se de que não de flear agarrados à percentagem dos 20 por cento. Todavia, o livro não pode prescindir de uma margem de 30 a 33 por cento, sobre o preço da capa, ou seja, sobre o preço porque é vendido na metrópole.

— E quais são os livros com mais procura em Moçambique?

— Livros de técnica, porque os operários têm uma ânsia de conhecimentos imprévista. Livros de guerra, romances de Camilo, Eça... e da Coleção Azul. Os modernos roman-

cistas portugueses não têm uma saída por aí além...

— E produção moçambicana? Muitas edições?

— Não. Não abundam escritores e a mão de obra atinge somas astronómicas. Um bom tipógrafo ganha até 6 contos por mês. Menos de 2, nem um ganha.

— Só europeus?

— E nativos, pretos. São doces, embora não muito inteligentes.

— Mas os livros de técnica são raros, entre nós...

— Servimo-nos, por isso, das edições Labor, de Barcelona, e servimo-nos da Hachette, antes da desorganização da guerra. Por sinal que quero falar-lhe de um paradoxo: encontro nas casas estrangeiras editoras, incluindo as brasileiras e americanas, maior compreensão do que nas casas portuguesas. Estas não se incomodam, porque talvez partam do princípio de que não vale a pena trabalhar a título de propaganda. Aquilo é nosso... Simplesmente, os outros é que tomam conta do campo de actividade livreira, se não soubermos fazer barreira, respondendo à concorrência.

— É verdade que organiza feiras do livro?

— A minha casa é a única que pode tomar essa iniciativa, pela solidez e amplitude das suas bases. De Agosto a Setembro últimos, efectuou-se a VIII Feira do Livro, inaugurada pelas entidades oficiais. Citou-lhe números: nos 12 dias primeiros, venderam-se 320 contos de livros, não obstante as vendas se fazerem com 70 e 75 por cento de abatimento...

E com um sorriso amargo:

— Quando o sr. Presidente Carmona visitou Moçambique, chamei os jornalistas e expus-lhes a situação de um problema que interessa à nossa cultura, à nossa língua. Sabe o que aconteceu? Dos portugueses nenhum aproveitou da verdade. Em compensação, os brasileiros não perderam a oportunidade da lição... A metrópole, ou pelo menos alguns dos seus elementos, esqueceu-se de que é mãe e não madrastra. Depois, nós estamos em contacto com a civilização, não verdadeiramente por intermédio de Portugal metropolitano, mas das colónias vizinhas. A Câmara de Comércio de Lourenço Marques, de que fui secretário durante 16 anos e de que sou agora presidente, está em contacto com todo o mundo. Nós não trabalhamos às cegas, mas dentro da marcha do progresso. E, aqui, nem sempre acontece o mesmo. O comércio tem de se exercer por processos modernos. Por exemplo: a minha casa publica um boletim de título «Leituras». Esse boletim, que insere gravuras, biografias, resumo de livros, etc., é o melhor agente de venda. Vai a todas as residências gratuitamente. Importa em cerca de 10 contos por mês, mas o leitor da província indemniza, porque assim faz as suas aquisições conflagradamente. E até lhe devo dizer que, quando envie esse boletim às casas editoras portuguesas e estrangeiras de todo o mundo, por assim dizer — as únicas que não me deram o seu parecer e incentivo, foram as portuguesas...

— Quais as casas mais representadas em Moçambique?

— Talvez a Editorial Organizações, a Bertrand e Parceria António Maria Pereira. Fazem-se edições de mil exemplares só para Moçambique. Os romancistas modernos é que geralmente não atingem a centena...

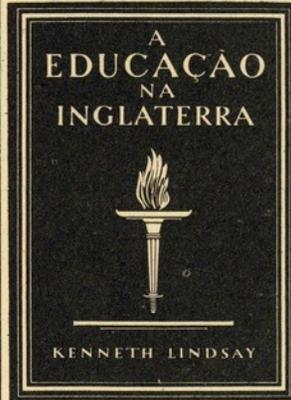
— Os livros demoram a aparecer?

— Em geral, levam 3 meses de atraso. Mas acontece também, como agora com as «Memórias» de Norton de Matos, que os livros seguem para ali antes de serem postos à venda em Lisboa.

— Espera, todavia, que a situação melhore?

— Na semana passada, houve uma reunião de livreiros-editores. Os problemas foram debatidos e ventilados. A forma como tenho sido recebido, mostra que em algum apreço têm tido o meu esforço e a minha acção. Bem vê... não procuro ganhar uma causa para mim... mas para a unidade da cultura portuguesa. O tempo dirá quem tem razão...

OS LIVROS DO MOMENTO



VOLUMES DA COLEÇÃO A GRAN-BRETANHA ILUSTRADA



RELIGIÕES PRIMITIVAS

por FLAUSINO TORRES

SUMÁRIO

Os origens do sentimento religioso. O sentimento social e religioso. O Cristianismo e o sentimento religioso. O sentimento de unidade da humanidade e o sentido da vida.

56 57

10500



VOLTAIRE NA INTIMIDADE

CHARLES OULMONT

COLEÇÃO HOMO



ALVES REDOL

FANGA

ROMANCE

"INQUÉRITO"

O romance de grande êxito dos últimos tempos

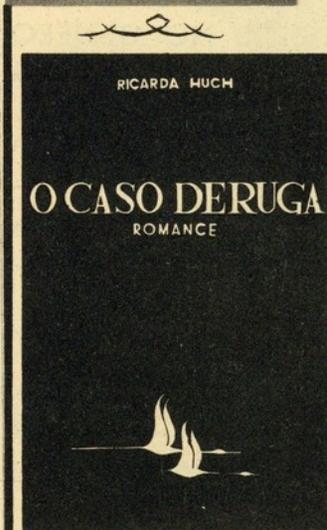


SANGUE AZUL

romance de Jane Austen

OBRA ESCOLHIDA DE AUTORES ESCOLHIDOS

EDICAO ROMANO TORRES



RICARDA WUCH

O CASO DERUGA

ROMANCE

EDITORIAL AVIZ

R. da Trindade, 20-2º - LISBOA

Os livros que deve ler



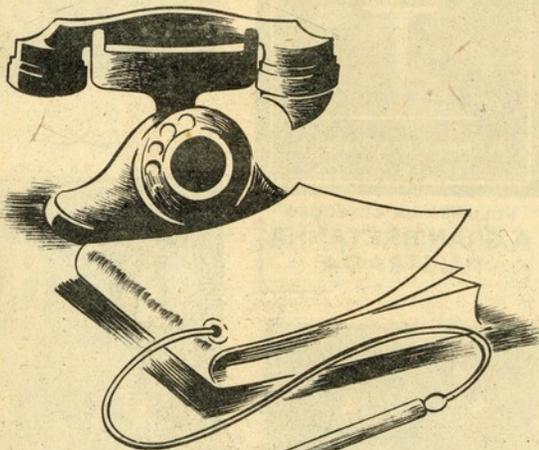


'MONTEGIL'

Fixe bem V. Ex. este nome e esta marca! São super-produtos de beleza e de perfumaria nacionais de moderna técnica!



PEÇA-OS NAS CASAS ESPECIALIZADAS



Tome nota! 21368

é o número do telefone dos atelieres gráficos

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

OS MAIS COMPLETOS NO GENERO

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

composição / Mentholum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.



Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

PUNHALADA

(Continuação da página 32)

Mário acabava de chegar do passado. Procurou Rosália com a vista. Sorriu-lhe. Levantou-se resolutamente. Encontrou-se inclinado a suplicar-lhe a honra daquela valsa.

Enlaçou-a. Perturbou-se. Ela chegou a cara. Esquecidos, voltaram nas asas da música.

Mário arrastou-a para a sua mesa. Conversaram de nada. Ela séria. Ele perturbado.

A orquestra começou a soluçar um tango. Era o tango deles. A luz vermelha acanhava o ambiente. Quantas vezes o tinham dançado com sentimento. Tolices!

No coração de Mário aquela música acordava mundos de recordações. Dobrou-se mais ainda sobre Rosália e rezou-lhe baixinho:

— Se tu quisesse, amor!

E mergulhando naqueles olhos longínquos que todo o incendiava, repetiu:

— Amo-te tanto, tanto!

Tateou ao longo da mesa em busca da mão de Rosália. Um arrepiado de desejo galopou-lhe nas veias. Apertou-a com carinho. Nos lábios de Rosália morria um sorriso indefinido. Mário contemplou aquela mão de mármore. Percorreu com o olhar em brasa os dedos esguios, sublimes. De repente parou gelado. Aquêles dedos brancos, perfeitos, estavam algemados por um anel de ouro. Mário sentiu o resolegar dum combóio a entontecer-lhe o cérebro.

Num arranco heróico pôde ainda gemer:

— Casada?

A resposta veio afirmativa, esmagadora:

— Sim.

Num estremeção de energia, a voz molhada de sarcasmo, Mário insistiu:

— Rogério?

E Rosália, lentamente, a consolar:

— Não.

Mário ergueu-se, pesadamente. As fontes latejavam. Deu dois passos em direcção à porta. Voltou até ela, os olhos perdidos, dominado:

— Quem, então?

A rapariga cerrou as pálpebras e atirou a resposta:

— Um...

Mário abrangeu a parcela de prostituição que envolvia aquêl um. Um qualquer. O primeiro que tinha aparecido, talvez.

Viu a orquestra. O seu olhar chocou com os olhos parados do maestro.

Safu. A noite escura cortada dum vento fresco, dilacerante, não arrefeceu aquela excitação.

No cérebro baralhavam-se ainda, ferozmente, as impressões daquela noite. Doía-lhe a garganta. Um demónio de proporções enormes gargalhava-lhe na alma. Boiava-lhe na frente o olhar idiota do maestro. E nos ouvidos batia surdamente, ásperamente, aquêla palavra maldita, sem fronteiras, que o aturdiu: — Um!

Há um século...



...tirar uma nódoa era um caso sério

Hoje, num instante, tiram-se inúmeras nódoas, graças à superioridade do

CASULO Limpa-Fatos

Inimitável fórmula de 6 substâncias químicas inofensivas, que suprime **DEPRESSA E BEM O LUSTRO**, as **NÓDOAS**, o **MAU CHEIRO** e **TORNA OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS**.

Só custa 2\$00

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER & ALMEIDA

Rua da Madalena, 128, 2.ª — LISBOA



A alma, essa desconhecida...

(Continuação da pág. 19)

ser íntimo, das suas capacidades e possibilidades ocultas. A imagem e razão da nossa personalidade... do sub-consciente auxilia o psicólogo a estudar a pessoa em conformidade com as suas disposições íntimas. No desenho pode reconhecer-se a vida criadora dos germes produtivos da personalidade em embrião. O psicólogo deve saber que se transformam assim as imagens internas em divagação, formação e realização. A decifração, portanto, só é possível a quem compreenda, a fundo, o sub-consciente e depois de conhecimento exacto dos símbolos, tais como nos são apresentados nos mitos, nas lendas e na vida do homem culto. Só uma sensibilidade viva e compreensiva pode encontrar o verdadeiro conhecimento através de cada esquema de decifração. Sem exaêro, podíamos chamar a isto uma arte de análise.

Segundo o dr. Heyer, é aqui que vive o segredo da alma e dos sentidos, que não deve ser erradamente designado de «milagre» ou de «poesia». Esse segredo não reside na diligência do investigador; revela-se no coração dentro do próprio peito. Apesar disso, a decifração científica tem que ultrapassar a intuição pessoal. Com a prática da experiência podem determinar-se, de modo compreensível, os símbolos e formas, e já existe dum certo modo uma espécie de cânon de símbolos e signos que facilita grandemente o trabalho de decifração do psicólogo.

FANTASIAS NO PAPEL

Os desenhos inconscientes surgem do modo mais variado: às vezes por uma espécie de esquecimento do mundo real; outras, dum visão sonhadora ou dum abandono que se aproxima do sonambulismo, em que a mão desenha como um autómato. Por vezes, formam-se imagens preciosas pela simples paralisação ou desvio da atenção consciente. A pessoa não as vê antes de lançar as fantasias no papel. Parece então ao desenhador que foi guiado apenas pela atracção do papel branco, do lápis e das cores. Em geral o desenhador, a princípio, não percebe o sentido das linhas, cores, figuras e formas desenhadas, e só as compreende depois de decifradas pelo psicólogo. O colorido é tão expressivo como a forma.

Fica-se impressionado perante esta confissão do sub-consciente. Nunca, anteriormente, a vista aprofundara tanto o ser humano, nunca se decifrarão tão claramente os segredos mais recônditos do pensamento humano, da miséria ou da felicidade humana, como nestas criações inconscientes.

ADOLFO MENER



NOTAS DE GUERRA



Eis uma nova arma blindada alemã. Chama-se «frelon» e apareceu inesperadamente, pela primeira vez, nas regiões do Báltico, certamente um futuro grande campo de manobras. Montado sobre um «tank», este canhão é de admirável potência e precisão, sendo ainda de salientar a sua estranha «mobilidade».



Roma... Março de 1944. Um bombeiro, uma freira, um padre e um civil colaboram, lado a lado, nos trabalhos de salvamento, após um ataque aéreo. A trágica união das forças humanas, contra a devastação da guerra...



Depois da tomada de Termoli, o general Montgomery, o novo filho querido da vitória, inspeciona as tropas de operações anfíbias do serviço da marinha.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



DE VALERA — Corre-lhe nas veias o sangue espanhol do pai e irlandês da mãe. A sua carreira política foi agitada — condenaram-no à morte por ocasião da revolta da Páscoa, em 1916, mas a pena foi-lhe comutada. Depois, foi eleito Presidente da República irlandesa mas, em 1925, foi preso, para depois organizar a Fianna Fail. Mas, em 1932, novamente a «chance» política o leva ao poder, fazendo-o Primeiro Ministro do Estado Livre. Mais tarde foi Presidente da S. D. N., e hoje é o chefe político da Irlanda. Vida aventureira, vida de sangue e de lágrimas, tem procurado por todos os meios isolar a Irlanda da guerra e — mais do que isso — da Inglaterra. Os últimos acontecimentos provocados pelo pedido americano de um corte de relações com o Eixo, chamaram, de novo, De Valera para o primeiro plano da política internacional..

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIV - as forças equilibram-se

ERA dentro desta concepção que, no quadro geral das operações em curso, os acontecimentos da frente leste se revestiam dum incontestável importância no começo de 1942. Essa frente constituía o centro de gravidade da guerra que, entretanto, se estendera a todo o mundo. Por outro lado, era nela que se registava o choque das maiores massas militares. Mesmo que a estas não competisse a decisão final, pois, dadas as características estratégicas da conflagração mundial conduzida em três dimensões, a acção das forças terrestres só por si não bastava para decidir da contenda, era evidente que, enquanto a Wehrmacht detivesse a superioridade esmagadora de que até essa altura dispusera no continente europeu, se tornava inútil tentar sequer anular o esforço da coligação de que ela era a armadura militar.

De aí a importância que era lícito atribuir às conclusões estratégicas e políticas tiradas no final da primeira fase da campanha da Rússia, aquela que descrevemos no artigo anterior e se estendeu de 22 de Junho de 1941, data da entrada dos alemães em território russo, a 7 de Dezembro daquele ano, dia em que se iniciou a contra-ofensiva soviética, ao mesmo tempo que os japoneses desencadeavam o seu ataque de surpresa em Pearl Harbour.

A máquina militar soviética, ao contrário do que se esperava, não fôra liquidada pelo ímpeto ofensivo do adversário. As vitórias que este alcançara traduziam-se por um desgaste recíproco em que a parte suportada pelos russos era, sem dúvida, maior do que aquela que os alemães haviam suportado mas que não bastava para suprimir, definitivamente, a sua capacidade de resistência. A necessidade de conduzir uma campanha de inverno na Rússia representava uma inovação com que o Reich não contara, e que não deixaria de ser fértil em surpresas.

Esta circunstância não bastava, porém, para desanimar nem o comando nem a nação alemã. Os dirigentes do Reich consideravam que, ultrapassada a etapa invernal, seria necessário recomençar com uma energia idêntica àquela que havia sido desenvolvida até ali. E por isso todos os seus esforços se encaminham no sentido de preparar a ofensiva do ano seguinte, partindo do princípio de que as circunstâncias daquele ano se repetiriam.



General von Brauchitsch, o «Molke moderno», como lhe chama a geração de hoje, na Alemanha

O FACTOR JAPONÊS

Entretanto, nas capitais do Eixo depositava-se uma confiança justificada na intervenção do factor japonês. Esse factor devia, no pensamento dos dirigentes do Eixo, restabelecer novamente a margem de superioridade que o resultado da campanha da Rússia alterara no sentido dum equilíbrio de forças. Os primeiros êxitos dos japoneses no Extremo Oriente não fizeram, de resto, senão confirmar a tese optimista dos que pensavam que o Japão, pelo emprego adequado dos métodos da guerra relâmpago, levaria rapidamente de vencida a resistência norte-americana no Pacífico ficando, depois, em condições de tranqüilamente resolver o incidente chinês, que vinha a protelar-se indefinidamente.

O golpe desferido contra a esquadra dos Estados Unidos fôra, em tudo, uma repetição das acções fulminantes conduzidas pela Wehrmacht na Europa. Poucos dias antes de êle se produzir, os diplomatas e os representantes militares do Reich e do Japão tinham celebrado, sob a presidência do delegado especial do Fuhrer,

Fritz Wiedmann, uma reunião em Cantão. Quando se revelou a existência dessa reunião e das personalidades que a ela assistiram, ninguém teve dúvidas de que a estratégia alemã na Europa teria uma correspondência perfeita nos desenvolvimentos militares que iam seguir-se no Extremo Oriente.

As referências elogiosas que a acção militar dos japoneses merecia diariamente à Imprensa do Reich e da Itália, era a prova mais eloqüente de que devia contar-se com uma conjugação de esforços que reflectisse, no domínio da estratégia, a identidade de fins políticos assinalada no pacto tripartido assinado em Setembro de 1940. Se isso se verificasse, era claro que o equilíbrio de forças seria puramente teórico e que o Eixo teria encontrado maneira de restabelecer a sua superioridade continuando a fazer do efeito de surpresa a melhor arma para dominar a lentidão de movimentos e a falta de previsão dos seus adversários.

O POTENCIAL HUMANO

Assim o Reich, com as suas vitórias, bastantes para lhe assegurar um prestígio incontestável na Europa, prestígio que era mais do que suficiente para evitar um retomo ofensivo dos anglo-saxões num prazo relativamente curto, estava em condições de esperar que a balança de forças, no conjunto, voltasse a jogar a seu favor. Ponto era que lhe fôsse possível dominar a crise suscitada pela necessidade inesperada de fazer uma campanha de inverno na Rússia e reparar os inconvenientes que resultavam da demissão do chefe da Wehrmacht, marechal Walter von Brauchitsch.

Este, efectivamente, abandonara as suas funções por motivo de doença, algumas semanas antes, deixando uma vaga que não seria fácil preencher, dada a sua categoria profissional e o prestígio incontestável de que gozava nos meios militares do seu país. Essa demissão filiava-se, mais do que em motivos de saúde, em divergências sobre a condução da campanha da Rússia. Na carta que dirigiu ao chanceler, o comandante chefe das forças armadas alemãs fazia-lhe um apêlo para que atentasse na conveniência de fazer intervir, oportunamente, os argumentos de ordem política que, nessa altura, eram de molde a conseguir uma alteração profunda das condições em que a guerra se desenvolvia, alteração que não deixaria de beneficiar os interesses do Reich.

O pensamento profundo do marechal, expresso na sua carta, era o de que a guerra, dada a sua amplitude e a extensão e importância dos factores postos em jogo, não devia confinar-se no plano puramente militar, e que os elementos políticos, morais e psicológicos, eram de molde a contribuir, mais talvez do que a sorte das batalhas, para apressar o seu termo em condições propícias e convenientes. Os acontecimentos que, posteriormente, se produziram, não serviram senão para confirmar a tese de Brauchitsch.

Mas na altura em que ela aparecia enunciada, não deixava de constituir um paradoxo que fôsse precisamente um chefe militar, o mais categorizado e autorizado do seu país, que pensasse na vantagem de fazer intervir para a solução da contenda, elementos estranhos à sua profissão, enquanto uma grande parte dos chefes políticos continuavam a confiar tudo da solução puramente militar do conflito.

O POTENCIAL HUMANO

Estes aspectos da situação, no tocante ao Reich, apareciam complicados por um factor novo e decisivo: a crise do potencial humano. Até à campanha da Rússia, o Reich pudera fazer uma guerra de especialistas em que o dispêndio de vidas devia considerar-se mínimo. A Alemanha fazia, na mais larga acepção deste termo, a guerra do material para a qual os seus inimigos se não haviam preparado. Na Polónia e na França tinham sido os seus carros e os seus aviões de bombardeamento que conseguiram liquidar os exércitos daqueles países, mais do que o soldado alemão segundo a definição tradicional deste elemento decisivo da luta, isto é o soldado de infantaria, cuja missão consiste essencialmente em ocupar.

Os cinco meses e meio que a campanha de leste durara, tinham revelado uma fase nova da guerra. Era aquela em que o homem, com o sacrifício da sua vida, voltava a desempenhar o principal papel. Embora não se tivessem revelado cifras oficiais (os primeiros números revelados do lado alemão foram dados no discurso do Fuhrer de 8 de Novembro de 1942 e do lado russo nunca foram publicadas cifras oficiais) ninguém tinha dúvidas sobre o carácter mortífero de que se revestia a campanha de leste.

Foi para obviar a este inconveniente, que os alemães puseram em prática novos métodos os quais podiam resumir-se em duas práticas fundamentais. Na

Quatro Chapéus para a Primavera

A Primavera acaba de chegar, vestida de lindas cores que são um hino à vida, um regresso à mocidade. É necessário recebê-la convenientemente. Para isso, precisamos de estar alerta à voz dos grandes costureiros e modistas.

Em primeiro lugar, consideremos o eco de Carmen Viorment que chega até nós apresentando dois elegantes modelos para penteados diferentes. O primeiro, é um moderníssimo turbante de seda cor de vinho e palha cinzenta pérola. O segundo, é um chapéu de «jersey» castanho e branco, colocado um pouco inclinado para a frente.

Mas, Reyne e Berthe Peney são as criadoras, respectivamente, dos modelos 3 e 4. O modelo 3 representa um chapéu de seda e palha azul pálido, coberta toda a aba por um finíssimo véu. O modelo de Berthe Peney é um turbante de seda natural cor de cereja.



MEIA DUZIA de conselhos PRATICOS

O lustro dos vestidos de lã ou de seda, tira-se facilmente esfregando com uma solução de 10 gramas de sal e 10 gramas de amoníaco em um litro de água morna.

* * *

Para as nossas fotografias, devemos escolher de preferência o lado esquerdo do rosto, por ser ele mais perfeito e mais simétrico do que o direito.

* * *

Para tornar as mãos macias é de excelente resultado friccioná-las com uma mistura em partes iguais de glicerina, sumo de limão, água de Colônia e um pouco de azeite comum.

* * *

As nódoas de vinho tiram-se quasi que instantaneamente, imergendo a parte manchada em leite a ferver.

* * *

Com azeite limpam-se perfeitamente tanto os quadros a óleo como as molduras douradas.

* * *

Os espelhos, por mais sujos que estejam, ficarão resplandecentes se juntarmos à água da sua lavagem, um pouco de anil.

A RECEITA DA SEMANA

ROSQUINHAS DE QUELJO

Amassam-se muito bem três pires dos grandes de farinha, um pires de queijo parmesão ou qualquer outro, ralado, um pires de açúcar, um pires de manteiga e meia chávena de leite. Faz-se com tudo isto uma bola de massa dura que possa ser bem batida.

Depois de pronta a massa, fazem-se rosquinhas bem miúdiinhas e levam-se ao forno em tabuleto untado de manteiga, tendo-se o cuidado de as não deixar tostar muito.

Estas rosquinhas ficam, de facto, deliciosas, mas a dificuldade... é conseguir fazê-las!...

APERITIVO

Tiram-se as peles dos gomos de duas laranjas, partindo-as em pedacinhos, que se envolvem em açúcar juntamente com quartozinhos de rodadas de ananaz, guardando-se, depois, tudo numa geleira.

Na ocasião de servir, põe-se em taças pequenas e esgulas uma colher dos pedacinhos das frutas geladas e enchem-se as taças com uma mistura, em partes iguais, de vinho do Pôrto, «cognac» e licor forte, pondo-se em cada taça uma bola de gelo pisado e comprimido.

A mulher e os carros eléctricos

Ha problemas que a mulher tem de encarar tal como hoje se orgulha de ser.

A mulher moderna e sadia, a mulher desportista, a mulher que encara a vida sob um prisma de trabalho e inteligência igual ao do homem, tem consequentemente certos deveres que não pode deixar esquecidos por mero comodismo. Assim é necessário, para que reconhecamos o nosso direito.

Actualmente há um problema que muito tenho ouvido discutir: os lugares sentados nos carros eléctricos! E quantas vezes não ouvimos lamentações, acusando o homem de egoísta e nada «cavalheiro»; só porque não tem a «gentileza» de nos oferecer o lugar conquistado pela força...

Santo Deus! Na verdade, precisaremos nós mais do que ele dêsse lugar? Quantos, quer pelo excesso de trabalho, quer por falta de saúde, não irão mais cansados do que nós? Para quê, exigir um direito do qual, pela presente maneira de agir, livremente abdicámos?

Se a mulher pode hoje tanto como o homem — e disso estou eu certa — deve demonstrar-lhe, justamente, que não espera a cedência do melhor lugar como um dever imperioso. Todavia, se algum cavalheiro quiser ter esse requinte de gentileza, a mulher terá o direito de ficar agradecida e de forma alguma tomar esse gesto gentil como uma obrigação. Salvo, é claro, quando se trate de condições especiais, como por exemplo: duma pessoa idosa ou doente, duma mulher em vésperas de ser mãe, de qualquer pessoa enfim, que notemos precisar duma atenção.

Mas, até mesmo nestes casos, a própria mulher nova e resistente deve também contribuir com o seu lugar, numa perfeita compreensão dos deveres sociais.

É certo — e infelizmente — que nem sempre os cavalheiros se portam como cavalheiros.

As plataformas dos carros vão cheias de homens e mulheres, quasi numa amálgama. E então — há sempre quem se aproveite dessa aborrecida falta de espaço. Mas para os indivíduos falhos, em absoluto, de delicadeza e de civildade, deve ir todo o nosso desprezo — dizem!... Contudo, eu opto pela maneira simples e prática de — desembaraçadamente — lhes demonstrarmos que os saberemos castigar e confundir, se necessário fór!

Assim pensando, julgo que a mulher será mais mulher se conseguir a sua liberdade e independência, protegida apenas pela educação moral que recebeu e o respeito por si própria!

Não há lugares sentados nos carros eléctricos? Paciência, nós as mulheres de hoje, saberemos ir de pé. Porque se queremos os mesmos direitos que os homens têm, não devemos ambicionar mais regalias do que eles!...

Não sei se todas as leitoras desta página pensarão assim, mas esta é a minha opinião!...

MARIALIA

As Experiências de Madame Curie

RECORDAM-SE de Madame Curie, desta mulher tão frágil e pequena mas duma energia, duma tenacidade e duma inteligências tais que deixou o mundo com os olhos postos nela?

Pois bem. Essa Marie Curie — a única mulher duas vezes galardoad com o Prémio Nobel — mesmo dentro do seu lar, não modera o seu espírito de novas descobertas.

Eis um curioso extracto do seu diário caseiro:

«...Cozi 3^{kg},672 de frutas variadas, groselhas, framboesas, amoras, maçãs e juntei-lhe o mesmo peso de açúcar cristalizado.

Depois de dez minutos de fervura, mexi muito bem e passei tudo por uma peneira muito fina,



conseguindo 6^{kg},426 de gelatina opaca que coagulou perfeitamente...».

Uma defesa permanente contra as bactérias e os dentes são e bores terá V. Ex. na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

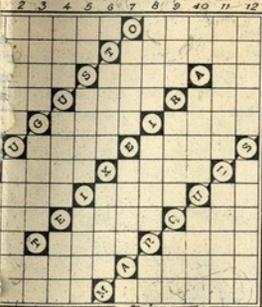
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

LAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

LAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 20

Jerónimo Pinteus de Sousa
(Lisboa)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Comandante pequena embarcação; cofres. — Nome de homem; refinara (car). 3 — Derrotel; roquel; as de Cristo (abrev.). 4 — Nome mulher; tem a faculdade de; chor. 5 — O lado do vento; jogo cartas; alúmen (plur.). 6 — Sem tura. épocas. 7 — Palácio dos ou dos bispos; guarnecer de as. 8 — Macambúzio; ovários dos sex; aparência. 9 — Escudeiro; na branca (plur.); levante. 10 — trágulo; pron. pessoal (plur.); idas. 11 — Pequenos barcos de a usados no sul de Portugal; o. 12 — Dificuldades; transmiti gratuitamente (bens) a outrem.
VERTICAIS: 1 — Árvore africa; serra de Portugal. 2 — Imã cerdote); bancos fixos de pedra. — Nome que a Bíblia dá ao chefe anjos rebeldes; irmão; artigo (ur.). 4 — Prefixo designativo de s; enxuto; ligação. 5 — Letra gá; meato; fileiras. 6 — Jogo portivo; vazias. 7 — Cantor. gnicâncias. 8 — Queima; apêns das aves — prep. e artigo. — Soberano; liguas; cólera. 10 — ul; afecto; agregar. 11 — Fios de ul; afecto; agregar. 11 — Fios de ul; com asas (fem.). 12 — Malas uenas; prisioneiros.

PROBLEMA N.º 19

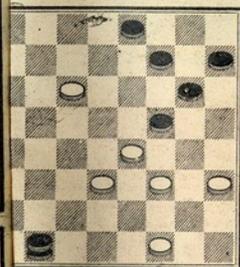
Solução

HORIZONTAIS: 1 — Estalar; cás. — Narrar; caro. 3 — Anais. co. 4 — Mamã; bala. 5 — Ova; a; PT. 6 — Ra; mi; pro. 7 — ar; vier. 8 — Pala; agi. 9 — Mora; y; ao. 10 — Até; rosas. 11 — Resram.
VERTICAIS: 1 — Enamora; mar. — Sanara; pote. 3 — Trama; ma. 4 — Ária; mala. 5 — Las; villa; 6 — Ar; bé; sol. 7 — Calo; tesa. — Cola; mar. 9 — Cara; pia; sã. — Arc; prega. 11 — Somatórios.

DAMAS

PROBLEMA N.º 15 (Concurso)

Por Cândido Policarpo
(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

JOGO N.º 3 (Estrangeiro)

Abertura 3-2

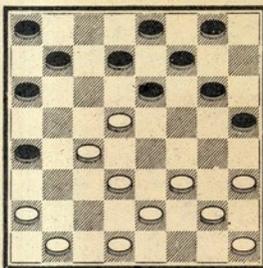
DENNY

Branças: Jordán

Pretas: Stewart (campeão de Inglaterra).

11-15	1.º	23-20
6-11	2.º	20-16
2-6 (a)	3.º	21-17 (b)
15-19 (c)	4.º	22-15
12-19	5.º	27-22
11-15	6.º	25-21
7-11 (d)	7.º	31-27 (e)

POSIÇÃO DO JOGO AO 7.º LANCE DAS PRETAS



4-7	8.º	29-25
15-20	9.º	22-15
11-14	10.º	15-11 (f)
6-15	11.º	27-22
7-12	12.º	16-7
3-12	13.º	21-18
14-21	14.º	25-18
20-23	15.º	28-19
10-13	16.º	17-10
5-23	17.º	18-14
23-28	18.º	32-23
15-19	19.º	22-15
12-28	20.º	14-11
28-31	21.º	Empatado

(a) Esta é a jogada mais correcta. Esta maneira de desenvolver o jogo das brancas é semelhante ao desenvolvimento das pretas na partida «Napolitana», mas com as cores trocadas. A posição das peças, mesmo com as cores trocadas, é igual para as brancas; porém, em contrapartida as pretas ao ter desenvolvida a diagonal encontram-se em posição mais vantajosa. Se o branco tivesse jogado 11-14 e o preto respondesse com 28-23 dar-se-ia o seguinte tiro: 15-19; 22-15; 12-28; 32-23; 14-18; 21-14; 10-28 e ganha. Numa partida, S. Casañas jogou em lugar de 2-6, 10-13, que é muito inferior. Porém, o seu adversário não soube aproveitar.

(b) A continuação habitual é 28-23; no entanto, esta variante é mais moderna e é considerada como melhor. O seu objectivo é impedir o desenvolvimento da diagonal com 10-14 pela ameaça de 17-13, dado que o enfraquecimento do recanto 1-2, poderia resultar perigosa para o branco.

(c) E aqui a troca que restabelece o equilíbrio e iguala o jogo. A formação sobre o segundo circuito, ou paralela, não tem outro objectivo que este. Quem não se aproveita dele perde quasi sempre.

(d) Numa partida analisada por F. Tescheleit continua-se com: 10-14, 30-27; 6-10, 22-18; 8-12 (notese a elegância com que é conduzida esta partida de 1890), 18-11; 7-14, 16-7; 3-12, 27-22 (mal); 19-23,

28-19; 14-23, 22-18 (se 22-19; 15-22, 26-19; 23-27, 10-13 e ganha); 4-7, 29-25; 23-27, 31-22; 7-11, 32-28; 10-13, 17-10 (chegando a uma posição que é jogo igual no jogo inglês; porém, no nosso deve ganhar o preto).

(e) Jogada nova e original.

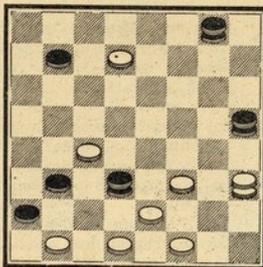
(f) Não há nada melhor.

PROBLEMA N.º 16 (Concurso)

Por Marcelino Pécuro

(Vila Viçosa)

(Dedicado a Manuel Joaquim Pinho, da Cova da Piedade)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 14 (Concurso)

Soluções

7-11	14-19	13-18	11-15
16-7	23-14-5	22-13	29-19-12
8-22-31-24-29-18-4	24-11	11-16	
32-28	21-17	P.	

FINAL DE JOGO N.º 2 (Concurso)

1.ª hipótese

3-7	7-3	3-7	7-14
26-22	22-19	19-15	16-12
5-10	10-13	13-17	4-14
12-8	15-12	12-7	P.

2.ª hipótese

3-7	7-3	5-10	
26-22	25-21	P.	

Nota — A «dama» é que tem que dar infico à jogada; se fôr a «pedra» empata-se.

Efectivamente, se B 5-10, 26-22; 10-13, 22-19; 3-7, 16-12; 7-16, 19-14. Empatam.

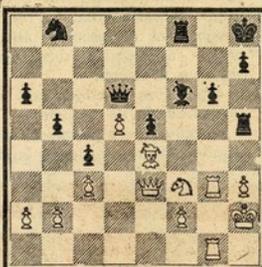
FINAL DE JOGO N.º 3 (Concurso)

11-15	17-21	15-20	21-26
26-22	22-18	18-14	29-22
25-29	29-25	25-11	11-2
22-18	18-13	13-10	P.

XADREZ

MOMENTO CRÍTICO (N.º 5)

Que jogaria nesta ocasião?



Jogam as brancas.

MOMENTO CRÍTICO (N.º 4)

(Solução)

Partida Dinsen-Kornig: 18, C7A1, ganha.

Ventura e a generosidade da mulher...

Por ZÉCO



— Meu querido Venturinha, veio cá um pobre pedir vestuário velho para ele e para a mulher.



— E então, deste-lhe alguma coisa?!...



— Dei-lhe o teu fato preto de há dez anos e o meu vestido cor de rosa da semana passada.



PUNHALADA

Novela de Manoel Homem Ferreira

Desenho de Stuart

MÁRIO subiu lentamente as escadas do Casino. Os degraus alcatifados dum vermelho de sangue onde os seus passos se abafavam, traziam-lhe à memória, vagamente, o xadrez de mosaico dum açougue. A mesma fúria animal, o mesmo desejo de mulher, de ruído, animava os que se dirigiam para o salão de baile.

Na sala, tóda agazalhada de «stores» anilados, beijada pela luz de mil pequenas lâmpadas, procurava-se um lugar, um poiso cómodo.

Mário tinha sido previdente. Telefonara do hotel a reservar uma mesa. Ficava agora perto da orquestra, num ângulo do «ring» de dança. Sentou-se. Bateu um cigarro no dórso escamado de prata da cigarreira e acendeu-o. Os pares passavam à sua frente num desfile variado. Relanceou à sala um momento. Animação em tódas as caras. Observou os que dançavam. Viu tudo. Daquêles que se derretiam de ternura, as cabeças unidas e os corações fundidos. Elas de olhos semi-cerrados respiravam amor por todos os poros. Eles mais materiais, mais machos, esmagavam-nas contra o peito. Um par espalhafatoso ladeou a sua mesa. Trepitantes. Contorções loucas, gestos largos e bruscos, arrancos balanceados. A um canto os esforços inauditos dum par de casados feriram-lhe a atenção. Seguiam calados, evoluindo com passos do seu tempo. Um riso de resignada desadaptação alegrava-lhes o rosto. Eram os únicos que dançavam por dançar.

Mário cansou-se de ver. Olhou a orquestra. Admirou o arranjo simétrico dos instrumentos. Achou falha de gosto a fardeta estravagante dos músicos. As suas pantomimas enervaram-no. Bocejou.

O maestro, de costas, atraíu-o. Era alto e forte. Reflexos de luz dançavam na mancha de carvão da casaca. Era o único em traje de «soirée». O talhe elegante do busto sobressaía.

Comandava os músicos, discretamente, com o arco do violino.

Voltou-se. Acorreu o violino no ombro, debruçou a cara e tocou. Tocou maravilhosamente. As arcadas fundas, imensas, lembravam dolorosas agonias. Quando o último som se perdeu, em desmaio magnífico pela sala fora, uma reboada de aplausos estrondeou. Inclinou ligeiramente a cabeça a agradecer.

Mário notou com estranheza a expressão imbecil do violinista. O seu olhar um tanto estrábico era nitidamente, declaradamente aparvalhado.

A injustiça da Natureza! Dofa-lhe aquela disparidade chocante. Aborrecido desviou a vista.

Uma sensação de espanto vincou-lhe o rosto. Perto de si, a uma distância de quatro mesas, se tanto, estava Rosália. — Não havia dúvida! Era ela tóda.

A seu lado um grupo de senhoras, de perna traçada, falava alto.

Mário envolveu-a num olhar intenso. A rapariga sentindo-se observada, virou-se para o importuno. Foi a sua vez de ficar surpresa. Os seus olhos cruzaram-se. Hesitaram. Cumprimentaram-se.

Mário voltou a si. E aos poucos, involuntariamente, pôs-se a recordar.

* * *

Recordava-se da primeira vez que a vira. Fôra na Avenida. Um sábado de Abril. Ele subia. Ela descia. O seu passinho miúdo, saltitante como uma arvéloa, acendeu-lhe a atenção. Mediu-a de alto a baixo. E achou-a de primeira qualidade.

O corpo flexível lembrava um florete italiano. Anavalhava-lhe os nervos. O cabelo negro retinto, hábilmente desgredado seduzia pelo mistério. Os olhos de cetim preto, macios, abrigavam-se magnificamente sob o alpendre delicioso das pestanas. Era um mimo, se era!

Perseguira-a durante uns dias. Nada. Persistira indomavelmente. A rapariga humanizárase um pouco. Acabou por ver o rapaz com simpatia. Atendeu-o.

Dali a algum tempo namoravam-se. Durou dois anos. Mário gostava dela. Mas sobre casamento, nada. Permitira-se já beneficiar dumas certas liberdades. Quantas vezes a tinha cingido contra si com uma animalidade exasperada. Sugava-lhe a bôca deliciosa com ânsia. As vezes era primitivo de mais.

— Sempre és um bruto! — murmurava incitadoramente a rapariga.

Ou então, romântica, afagando-lhe os cabelos:

— O meu cavaleiro do amor.

Na sua imaginação excitada pelos filmes amorosos e pelos romances de aventuras, acotovelavam-se os cavaleiros medievais, amorosos, façanhudos, rijos como o aço. Os filmes heróicos deixavam-na possuída duma febre ignorada.

Deveria ser maravilhosos ser requestada por um bruto — e o termo sabia-lhe a mel! — daqueles. Ah! E fantasiava oceanos de sangue a correrem por sua causa. Via-se disputada em lutas tremendas, ferozes.

Agora os rapazes limitavam-se a pagar-lhe chá e pastéis a um canto duma pacífica pastelaria da Baixa. Falavam de futebol e cinema. Vomitavam nomes horrendos de famosas orquestras americanas. Citavam música de pretos, títulos esquisitos, balbuciados numa língua de macaco. Que falta de emoção! A única coisa que conseguia entusiasma-la, a i n d a assim, era o chocolate americano. Tão bom! E dava estalos com a língua.

Mário fôra escolhido pela sua originalidade de maneiras.

Chegava a ser grosseiro, malcriado. Tinha exigências infan-

tas. E então aquela de beijar-lhe o sinalzito do pescoço?

Sempre era um disparate!

Tinha caprichos detestáveis. Não a queria deixar falar com outros rapazes. Era um bárbaro, estava visto.

Depois veio a zanga. A cena parva que êle lhe fizera quando a viu a conversar com o Rogério. E tão amável o Rogério. Tinha um automóvel alaranjado de «sport». Dilatava o coração aquêlo torpêdo de dois lugares, sem capota, o escape aberto a roncar com desespêro.

Era tão saboroso correr à desfilada através de campos e pinhais, vendo a fita preta da estrada a fugir, a fugir doidamente. Que prazer sentir as bofetadas do vento na cara. O carrito de dois lugares, a estrebuchar com a velocidade, estabelecia intimidade. Era aconchegado. Convidava.

Mário zangara-se porque ela aceitara o oferecimento de Rogério.

Estava na Baixa, porque não aproveitar e dar uma voltita antes de ir para casa?

— Ora! Zangou-se. Que viesse quando quisesse. Passava-lhe. E se não passasse! Aquilo assim também não era futuro nemhum.

(Continua na pág. 24)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844